NOS ALICERCES DO INCONSCIENTE



2ª EDIÇÃO

pelos campos da parapsicologia

JORGE ANDRÉA

JORGE ANDRÉA / NOS ALICERCES DO INCONSCIENTE

AS EXPLICAÇÕES DO FENÔMENO MEDIÚNICO ESTIVERAM SEMPRE DEPENDENTES DO SELO DA ÉPOCA E, COMO TAL, DO DESENVOLVIMENTO INTELECTIVO HUMANO. POR ISSO, SOMENTE DE UM SÉCULO PARA CÁ, É QUE A MEDIUNIDADE FOI MAIS BEM DEFINIDA E ENTENDIDA, APÓS AS OBSERVAÇÕES, CUIDADOSAS E METICULOSAS, REALIZADAS POR ALLAN KARDEC. ESSE INCANSÁVEL INVESTIGADOR ABORDOU O FENÔMENO EM SEU ASPECTO TRÍPLICE — RELIGIOSO, FILOSÓFICO E CIENTÍFICO — OFERECENDO BASES SEGURAS, A FIM DE QUE PUDÉSSEMOS, NOS DIAS DE HOJE, DINAMIZAR O TEMA NAS MODALIDADES QUE ELE OFERECE.

JORGE ANDRÉA / NOS ALICERCES DO INCONSCIENTE

O Autor, como médico e Prof. do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, neste livro, apresenta tema interessante e bastante atual. Faz um histórico dos fenômenos parapsicológicos, além de catalogá-los para melhor compreensão.

Como subsídio estuda, de modo sintético e prático, o sistema nervoso, apresentando esquema, com tonalidades próprias, da zona Inconsciente e defendendo essa energética como a responsável pelos mecanismos parapsicológicos. Considera a zona Inconsciente ou Subconsciente como a própria zona Espiritual, a respeito da qual, com os estudos de sua estruturação, conclui pela tese da imortalidade dessa energética interna.

Teve o cuidado de apresentar a fenomenologia parapsicológica, de modo sintético sem exposições intensas, a fim de facilitar a compreensão e mostrar que a multiplicida-

de de fenômenos desse jaez, estão na dependência da zona Espiritual com suas expansões vibratórias (psicossoma ou perispírito). Em estudando os mecanismos parapsicológicos, inclui a hipnose e os fenômenos mediúnicos em descrição simples e accessível para entendimento dessa tese de múltiplas interpretações. Faz uma tentativa de explicação dos diversos transes e apresenta um mecanismo de seu processamento nas estruturas nervosas do homem.

Conclui o trabalho, correlacionando alguns fenômenos mediúnicos com certas reações mentais de caráter patológico. Cremos ser leitura que mereça atenção, para esclarecimento de uma temática bastante controvertida, apesar de tão vicejada em nossos dias.

Por tudo isso, justifica-se a apresentação de Nos Alicerces do Inconsciente", como pertencente a essa nova coleção "Fontes Ocultas da Vida" constituindo seu primeiro volume.

JORGE ANDRÉA DOS SANTOS

MÉDICO, EXPOSITOR DO INSTITUTO DE CULTURA ESPÍRITA DO BRASIL E VICE-PRESIDENTE DE ESTUDOS CIENTÍFICOS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PARAPSICOLOGIA

NOS ALICERCES DO INCONSCIENTE

PELOS CAMPOS DA PARAPSICOLOGIA

(2ª edição)

1980

NOS ALICERCES DO INCONSCIENTE

PELOS CAMPOS DA PARAPSICOLOGIA

(2ª edição)

FONTES OCULTAS DA VIDA

A coleção FONTES OCULTAS DA VIDA, lançada há 7 anos, com os livros de Jorge Andréa, o foi com finalidade de atender aos tão solicitados temas diretamente ligados aos mecanismos do psiquismo.

Já apresentamos 6 livros, contando com mais 1, no prelo. Todos eles acobertados e definidos nos conceitos científicos dos nossos dias. Os assuntos, ligados à mecânica psíquica, estão correlacionados com problemas de Sobrevivência, Reencarnação e Evolução. Por isso, temos a certeza, de futuro, da ampliação dessa coleção, também com outros autores que tratem, com seriedade, dos assuntos em pauta, tanto quanto o nosso conhecido Jorge Andréa.

A acolhida do público interessado, até o momento, tem sido tão sugestiva que, praticamente, nos convidou e obrigou a prosseguir.

O Editor

Obras do Autor

Novos Horizontes da Parapsicologia. Editora Sabedoria. Rio. 1967 (esgotado — assuntos refundidos em obras posteriores).

Energias Espirituais nos Campos da Biologia. Editora Fon-Fon e Seleta. Rio 1971 (esgotado — assuntos refundidos em obras posteriores).

Enígmas da Evolução. Editora Caminho da Libertação. Rio. 1972 (esgotado — assuntos refundidos em obras posteriores).

Nos Alicerces do Inconsciente. Editora Caminho da Libertação. Rio. 1973.

Palingênese, a Grande Lei. Editora Caminho da Libertação. Rio. 1975. 1ª edição.

Energética do Psiquismo. Fronteiras da Alma. Editora Caminho da Libertação. Rio. 1976. 1ª e 2ª edições.

Dinâmica Espiritual da Evolução. Editora Caminho da Libertação. Rio. 1977.

Psicologia Espírita. Editora Fon-Fon e Seleta. Rio. 1978. Rio. 1979. 2ª edição.

Forças Sexuais da Alma. Editora Fon-Fon e Seleta. Rio. 1979. Rio. 1980. 2ª edição.

Este livro, como os demais do Autor, não visa remuneração e objetiva, exclusivamente, obra filantrópica.

Sumário

Prefácio 11

Introdução 15

CAPÍTULO I

Célula nervosa. Sistema nervoso cérebro-espinhal. Sistema nervoso autônomo. Glândula pineal. 29

CAPÍTULO II

Psiquismo humano: consciente, superconsciente e inconsciente. Psicossoma e discos energéticos. 47

CAPÍTULO III

Mecanismo perceptivo nas diversas regiões da psique. Energias espirituais: ciclo interno e externo. 63

CAPÍTULO IV

Fenômenos parapsicológicos. 75

CAPÍTULO V

Mediunidade: considerações sobre o transe, mecanismo e fenômenos mediúnicos. 107

Ao espírito de CARLOS IMBASSAHY, um dos mais expressivos pensadores do Espiritismo, nossa singela homenagem.

A DIFICULDADE OU OBSCURIDADE DE UM ASSUNTO NÃO É RAZÃO SUFICIENTE PARA O DESDENHAR.

ALEXIS CARREL

Prefácio

O presente livro nasceu da necessária e justificada idéia de um ajustado enquadramento dos fenômenos mediúnicos dentro da Biologia.

Fazer um estudo tão-somente desses fenômenos que se acham muito ligados a outros afins, todos pertencentes a Parapsicologia, seria uma poda prejudicial ao entendimento global. Por isso, ajuntamos conceitos e ordenamos idéias, muitas das quais constaram de nosso livro: Novos Horizontes da Parapsicologia. Desse modo, estamos permitindo maior elasticidade da temática, fornecendo certo realce ao fenômeno mediúnico, embora conservando o aspecto sintético da apresentação.

As explicações do fenômeno mediúnico estiveram sempre dependentes do selo da época e, como tal, do desenvolvimento intelectivo humano. Por isso, somente de um século para cá, é que a mediunidade foi mais bem definida e entendida, após as observações, cuidadosas e meticulosas, realizadas por Allan Kardec. Esse incansável investigador abordou o fenômeno em seu aspecto tríplice — religioso, filosófico e científico — oferecendo bases seguras, a fim de que pudéssemos, nos dias de hoje, dinamizar o tema nas modalidades que ele oferece.

Compreendemos a necessidade de definir o fenômeno mediúnico dentro da ciência. Não será obra dos dias atuais, mas os fatos são tão contudentes e tão do interesse do homem que não podemos relegar tamanha messe de observações ao monturo do descaso.

Sabemos, também, que qualquer fenômeno da vida nunca srá obra do acaso... Quanto mais o investigador pensa e

pesquisa, mais se envolve no mundo das energias, em faixas ainda desconhecidas. Já compreendemos que os limites dos cinco sentidos não podem definir a existência da verdade... Como explicar os fenômenos mais expressivos da histofisiologia, no caso especial do código genético, onde a ordem, disciplina e precisão, dentro dum quadro bem harmonizado ,traduziria uma telefinalidade? Como entender, sem um conceito de energética espiritual, as organizações tissulares nas formações bem categorizadas dos órgãos e seu trabalho altamente afirmativo? Como pensar, sobre os fenômenos que se passam em nossa cerebração — fenômenos de atividade, afetividade e da inteligência — sejam o resultado dum acaso de choques biológicos das organizações moleculares, excitados e movimentados pelas secreções endócrinas? Não podemos afastar de nossos pensamentos a existência de uma energética espiritual, com potenciais bastante avançados, influenciando, desde a morfogênese da espécie, toda a fenomenologia físico-química do corpo humano e propiciando os mecanismos mais nobres do psiquismo. O corpo humano é uma afirmação do mundo dos efeitos e não das próprias causas e, por isso, deve ser entendido como a tela de manifestação das energias profundas que carregamos, existentes em outras dimensões ainda pouco compreendidas e não devidamente avaliadas.

Com o melhor preparo do homem hodierno e o conhecimento científico de nossos dias, ao lado de um sem número de observações bem alicerçadas, o fenômeno mediúnico, de existência comprovada, em breve estará enquadrado nos capítulos da psicologia como de mais alto significado. A realidade deverá ser composta de fatos e não teorias. Os fatos estão comprovados (existência e vivência), porém o mecanismo estrutural desses fatos continua no setor das hipóteses. Sabemos que existe uma avançada energética ainda não mensurável e muito menos perceptível pelo nosso psiquismo; por isso, haverá inúmeras explicações, até mesmo por parte daqueles que sem condições de avaliação ousam emitir críticas.

Nestas páginas, não visamos a defender e demonstrar a realidade desses fenômenos por conhecidos que já são; trataremos, sim, de apresentar o desenvolvimento processual em

seu aspecto biológico sem os detalhes filosóficos de casos particularizados. Isso exige alguns estudos da biologia, mais propriamente do psiquismo humano, que abordaremos em caráter sintético como dados complementares ao entendimento do mecanismo mediúnico. Por tudo, será inevitável o colorido científico.

O AUTOR

Introdução

Existem nos dias de hoje, entre os diversos pesquisadores, imensas divergências na apreciação da Parapsicologia, em virtude das numerosas doutrinas espiritualistas vicejantes que, em suas estruturas, trazem como alicerce a teoria reencarnatória. Teoria esta combatida ou pelo menos não aceita, sem a devida e judiciosa apreciação, por quantos se dizem parapsicólogos.

Com isso, criaram-se grandes dificuldades na interpretação de determinados fenômenos, pela falta de julgamento aprimorado dos mesmos, onde o ainda desconhecido psiquismo humano é a tela de manifestações de todos eles. Os fenômenos variáveis, ao lado das manifestações divergentes, criaram na mente humana analítica limites de interpretação, causando, desse modo, apreciação limitada e bitolada, onde os fatos religiosos e emocionais sem bases lógicas foram fatalmente mesclados. Nesta situação, o intelectualismo, com todas as gamas de suas infinitas apresentações, passou a ser terreno de discussões, perdendo-se na horizontalidade de seus acirrados defensores, sem a visão sintética e verticalizada da essência dos fenômenos psicológicos. Com isso não queremos dizer que os fenômenos parapsicológicos devam ser integralmente definidos sob certos ângulos de observação, e sim que esses mesmos fenômenos possam ser apreciados em sua essência, apesar da variabilidade de aspecto e exteriorização, sem interpretações aligeiradas e superficiais das escolas sectaristas.

Existe forte reação contra as manifestações mediúnicas como fenômeno normal do psiquismo e como pertencentes à Parapsicologia, porque elas oferecem grandes modificações nas decisões adrede preparadas de determinados tabus científicos

e religiosos. Apesar de tudo, não entendemos como possam existir pesquisadores e parapsicólogos que ainda não revisaram o gigantesco trabalho que o espiritismo realizou, de modo ordenado e equilibrado, principalmente da era kardequiana para cá; ou não desejam incluí-lo na Parapsicologia por motivos que desconhecemos, quando a mediunidade ocupa quase integralmente os fenômenos parapsicológicos. Chamamos atenção para um ponto importante: este trabalho do espiritismo não deve ser confundido com manifestações mediúnicas desordenadas e apresentadas sem o devido senso de pesquisa equilibrada.

Por tudo isso, não existirá Parapsicologia se não for apreciada *toda a fenomenologia psíquica* que esteja além dos fenômenos conscienciais já pertencentes à Psicologia. Fica assim definida a Parapsicologia como a ciência que açambarca todos os fenômenos psíquicos existentes que, por motivos vários e não devidamente entendidos pela maioria, estejam além da fenomenologia corriqueira da Psicologia de nossos dias.

Classificações diversas foram utilizadas e muitos autores encaram os mesmos fenômenos sob aspectos e denominações divergentes. Desse modo, quer se denomine de Metapsíquica, ciência dos *Psifenômenos* ou Parapsicologia, não haverá jamais divergência de apresentação e manifestação, a não ser as naturais oscilações psicológicas do indivíduo. (*)

* * *

Os fenômenos parapsicológicos foram conhecidos das antigas civilizações onde os Caldeus e Egípcios deixaram referências dignas de estudo e apreciações. Assim, o princípio misteriosos da sincronicidade, na explicação da fenomenologia paranormal, está perfeitamente descrito no Kybalion.

---

* O têrmo *Psi*, na designação dos fenômenos paranormais, foi proposta dos parapsicólogos britânicos Thouless e Wiesner. Metapsíquica, foi têrmo criado por Richet em 1906; e Parapsicologia parece ter sido empregado pela primeira vez, em 1899, por Max Dessoir.

A bíblia está plena de referências ligadas aos fenômenos parapsicológicos. Eliseu recebe numerosas *mensagens telepáticas* do Rei da Síria, com grande riqueza de pormenores; no livro de Samuel existe a referência de uma mulher com espírito de pitonisa para ser interrogada — «a mulher foi trazida...» e o que se passa nada diverge da fenomenologia mediúnica.

Entretanto, foi na antiga Grécia que os fenômenos parapsicológicos atingiram posição de destaque através das escolas pitagórica e platônica que, ao lado das suas numerosas expressões filosóficas, definiram grandes verdades, sombreadas com o selo da época, e que a ciência dos nossos dias começou a comprovar. A clarividência e telepatia ficaram bem fundamentadas nos célebres oráculos, onde a veracidade de acontecimentos foi divulgada em muitas obras de valor, inclusive o interessante fenômeno de precognição passado com o Rei Creso.

Dessa época antiga até o advento de Cristo as referências são sempre ricas de minúcias, alcançando seu ponto mais alto com as próprias atividades do Cristo — realizações de uma psique altamente evoluída e, como tal, capacitada a proporcionar ações e fenômenos do mais alto quilate.

Após Jesus Cristo, as referências sobre fenômenos desse jaez ficam tolhidas pelos fatores religiosos que, ao seu modo, mostravam os fatos de seu próprio interesse e de duvidosa interpretação. Somente com o movimento da renascença o pensamento humano passa a apresentar melhores condições e, com isso, mais ajustada interpretação dos fenômenos da vida. GOETHE faz referências aos Psifenômenos em muitos pontos de sua obra; é bem interessante a citação da idéia de CAMPANELLA: «muitos podem ler no ar o que outra pessoa pensa».

No século XVIII, Emmanuel SWEDENBORG estuda e perquire fenômenos de clarividência, com provas bem seguras. Estando certa vez em Gotemburgo, descreveu os detalhes de um incêndio que se passava em Estocolmo.

A história da Parapsicologia se enriquece com MESMER, em virtude de seus experimentos no setor da hipnose,

e como um dos melhores desbravadores. De MESMER aos nossos dias, passando pelas escolas de Nancy e Salpetrière, o hipnotismo, apesar de estudado em algumas facetas científicas, ainda está cercado de desconfiança e não bem recebido pelas sociedades científicas, embora esteja investido de grandes possibilidades, devendo ser enquadrado como pertencente ao terreno parapsicológico.

O século XIX pode ser considerado como um marco nos estudos parapsicológicos, em virtude da definição da Anatomia, da Histologia e Patologia Geral. O conhecimento mais ajustado das estruturas e funções possibilitou melhor interpretação e apreciação da fenomenologia parapsicológica que tem como sede de manifestação o psiquismo.

Somos de opinião que a codificação kardequiana trouxe o melhor material no enriquecimento da Parapsicologia. Toda a causuística mediúnica, analisada pelo *bom senso kardequiano,* ao lado dos fenômenos anímicos devidamente equacionados deve ser incorporada nos capítulos da Parapsicologia, que se encontra fechada nas armilas de limitados conceitos e percepções, vindo mesmo ampliar sua casuística e sedimentar melhor os alicerces abalados pelos absurdos daqueles que desejam aplicar a dialética materialista na explicação dos fenômenos parapsicológicos. Dessa maneira, é pesaroso dizer que os cientistas europeus, de modo geral interpretando os fenômenos mediúnicos como de exclusivas bases religiosas, procuram fundar núcleos de estudos e sociedade entre elas na Inglaterra, a *Society for Psychical Research* que naturalmente excluindo o que melhor havia para estudo, foram descambando para o materialismo, com a finalidade de apreciarem toda a Parapsicologia na secreção das células cerebrais.

Apesar de tudo, aqui e ali, despontavam estudos sérios e bem organizados que concorriam para manter o facho aceso de tão interessante e apaixonante pesquisa. Desse modo, WILLIAM BARRET em 1876, descreve o fenômeno de percepção extra-sensorial debaixo de hipnose, mostrando às sociedades científicas de então que combatiam o fenômeno, a existência dos mesmos.

Nessa época WILLIAM CROOKES, laureado pelos seus estudos de física, penetra com coragem nos fenômenos mediúnicos, particularmente nos de materialização.

Em 1883, grandes experiências ao espírito da época, são realizadas por MYERS, GURNEY e PODMORE comprovando e confirmando estudos anteriores sobre a existência dos espíritos. CHARLES RICHET, na França, reconhece a existência de Percepção Extra-sensorial e procura um método quantitativo para definir os fenômenos.

A telepatia, por intermédio de SIDGWICH, em 1889, é considerada fenômeno verdadeiro e comprovado.

Por todo esse tempo, numerosos estudos, trabalhos e experiências são relatados, principalmente ligados à fenomenologia mediúnica que, ao lado de apresentações sérias, apareciam a fantasia, a mistificação e a fraude, deixando um rastro de desconfiança que alcançou os nossos dias. Mas, apesar de tudo, ficaram os estudos e demonstrações com as irmãs Fox, Sra. Pipers, de Esperance e toda coorte de médiuns estudados por W. CROOKES, KARDEC, C. FLAMMARION, GABRIEL DELANNE, LOMBROSO, BOZZANO e tantos outros.

* * *

Nos dias de hoje, ainda separando o fenômeno mediúnico da Parapsicologia, surgiram centros de estudos que, por ausência de uma visão sintética e mais ampla dos fenômenos da mente humana, ficaram restritos a determinadas situações de pesquisa, acarretando um diminuto e pequeno campo de aceitação. Procuram explicar os fatos à custa duma concepção idealista da psique ou por imersão no fluxo contínuo da consciência cósmica. Desse modo, temos, na Holanda, TENHAEFF, da Universidade de Utrecht e BENDER, da de Friburgo, na Alemanha; RHINE, na América, da Universidade de Duke; AMADOU e WARCOLLIER, do Instituto Metapsíquico de Paris; e SERVADIO, de Turim, na Itália. Outros grupos situados em importantes cidades como Nova Iorque, Inglaterra, Checoslováquia, Índia, Japão, Argentina e

Brasil, desenvolveram estudos de percepção extra-sensorial em variados ângulos e muitos deles auxiliados pela hipnose que, naturalmente, favorece e amplia a percepção dos sensíveis.

A tendência de todos esses grupos foi a busca de métodos quantitativos, induzidos, naturalmente, pelas palavras de Mc DOUGALL em 1927. É bem possível que os experimentos do biólogo RHINE e do matemático SOAL, tenham tido origem nas assertivas de Mc DOUGALL.

RHINE, na DUKE University, USA, desenvolveu experimentos baseados em métodos quantitativos e com os quais pretende definir e explicar a precognição, a clarividência, a telepatia e as ações psicocinéticas. Fenômenos desse quilate passam-se em dimensão energética e, por isso, são de difícil enquadramento nos métodos quantitativos mais apropriados à matéria.

TYRRELL, trabalhando na Inglaterra com uma médium, conseguiu interessantes fenômenos e assevera a necessidade de uma «atmosfera favorável» para melhor definição do mecanismo parapsicológico.

A Parapsicologia, em nossos dias, está alcançando tal posição que as críticas sem sentido dos menos avisados não têm tido o eco que pretendem; no entanto, ainda há grande desentendimento quanto aos capítulos que respondem pela Parapsicologia. A maioria admite a veracidade do fenômeno parapsicológico, não permitindo, contudo, que ultrapasse além de certas percepções extra-sensoriais e ação psicocinética. Ainda mais, salientam esta ou aquela posição, com que mais afinam e sintonizam, levando a Parapsicologia a setores limitados; isto é bem explicável como *condição afetiva* do pesquisador em face da percepção do fenômeno — acolhe o que lhe agrada e sente. Com isso, sem penetrar na essência da imensa fenomenologia parapsicológica, onde a sensibilidade mediúnica ocupa lugar de destaque, ficam retidos e extasiados na periferia, por falta de certos conhecimentos, e contentam-se com as sobras.

Por tudo isso, é que os livros de Parapsicologia, em geral, são apresentados como constituídos da seguinte fenome-

nologia: a percepção extra-sensorial (PES) e a ação psicocinética (PK).

No primeiro grupo, isto é, as percepções extra-sensoriais (PES) seriam desenvolvidas às custas de energias psíquicas, as quais denominaram de *capacidade psigama*. Neste grupo estariam incluídos os fenômenos de clarividência, telepatia, leitura de cartas, escrita automática, palavra automática e psicometria.

No segundo grupo, isto é, as ações psicocinéticas (PK) seriam desenvolvidas às custas de energias psíquicas, as quais denominaram de *capacidade psikapa*. Neste grupo estariam incluídas as ações nos objetos, produzindo deslocamentos, batidas, movimentos variáveis, etc., sem interferência de força física direta.

Consideremos, entretanto, que muitos pesquisadores dão elasticidade ao esquema acima apresentado, modificando inclusive a terminologia e ampliando a pesquisa em setores que melhor entendem e apreciam. Desse modo, aparecem livros de Parapsicologia abordando os fenômenos de hipermnésia (direta, indireta, emanações hiperestésicas), pantomnésia, etc., que se incluiriam melhor naquilo que denominamos, genericamente, de fenômenos anímicos — fenômenos oriundos de vórtices internos do inconsciente.

As classificações dos fenômenos parapsicológicos são numerosas e muito variáveis em suas conceituações, tais como: a de JOSEPH MAXWELL (1903), de BOIRAC (1908), do Prof. MACKENZIE (1923), do polonês LIBIEDZINSKI (1924), de CHARLES RICHET, RENÉ SUDRE, WARCOLLIER DOFOUR (1948) e de RHINE. Todas elas, com raras exceções, traduzem imenso desconhecimento da fenomenologia mediúnica, que deverá ser vista como fenômeno biológico do nosso universo, e não patrimônio religioso como pensam certos experimentadores.

A escola de RHINE salienta os aspectos psicológicos da percepção extra-sensorial ligada às funções da memória e personalidades múltiplas. Oficialmente, estão estudando os fenômenos telepáticos de comunicação à distância. Seus trabalhos não foram refutados.

Na Rússia, os parapsicólogos estão empenhados na descoberta da energia responsável pelos fenômenos paranormais: Disse VASILIEV: será uma descoberta mais importante que a energia nuclear.

Na Europa Central, o tema de maior interesse é a psicocinésia.

No Brasil, em particular, estão sendo estudados os fenômenos mediúnicos, conhecidos como os de capacidade Psi-theta, originários pela intervenção dos espíritos; existindo o assegurado conceito de imortalidade da alma. Os fenômenos Psigama, seriam os fenômenos mentais subjectivos e os Psi-kapa, como fenômenos físicos e objetivos, aqueles desenvolvidos pela ação da mente sobre a matéria.

* * *

Muitos autores encaram o fenômeno parapsicológico como normal, embora alguns cheguem a considerá-lo como caso patológico, próprio a determinados infranormais. Ainda existe um grupo que aceita o fenômeno parapsicológico como atributo dos indivíduos supranormais.

Ao lado de tudo isso, ainda divergem as opiniões quando definem o mecanismo do fenômeno como único, cujas manifestações são variáveis e secundárias, ou fenômenos distintos em seus aspectos. Neste último caso, classificam as percepções extra-sensoriais em quatro tipos:

a) fenômenos telepáticos — comunicações mentais entre si;

b) fenômenos de clarividência ou telestesia — divergindo do grupo anterior, por se se tratar de percepção física de algum sucesso material e não mental;

c) precognição — grupo de fenômenos que traduzem acontecimentos futuros;

d) retrocognição — tradução de acontecimentos passados sem conhecimento prévio dos «sensíveis».

A opinião geral é que os fenômenos de percepção extra-sensorial são todos emanações do subconsciente, embora alguns façam distinção entre emanações do subconsciente e fenômenos de percepção extra-sensorial. Quando analisam a fenomenologia em apreço e encaram aquilo que denominam de *dupla personalidade,* ficam confusos, emitindo hipóteses várias, inclusive admitindo a dupla personalidade e fatos semelhantes como «exteriorização de aquisições antigas do subconsciente». Os fenômenos reais de exteriorização do inconsciente são raros e quase nunca se manifestam com a riqueza de apresentação da dupla personalidade, muito melhor explicada pela fenomenologia mediúnica, na maioria dos casos.

Para RHINE os fenômenos de percepção extra-sensorial são normais, não existindo relação com os transtornos mentais e são melhor observados em pessoas hígidas, e fazendo parte da atividade psíquica.

Quanto às ações psicocinéticas, de modo geral, dizem não existir ainda explicação em nossos dias, embora, realmente, exista o fenômeno; não se sabe ainda o mecanismo dos mesmos e diminuto número de observações cumpre os requisitos da experimentação. Neste setor, existe imensa confusão com os fenômenos mediúnicos de efeitos físicos.

Em face da reunião dos estudos parapsicológicos de Cambridge, seus filiados passaram a encarar os fenômenos como *espontâneos,* único modo de se abordá-los. Com isso, sérios pesquisadores estão levando a Parapsicologia, também, para o terreno das manifestações mediúnicas que por seus aspectos multifaces (fenômenos mediúnicos e anímicos) enriquecem a própria Parapsicologia, onde poderão encontrar rota mais segura de abordagem de seus tão controvertidos temas.

Nos dias de hoje, os fenômenos parapsicológicos estão sendo observados à luz da encefalografia, da freqüência crítica de fusão, do reflexo galvânico, da respiração e relaxamento muscular, a fim de perquirir novos caminhos em busca de novos dados e registros, com finalidade de fugirmos das «probabilidades», o setor mais explorado até o momento.

O fabuloso trabalho realizado com os «sensíveis», no setor de reconhecimento de cartas, transmissão de desenhos, fo-

tografias e coisas afins, por todos esses anos, não vieram dar aos experimentadores confirmação do que pretendiam provar. Ainda mais, não chegaram a qualquer conclusão de profundidade, não ofereceram rota segura e não definiram a razão de ser dos fenômenos. Com tudo isso, estão à cata de uma experiência que seja possível no mais alto padrão científico Anotemos: os fenômenos parapsicológicos expressam-se em outras dimensões energéticas e, como tais, não podem ser alcançados com os nossos métodos atuais de pesquisas (avaliação por medidas analíticas próprias da zona consciencial); necessitamos mudar de rumo e encontrar novas medidas e registros.

A confusão neste terreno ainda é tão grande que alguns desejam associar a Parapsicologia com a Psicanálise. O conceito de hoje é que o parapsicólogo se interessa pelos fenômenos, onde não haja participação exclusiva da zona consciente, como se observa na telepatia, na precognição, etc., e os fenômenos de Psicanálise estariam ligados aos sonhos e atitudes mentais do indivíduo, encobertas pelos processos mentais subconscientes.

Como se vê, há uma desorientação fabulosa e incompreensão da totalidade dos fenômenos mentais. Temos que adotar um esquema, calcado na experiência, na lógica e no bom senso, para evitarmos confundir ainda mais o tumulto em que se vive no setor. Psicanálise é processo e fenômeno parapsicológico, é apresentação energética (objetiva ou subjetiva) com variações imensas.

* * *

Devemos encarar a Parapsicologia, Metapsíquica ou Psifenômenos, como o conjunto de fenômenos psíquicos que estão além do entendimento psicológico comum de nossos dias e se desenvolvem, habitualmente, pelas desconhecidas vias extrasensoriais, com aspectos variáveis e matizes apropriados.

Não pretendemos, neste livro, discutir a fenomenologia apresentada pelas diversas escolas e núcleos de estudo, mesmo porque estão perfeitamente expostas em publicações apropria-

das, traduzindo o alcance de seus investigadores. Faremos a abordagem dos fenômenos no sentido de focalizar um esquema acessível à compreensão de quantos se interessam pelo problema. Salientamos, contudo, que o demérito de certos parapsicólogos modernos, é não admitir o fenômeno mediúnico como pertencente à ciência, pois classificam-no de «manifestações histéricas» ligadas a certa liturgia religiosa — com isso traduzem exclusivamente um desconhecimento inquietante, com o qual põem em dúvida até mesmo aquilo que resta e que eles apresentam como verdade. Evitar o estudo dos fenômenos mediúnicos e tentar isolá-los como imprestáveis à Parapsicologia, é privar esta ciência de seu melhor cabedal, do mais substancioso material de estudo, quiçá de seus mais potentes e seguros alicerces.

No pensamento de AMADOU percebe-se que admite o sobrenatural teológico, ficando a ciência com o natural, isto é, os fenômenos que se desenvolvem no psiquismo humano como reflexos do campo subjetivo. No seu entender não são percepções extra-sensoriais. Por isso, fica apenas com o fenômeno telepático alicerçado num subconsciente de profundidade e desconhecido. Desse modo, aproxima-se da escola soviética, embora longe desta, porque admite a realidade metafísica sem possibilidade do alcance humano.

SERVADIO, na Itália, está bem próximo dos pensamentos de AMADOU.

RHINE e sua escola, encarando outros fenômenos além da telepatia, orientam-se mais num sentido evolutivo, onde o paranormal seria exclusivo da dimensão extra-física e que, após definição pela ciência se tornaria autêntico fenômeno físico. A idéia da escola de RHINE obedece a um roteiro que se aproxima dos pensamentos espiritualistas.

SOAL, PRICE e CARINGTON, elaboraram teorias que se confrontam com o problema da sobrevivência. Nesta posição, temos TISCHNER, na Alemanha, equacionando os fenômenos psicocinéticos. Todos estes, inclusive a escola de RHINE, estudaram com interesse os fenômenos Psitheta.

* * *

O fenômeno parapsicológico desenvolve-se de modo mais ou menos acentuado, tornando-se como que percebido e registrável, toda vez que existe um *«ente sensível»*. Logo, o fenômeno parapsicológico depende da *sensibilidade do indivíduo:* sensibilidade que, conforme o aspecto de que se reveste, poderá traduzir numerosos fenômenos, acompanhando nuanças diversas, num mesmo indivíduo, pelas naturais e normais variações de seu próprio arcabouço neuro-endócrino (personalidade).

Os fenômenos parapsicológicos, de modo geral, mostram-se tão matizados, tão cercados de múltiplas associações, que seria difícil isolá-los e classificá-los devidamente. Aliás, isto tem sido causa de desentendimento entre pesquisadores e estudiosos que, não captando certas possibilidades fenomênicas, por motivos religiosos, emotivos ou de outra ordem, tentam simplificá-los, despindo ou quebrando a essência de apresentação dos mesmos. Daí, a importância de se comprovar bem os fatos com equilíbrio, ausência de parcialidade e traquejo na avaliação fenomênica.

A ciência parapsicológica de nossos dias está estribada em métodos experimentais, possivelmente de duas ordens:

a) um critério de unicidade e especificidade — método qualitativo;

b) critério estatístico — método quantitativo.

O método qualitativo é o método de observação dos acontecimentos acompanhando relato exato dos fatos em foco, com atenção especial para evitar a fraude. Para nós, é o método de maior valor, dependendo, nautralmente, da argúcia e experiência do pesquisador. Hoje, reduzido número de investigadores possui as condições necessárias na avaliação do método qualitativo. Quando lembramos que foi KARDEC quem forneceu as mais seguras armas de avaliação da fenomenologia parapsicológica, insurgem-se opositores dizendo ser tudo isso pertencente a terreno místico e sem sentido científico.

Defendemos o método qualitativo por excelência, porquanto o método estatístico ou quantitativo prova apenas a

inexistência do acaso nos fenômenos paranormais. O método qualitativo bem avaliado, retrata a vivência da fenomenologia; esta não é integralmente subjectiva como pretende AMADOU e tantos outros, e que, por isso, receberam o método quantitativo como o único possuidor de bases científicas.

O método quantitativo ou estatístico, realizado habitualmente com cartas de um baralho e atendendo principalmente aos fenômenos telepáticos, foi abordado por RICHET, LODGE, USHER e BURT, COOVER, TROLAND e ESTABROOKS, BRUGMANS, INA JEPHSON, G. SOAL e RHINE. Estes últimos estão mais vinculados ao método estatístico, em virtude do avultado número de experiências que realizaram com apoio da matemática. Este método foi como que o anseio de muitos cientistas que, desconfiando e tendo mesmo certeza da realidade do fenômeno paranormal, necessitavam dos «alicerces da ciência» para a declaração oficial. Acrescentamos: a nossa ciência sendo de relações, caminha na horizontalidade do intelecto-analítico, ainda sem verticalização para uma melhor visão-conjunta (percepção sintética) que caracteriza o registro qualitativo do homem mais dilatado em percepção.

Na opinião dos cientistas a percepção extra-sensorial existe e sua comprovação (quantitativa) foi determinada, principalmente, pelos trabalhos das escolas de RHINE e SOAL. E na reunião de Utrecht de 1953 foi voz unânime que a telepatia e clarividência estão provadas.

O método quantitativo tem seus limites em virtude de estar eivado da condição analítico-intelectualista. Entretanto, tem o seu lado interessante pela comprovação da existência da energética psíquica, vindo dar apoio e valor aos fatos qualitativos que eram visto como um acúmulo de fraude ou percepções patológicas.

Existe o paranormal para a ciência. O que vem a ser? Respondem os cientistas: um estado psicológico especial. Como devemos entendê-lo?

Devemos considerar existente o fenômeno parapsicológico, toda vez que haja uma apresentação psicológica extra-sensorial, quer emitindo, quer captando energias psíquicas. Desse

modo poderemos até considerar a percepção ou emissão extrasensorial como uma sinonímia do fenômeno parapsicológico. Este poderá desenvolver-se com determinados indivíduos *sensíveis* diante de objetos ou de seres de psiquismo semelhante; sendo que os seres ou unidades psicológicas podem encontrar-se em condições de encarnados ou desencarnados (espíritos). Baseado nessas idéias, podemos tentar uma classificação dos fenômenos parapsicológicos, atendendo à visão didática com finalidade de estudo. Com isso queremos dizer que os fenômenos em questão estão quase sempre mesclados em face da participação de objetos e seres, quer encarnados quer desencarnados (espíritos).

Assim, a classificação que se segue atenderá à situação didática para esclarecimento do tema a ser esboçado. Com isso, abordaremos os fenômenos parapsicológicos em dois grandes grupos:

a) Fenômenos parapsicológicos com participação de uma única mente — unidade psíquica humana — em face de objetos ou do meio ambiente.

b) Fenômenos parapsicológicos com participação de mais de uma unidade psíquica entre encarnados e desencarnados, indistintamente, com escassa participação de objetos e de meio ambiente.

Antes de fazermos o estudo esquemático e sintético desses dois grupos, mister se faz, para melhor entendimento do desenvolvimento do mecanismo parapsicológico, um pequeno e resumido estudo sobre a psíque humana.

Não temos a pretensão de apresentar esquema completo, mas apenas oferecer um caminho, um quadro sintético, em volta do qual possamos analisar os fenômenos e dar um sentido de posição e localização, coisa que não existe no momento.

Capítulo — I

CÉLULA NERVOSA

A célula nervosa, unidade estrutural do sistema nervoso, é também conhecida como neurônio. Pela união dos neurônios em cadeia são constituídas as vias de condução.

Apesar da diversidade morfológica, o neurônio possui um prolongamento denominado de axônio; neste reside a função específica de condução, porquanto pode estender-se a distâncias maiores, como fibras nervosas. Existem outras variedades de prolongamentos, denominados de dendrites, que se caracterizam pela ramificação difusa e terminam nos limites celulares. Conforme o número e diferença dos prolongamentos dendríticos, as células nervosas podem ser classificadas em unipolares, bipolares, e multipolares. Assim o axônio é invariavelmente único e geralmente longo, enquanto os dendrites são curtos, variando de número. É pelos dendrites que a corrente nervosa chega à célula, e sai da mesma pelo axônio.

O corpo da célula nervosa ou neurônio varia de tamanho, desde os mínimos diâmetros de 4 micra até aqueles de 135 micra, como certas células motoras da medula. Quanto a forma, as variações também são acentuadas, expressando sempre a finalidade de condutores e desligadores de circuito. O corpo do neurônio está envolvido por uma membrana plasmática formada à custa do citoplasma; esta membrana participa ativamente no processo da condução da energia nervosa.

O núcleo da célula nervosa é amiúde esférico e geralmente lhe ocupa o centro. Possui membrana bem definida. Em seu interior existe um retículo de linina de característico aspecto vesicular. A cromatina é escassa em relação às outras

células do departamento orgânico; isto se explica por serem os neurônios elementos que não mais se dividem após a diferenciação conquistada. Por serem unidades fisiologicamente distanciadas das demais, destinadas a funções mais evoluídas, necessitam da presença do nucléolo, tela onde se refletiria o comando energético-vital da célula. Este nucléolo foi realmente evidenciado, mais volumoso do que nas células comuns.

No citoplasma do neurônio, distinguem-se:

a) neurofibrilas;

b) substância cromófila;

c) aparelho reticular de Golgi;
d) mitocôndrias;

e) inclusões citoplasmática e pigmentos.

O modo pelo qual se apresentam as neurofibrilas permite deduzir serem elas elementos diretamente ligados aos processos de transmissão da corrente nervosa, em múltiplas vias e circuitos variados.

A substância cromófila (corpos de Nissl) se distribui pelo corpo celular e pelos dendrites, não existindo no axônio. Seriam esses elementos — que tomariam contacto com a energia vital difundida através do nucléolo — os verdadeiros pontos de união entre os dois mundos: energético e material?

O aparelho de Golgi de significação fisiológica bastante discutida, sendo que a maioria admite ser o órgão responsável pela orientação do metabolismo celular. Aventamos a hipótese de que o aparelho de Golgi seja uma estação compensadora da corrente nervosa, dosando, por assim dizer, o teor de carga energética, de modo preciso e necessário, pelos fechamentos ou aberturas de circuitos, abundantemente dispostos em sua rede.

As mitocôndrias se distribuem por toda a célula e representariam cargas energéticas concentradas, alimentadoras da fornalha celular.

Ainda o corpo celular apresenta grânulos de melanina, cuja significação é desconhecida, e pigmentos gordurosos (grânulos de lipocromo). Estes, pela variabilidade de expressão, não só na intensificação de coloração, como também no seu aumento numérico na maturidade e velhice da célula parecem indicar que são elementos relacionados com o complexo fenômeno do pensamento. Residiriam neles mesmos íntimas relações de trocas com a substância energética vital da célula difundida às expensas do nucléolo, em condições semelhantes às dos corpúsculos de Nissl?

Os prolongamentos protoplasmáticos ou dendríticos ramificam-se constantemente e as terminações arborizadas foram denominadas de telodendrites.

O axônio, com suas fibras, formam os nervos. A presença, ou não, de uma capa mais grossa de mielina determina a distinção de duas espécies: as firas mielínicas e as amielínicas.

As células nervosas são unidades independentes, que ficam uma ao lado da outra, não apresentando continuidade estrutural e sim apenas contigüidade; esse ponto de união é o que se denominou de sinapse. Assim, a sinapse seria não só o ponto de contacto da membrana celular com a parte terminal do axônio de outra célula, mas também o contacto entre os filamentos dendríticos e as terminações do axônio. Estes contactos, por sua vez, não são idênticos, pois apresentam variações.

A transmissão do influxo nervoso, à razão de 70 metros por segundo, dá-se através dos neurônios e sinapses, em uma única direção: dendrites-corpo-celular-axônio, em múltiplas cadeias até atingirem os nervos, fenômeno conhecido por polarização dinâmica. Esta seria, para alguns autores, a conseqüência de reações especiais que se produzem nas células nervosas, em virtude de um estado variável de ionização e de potencial energético de seus colóides. Assim, o antigo conceito, de a transmissão nervosa ser de caráter tipicamente elétrico, está superado; tendo sido substituído pelo de um mecanismo químico-vibratório especializado.

As uniões sinápticas sofrem os efeitos das secreções da própria célula nervosa, como também de influência hormoniais distantes, que se fazem presentes através de corrente circulatória.

A configuração do neurônio, de morfologia variável e estrutura particularizada, melhor do que qualquer célula do organismo, traduziria o campo ideal onde o arcabouço energético-vital (energias da zona inconsciente do psiquismo), que lhe é afim, toma assento, filtra-se pela tela nucleolar e espraia-se nas granulações lipocrômicas do citoplasma, realizando reações de caráter químico-vibratório da mais alta expressão.

Por essa maneira dirige fenômenos e realiza trocas, de tal sutilidade que não são perceptíveis ainda pelos nossos métodos de pesquisa. Essa hipótese é bastante viável e lógica, em face dos efeitos que as células nervosas, pertencentes às categorias mais elevadas e diferenciadas, deixam transparecer nos seus respectivos campos de trabalho.

SISTEMA NERVOSO CÉREBRO-ESPINHAL

De modo geral, os órgãos nervosos estão constituídos por duas substâncias que, em virtude da coloração que apresentam, foram denominadas: substância branca e substância cinzenta.

Sustância branca — É mais abundante que a substância cinzenta, de aspecto brilhante e coloração branco-amarelada. Está constituída pelas fibras nervosas, formações neuróglicas e dispositivos conjuntivos vasculares.

Substância cinzenta — Assim denominada pela coloração acinzentada que apresenta, causada pela característica pigmentação no corpo das células nervosas e ausência de mielina.

A disposição da substância cinzenta é bastante variável. Na medula evidencia-se em forma de H, envolvida pela substância branca. Em certos setores constituem massas irregulares ou lâminas cravadas na substância branca — são os núcleos que, devido à localização, foram denominados: núcleos do bulbo, da protuberância, do pedúnculo cerebral, núcleos acessórios, núcleos da base cerebelar, núcleos da oliva bulbar, núcleos da oliva cerebelar, núcleos denteados do cerebelo e núcleos do lócus niger de Soemmering. Existem casos em que a substância cinzenta, em vez de apresentar-se encravada na substância branca, espraia-se na superfície, como acontece nos tubérculos quadrigêmeos e nos hemisférios cerebrais.

Medula — Situada na coluna vertebral, está formada por uma coluna de elementos nervosos que se iniciam no bulbo e percorrem quase todo o canal vertebral, indo até a primeira ou segunda vértebra lombar, terminando no chamado cone medular, donde partem os últimos nervos raquianos que, pelo aspecto, constituem a cauda eqüina.

Em todo o trajeto medular a substância branca envolve a substância cinzenta, em forma de H, origem das raízes nervosas, quer anteriores quer posteriores, contendo no centro um canal, o canal ependimário.

A medula não só desempenha o papel de condutora do influxo nervoso sensitivo e motor, como também dirige determinados atos nervosos. Estes são representados pelos reflexos simples, onde as células medulares, diante das impressões sensitivas periféricas, respondem com exitação motora adequada (arco reflexo simples). As reações motoras podem ser mais complexas, quando diversos níveis da medula são atingidos pelas impressões sensitivas da periferia, constituindo o arco reflexo composto.

Desse modo, inúmeros atos reflexos são privativos da medula não passando, por isso, *pelo crivo de departamento nervoso central*. É de se pensar, também, que na medula existiriam núcleos ou zonas especiais responsáveis por diversos atos da vida vegetativa.

Na caixa craniana está o encéfalo, cujos órgãos estão assim distribuídos:

Bulbo raquiano

Protuberância anular

Pedúnculos cerebrais

Tubérculos quadrigêmeos

Cerebelo

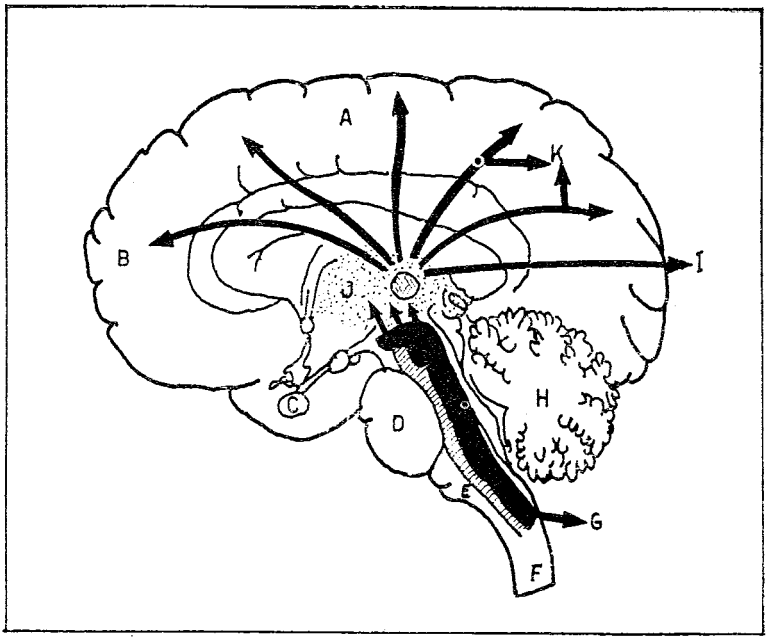
Hemisférios cerebrais

O bulbo, protuberância, pedúnculos cerebrais e tubérculos quadrigêmeos (gravura 1) são órgãos medianeiros entre a medula e o cérebro, fazendo parte do tronco cerebral.

Nesta zona está situado o sistema ativador reticular de Mogoun, constituído de inúmeras fibras e células nervosas em comunicação com o centro talâmico. As células possuem um cilindro-eixo curto com imensas ramificações, formando uma verdadeira rede. Incontáveis funções são aí desenvolvidas, modeladas e orientadas para a cortex, como se fôra uma estação seletora dos diversos impulsos nervosos. Nesta região, o mecanismo do sono e da vigília encontram seu equilíbrio.

É no tronco cerebral que ocorre uma série de entrecruzamentos dos feixes nervosos, cujo resultado é que, ao nível do cerebelo e hemisférios cerebrais, a substância cinzenta tem uma localização periférica (divergindo inteiramente da medula, cuja situação é central).

Acima do bulbo está a protuberância anular ou ponte de Varólio, formação branca, quadrilátera, cuja disposição lembra uma ponte, com núcleos próprios e outros que não são mais do que continuação de substâncias vindas da medula, correspondendo aos nervos motores (facial e óculo-motor-externo), sensitivos (acústico e intermediário de Wrisberg) ou misto (trigêmeo).



Gravura 1

A — Córtex cerebral
B — Lobo frontal
C — Hipófise
D — Protuberância
E — Bulbo
F — Medula
G — Sistema de ativação reticular
H — Cerebelo
I — Glândula pineal
J — Região talâmica
K — Impulsos nervosos

Acima da protuberância encontram-se os pendúculos cerebrais, cobertos pelos tubérculos quadrigêmeos, e a passagem do aqueduto de Sylvius. A substância cinzenta vinda da medula, na protuberância, ao nível da linha média abaixo do aqueduto de Sylvius, apresenta dois núcleos do motor ocular comum. As porções cinzentas próprias evidenciam-se nos tubérculos quadrigêmeos e outras formações.

Pelo exposto, o bulbo tem um importante papel de condutor do influxo nervoso, por ser zona de entrecruzamento dos feixes sensitivos e motores, como também, órgão medianeiro entre a medula e o encéfalo.

É no bulbo que se encontram centros nervosos de grande importância, por serem responsáveis por atos da vida vegetativa. No bulbo estão localizado os centros reflexos da mastigação, do vômito, da tosse, do espirro e das secreções da lágrima e saliva.

Além dos centros reflexos, registram-se os centros automáticos. Salientam-se entre os mesmos, os centros respiratórios que controlam o trabalho muscular ligado à respiração, o centro modelador dos movimentos cardíacos, o centro vasoconstrictor e o centro controlador da distribuição da glicose.

Os tubérculos quadrigêmeos anteriores, onde terminam fibras dos nervos hemióticos, constituem centros visuais primários, centros reflexos dos movimentos conjugados dos olhos.

Os tubérculos quadrigêmeos posteriores interceptam fibras nervosas condutoras das impressões auditivas, participando desse importante trabalho fisiológico.

Nas regiões talâmica e hipotalâmica, na base cerebral, encontram-se zonas da mais alta importância, mormente as que participam da regulação do sistema neurovegetativo. No hipotálamo existem núcleos que orientam funções simpáticas ou parassimpáticas: centros da vaso-dilatação generalizada, da dilatação da pupila, do aumento da tensão arterial, da contração da bexiga, do lacrimejamento e da mímica emocional. Estudos modernos, ainda não bem definidos, parecem traduzir a influência direta ou indireta da epífise com os centros da base cerebral e, como tal, a glândula passaria a ter grande participação nos fenômenos psíquicos.

Cerebelo. — O cerebelo (gravura 1) é um órgão constituído por três lobos.

A substância branca ocupa toda zona central, enviando, aqui e ali, à periferia pequenas nesgas de sua substância, que está disposta em sulcos.

A substância cinzenta espraia-se por toda a superfície, envolvendo as saliências e reentrâncias, verdadeiras arborizações da substância branca, o que lhe valeu a denominação de árvore da vida.

O cerebelo participa da condução do influxo nervoso, por via direta ou indireta, na dependência da distribuição das vias condutoras.

É por intermédio do cerebelo que se faz a coordenação de movimentos do equilíbrio em determinadas situações, e a coordenação do tonus muscular.

Cérebro. — O cérebro ocupa quase toda a caixa craniana, recobrindo os demais órgãos nervosos (gravura 1). Está dividido em duas metades (hemisférios cerebrais) pela cissura inter-hemisférica, onde se localiza a foice do cérebro, tendo a característica de não atingir a porção basal média, porquanto, aí, os hemisférios se ligam pela comissura inter-hemisférica.

A superfície cerebral ou cortiça é um invólucro de substância cinzenta que reveste a superfície livre das cincunvoluções. A superfície tem aproximadamente 200.000 mm^2 e a espessura entre 1,5 e 3,5 mm. Para dentro, a massa central de substância branca abriga os núcleos de substância cinzenta. O número de neurônios é aproximadamente de 14 bilhões, cercados de fibras nervosas, tecido neuróglico e vasos sangüíneos.

Na superfície, em cada hemisfério, destacam-se lobos separados pelas cissuras e, nos lobos, as circunvoluções separadas por sulcos.

Na parte mais íntima e baixa do cérebro a substância cinzenta começa a escassear e acaba sendo interrompida por uma faixa branca, quadrangular, elemento de ligação dos hemisférios cerebrais: o corpo caloso.

A fisiologia dos diversos órgãos nervosos está bem longe de se achar integralmente decifrada. O cérebro, mais do que qualquer outro órgão nervoso, ainda é o mais desconhecido; devemos considerá-lo como a tela onde se projetam as atividades psíquicas e onde se faz o controle dos movimentos voluntários e da sensibilidade.

É no cérebro que se localiza uma série de centros reflexos mais ou menos conscientes, podendo ser inatos ou adquiridos. Como o nome está a dizer, os reflexos inatos são reflexos próprios, herdados, fazendo parte do indivíduo; os reflexos adquiridos, nos quais podemos incluir os reflexos condicionados de Pavlov, dependem do trabalho, experiência e hábitos.

É por intermédio do funcionamento dos reflexos condicionados naturais, resultados do meio onde militamos, que se processa, em parte, o mecanismo da educação da personalidade.

Admite-se no cérebro a presença de centros que respondem pela sensibilidade, motricidade e fenômenos psíquicos.

A sensibilidade geral está ligada ao lobo parietal, a zona olfativa em relação com o lobo do corpo caloso, a zona auditiva relacionada com a primeira circunvolução temporal e a zona visual ligada à parte posterior do lobo occipital.

Na circunvolução frontal ascendente, na região prerolândica, está a sede da zona motora.

Os centros cerebrais, tanto sensitivos quanto motores, além dessas localizações que acabamos de enumerar, estão, naturalmente, na dependência de outras zonas, que poderíamos chamar de coordenadoras e equilibradoras das sugestões nervosas.

O centro da palavra falada, situado no pé da terceira circunvolução frontal esquerda, não deve, logicamente, limitar-se a esta região, porquanto, deve haver participação de outros centros e zonas, estendendo-se algumas pela zona da circunvolução de Sylvius. Somos de opinião que os diversos fenômenos do psiquismo, apesar de possuírem centros próprios, em determinadas regiões, estão na dependência de diversas zonas afins, para que um trabalho de conjunto possa observar-

se. Realmente os lobos tem funções afins, conforme cuidadosas observações em feridos de guerra; por este modo verificou-se que:

a) a destruição dos lobos frontais determina: abulia, impulsos irresistíveis, alegria com inconsciência das coisas;

b) a ablação do hemisfério direito acarreta: paralisia e insensibilidade do lado esquerdo, perturbações visuais, perturbações auditivas e modificações da linguagem, embora quase completa ausência de modificações psíquicas.

Todas as formações nervosas são separadas e isoladas do estojo ósseo crânio-vertebral por membranas conjuntivas, as três meninges que, do exterior para o interior, são denominadas: dura-máter, aracnóide e piamáter.

Os órgãos nervosos entram em contacto com a periferia e com os diversos sistemas e aparelhos por intermédio das fibras dos nervos, que por isso podem ser centrípetas (sensitivas ou aferentes), centrífugas, (motoras e eferentes) e mistas. No trajeto dos nervos, aqui e ali, existem dilatações definindo gânglios nervosos.

Os nervos podem ter origem nos centros nervosos do encéfalo e por isso são chamados de cranianos; quando a origem é na medula são denominados de raquianos. Os primeiros estão representados por 12 pares, sendo ora motores, ora sensitivos ou mesmo mistos. Os segundos, todos mistos, são formados por 31 pares.

A constituição dos gânglios permite considerá-los centros nervosos periféricos. São formações ovóides no trajeto dos nervos cranianos e das raízes posteriores dos nervos raquidianos.

Os gânglios são constituídos das formações vasculares e conjuntivas, das células e fibras nervosas.

As fibras nervosas mantêm a conexão do gânglio com as formações vizinhas e os gânglios da cadeia simpática.

SISTEMA NERVOSO AUTÔNOMO

O sistema nervoso autônomo, constituído do simpático ou ortossimpático, e do parassimpático ou vagoparassimpático, distribui-se por quase todo organismo, interligando-se em vários setores, bem como no sistema nervoso geral por intermédio de nervos.

Dos abundantes gânglios desse sistema autônomo partem fibras que vão ter aos órgãos, vasos e glândulas, reunindo-se em regiões próprias, formando plexos. A porção simpática está constituída por uma série de gânglios vertebrais que, na região cervical, são em número de três: cervical superior, cervical médio e cervical inferior. Na porção toráxica existem perto de onze gânglios, harmoniosamente dispostos. No segmento lombar são em número de três a quatro e, na região sacra, de quatro a cinco.

Partindo desses múltiplos gânglios, as fibras encaminham-se aos órgãos por caprichosos caminhos, anastomosando-se em vários pontos. As fibras parassimpáticas dirigem-se a quase todos os departamentos das fibras simpáticas, cujas funções, geralmente, são antagônicas.

As fibras do sistema autônomo em determinadas regiões se organizam em plexos, de complicada e caprichosa disposição, correspondendo a zonas altamente reflexógenas e que, em virtude de sua localização, poderão ser assim classificados:

1 — Plexo sacro-coccígeo — na base da coluna vertebral

2 — Plexo hipogástrico — na região hipogástrica (baixo ventre)

3 — Plexo mesentérico — na região umbilical

4 — Plexo solar — na região epigástrica (estômago)
5 — Plexo cardíaco — na região precordial
6 — Plexo faríngeo — na região cervical (garganta)
7 — Plexo carotídeo — na caixa craniana.

No dizer de Pende, presentemente, o sistema simpático-parassimpático deve ser considerado como verdadeiro registro de relógio da vida, não só como regulador da vida de nutrição, mas também da vida reprodutora e de relação, à base de reflexos apropriados. Ainda mais, sua atividade é imprescindível na constelação química hormônica-vitamínica-fermentos-minerais.

Os gânglios simpáticos não representam as sedes dos reflexos: as funções que aí se desenrolam são pseudoreflexos, porquanto, é no bulbo e no diencéfalo — zona talâmica — que se acham os centros desse complexo sistema nervoso que mantém relação com a cadeia glandular do organismo. Neste setor diencefálico, tem nascimento, por intermédio das energias inconscientes, os instintos e afetos orgânicos, por isso mesmo involuntários e inconscientes; são logicamente automáticos, indo em busca de um grau e exteriorização na zona consciencial sob forma de sentimentos humanos, pensamentos e atos volitivos livres.

Os sistemas simpático e parassimpático possuem efeitos comumente antagônicos. O estímulo parassimpático é o sustentáculo da conservação de energia corporal e o simpático «auxilia o organismo nas emergências».

Todo o sistema nervoso, tanto o cérebro-espinhal quanto o autônomo, constitui um complexo sistema ainda não conhecido em seus detalhes, é o terreno por onde o impulso nervoso se expressa, tendo no neurônio a unidade de trabalho especializado e cuja reunião constitui as vias de condução. Eles se entrelaçam em todos os sentidos e possibilidades, com finalidade de levarem ao organismo pelas vias eferentes ou centrífugas, o influxo vital necessário, convidando-o ao trabalho para a unidade orgânica.

As terminações nervosas se distribuem nos músculos pelas placas motoras; ao nível do coração pelas terminações cardio-

motoras; nas vísceras, pelas víscero-motoras; nos vasos sangüíneos, pelas vaso-motoras; e nos pêlos, pelas pilo-motoras. Nas glândulas terminam, geralmente, em amplo plexo.

Pelas vias contrárias, isto é, as vias aferentes ou centrípetas, são trazidas as diversas sensações com o meio e todo material energético desenvolvido no organismo, para os centros dos sistemas, pelas placas receptoras.

GLÂNDULA PINEAL

A glândula pineal ou epífise foi bastante conhecida dos antigos, fato observado através das descrições existentes. A escola de Alexandria participou ativamente nos estudos pineais que se achavam ligados às questões de ordem religiosa. Os gregos conheciam-na por «conarium» e os latinos por «glândula pinealis». Estes povos em suas dissertações localizavam na glândula pineal o centro da vida.

Muito mais tarde, os trabalhos sobre a glândula pineal se enriquecem com De Graf, Stenon e Descartes. Este último fez interessante e minuciosa descrição, atribuindo à pineal papel relevante, que se tornou conhecida até nossos dias; para ele, a alma era o hóspede misterioso da glândula pineal.

No começo deste século, os estudos tomam maior incremento com observações mais aprimoradas. Nos nossos dias, apesar de experimentações mais meticulosas, ainda não temos definitiva interpretação sobre sua real função, daí as divergências nas hipóteses apresentadas.

As pesquisas embriológicas em certos animais vertebrados (lacertídeos), notificaram a presença de um elemento que denominaram «olho pineal», considerado por muitos como órgão sensorial destinado à visão de certos animais fósseis. Seria órgão vestigiário, órgão em regressão, cuja presença nos ani-

mais mais avançados na escala zoológica representaria o resquício de olho ímpar de certos invertebrados? Inúmeras experiências foram feitas nas diversas espécies animais a respeito do olho pineal; as conclusões são contraditórias e pouco razoáveis.

Poderíamos pensar que o olho pineal, em vez de ser elemento regressivo, com tendências ao desaparecimento, fosse, ao contrário, elemento em desenvolvimento. Do olho externo e ímpar de certos animais haveria, aos poucos, nos lentos e meticulosos processos de mutações e transformações evolutivas que desconhecem o tempo, uma inflexão para o interior da caixa craniana, tomando características histológicas especiais sem perderem as de sua origem. Atenderia esta formação ao controle de funções de alta relevância para o animal, tais sejam os diversos mecanismos do instinto, com tonalidades próprias, conforme o desenvolvimento da espécie. Com o aparecimento progressivo em relação à escala zoológica, portanto evolutivo, iria aparecendo ao lado do olho pineal o divertículo epifisário, até que no homem alcançaria em conjunto com as paráfises (formações embriológicas mais ou menos constantes), o estado mais completo do desenvolvimento pineal.

Desse modo, o olho pineal poderá ser visto como o ponto em que se iniciam os verdadeiros alicerces da glândula pineal e, como tal, o início da Individualidade espiritual — as expressões de um EU em formação —, que não existe nos invertebrados, cuja zona espiritual deve fazer parte de um conjunto próprio da espécie (alma grupo), sem as nuanças que caracterizam o Indivíduo, o EU. Lógico seria admitir que, à medida que a escala zoológica avança, os instintos se desenvolvem atingindo seus mais altos graus; e, na espécie humana a glândula pineal responderia pelos mecanismos da meditação e do discernimento, da reflexão e do pensamento e pela direção e orientação dos fenômenos psíquicos mais variados.

A glândula pineal ou epífise, na espécie humana, ocupa posição central em relação aos órgãos nervosos (gravura 1).

A glândula pineal mantém relações com as glândulas endócrinas e deixa transparecer sua influência em maior ou

menor grau. Ainda é difícil estabelecer as relações exatas entre a pineal e as demais glândulas, embora possamos asseverar, pelos trabalhos e observações conjuntas, que a pineal seria realmente a orientadora da cadeia glandular, comunicando-se com as demais glândulas direta ou indiretamente, tendo na hipófise o grande campo de suas expansões com o organismo inteiro. Não seria a neuro-hipófise, mas precisamente, a zona por intermédio da qual a pineal orientaria todo o seu trabalho no equilíbrio endócrino?

Com os gritos da puberdade, aos 14 anos em média, a pineal chefiando a cadeia glandular e mais condicionada pelo desenvolvimento físico do indivíduo, encontra melhor campo e distribuição das emoções de vidas pregressas, cedidas pelos vórtices da zona inconsciente (zona espiritual). Estes profundos vórtices energéticos do inconsciente, por se acharem ligados às manifestações do sexo, causam modificações como que preparando o campo físico (através da glândula pineal) às necessidades evolutivas, onde as imensas regiões das emoções melhor se expressam. Essa glândula responderia pelos mais altos fenômenos da vida — «glândula da vida espiritual» — e por ser elemento básico e controlador das razões emocionais, o sexo em suas múltiplas manifestações dependeria integralmente de sua interferência. Ainda seria por intermédio dessa glândula que os fatores propulsores de evolução espiritual (renúncia, uso equilibrado do sexo, tolerância, bondade, abnegação e disciplina emotiva por excelência) alcançariam índices bastantes elevados. Desse modo, a pineal seria a tela medianeira onde o espírito encontra os meios de aquisição dos seus íntimos valores, por um lado e, pelo outro, fornece as condições para o crescimento mental do homem, em verdadeiro ciclo aberto, inesgotável de possibilidades e potencialidades. As aquisições para o espírito serão cada vez maiores e as influências do espírito na matéria serão cada vez mais potentes. Tudo se amplia e completa nas ajustadas etapas palingenéticas, como possibilidades mais lógicas da evolução no esquema cósmico.

Pelas referências acima, percebemos a influência diretora da glândula pineal sobre a cadeia glandular do organismo. A

ligação que mantém com o hipotálamo e outras zonas nobres do sistema nervoso central é evidente, como também a influência que exerce no sistema neurovegetativo. Desse modo, jamais podemos afastar a glândula pineal da participação de inúmeras funções orgânicas, direta ou indiretamente, assim como da acentuada correlação no setor psíquico.

Porque não admitir a pineal — devido à sua situação absolutamente central em relação aos órgãos nervosos, às unidades glandulares que dirige, aos elementos somáticos que influencia, ao sistema neurovegetativo que atua e controla — como sendo o Centro Psíquico, o Centro Energético, o Centro Vital, que se responsabilizaria pela ativação e controle de todos os atos orgânicos, desde os mais simples até os fenômenos mais altos da vida?

Podemos considerar a pineal como sendo a glândula da vida psíquica; a glândula que resplandece o organismo, acorda a puberdade e abre suas usinas energéticas para que o psiquismo humano, em seus intrincados problemas emocionais, se expresse em vôos imensuráveis.

A afirmação filosófica-intuitiva da escola de Alexandria, dos antigos gregos e mais modernamente de Descartes, como sendo a pineal a sede da alma, e com os estudos que atualmente possuímos, devemos meditar profundamente, sem julgarmos a priori aquilo que nossa ciência oficial ainda não alcançou.

Existe outro terreno orgânico, ainda desconhecido inexplorado, para além do físico, de energia mais sutil e menos condensada do que aquela da matéria e que por isso mesmo a dirige e orienta. É terreno puramente vibratório, não observado pelo olho humano mesmo com aparelhagem óptica especializada, contudo perceptível pelos reais efeitos: terreno no qual estaria mergulhada a energia condensada que é a matéria, obedecendo aos seus influxos, por serem mais evoluídos, mais vividos, mais experientes e, por isso, com possibilidade de comandar inteligentemente.

Para que a ciência progrida, resolva seus difíceis problemas, terá que imergir nas energias, mais precisamente nas energias do mundo psíquico, para melhor defini-lo, estudá-lo

e compreendê-lo. Não mais se entenderá uma ciência que fique a arrastar-se na análise e a computar exclusivamente aquilo que os sentidos humanos possam perceber; terá que integrar-se no todo, ter a visão sintética, a visão de conjunto e não mais rastejar teimosamente em dimensões menores.

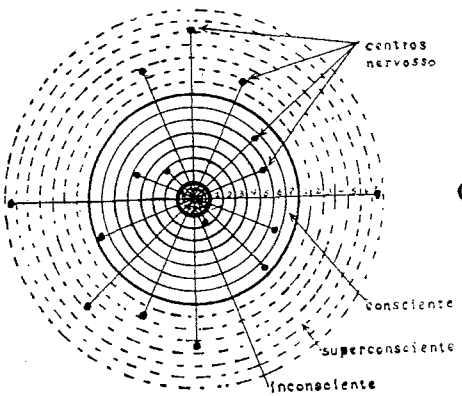
Os pesquisadores, em suas dissecções anatômicas e em seus mergulhos nos infinitamente pequenos, vão transformando a matéria de viva em morta, e com isso jamais encontram o Princípio Vital, a Essência dessas unidades de trabalho. Por assim proceder, afirmam solenemente nada existir além do que os sentidos percebem, e iludem-se com o mais densificado.

Capítulo — II

PSIQUISMO HUMANO

Três são as zonas onde se desenrolam os fenômenos do psiquismo humano: inconsciente, superconsciente e consciente.

A zona do consciente faz parte de todas as zonas nervosas do organismo, isto é, não só do encéfalo, na cavidade craniana, onde existem inúmeros centros nervosos, mas também, as expansões periféricas do sistema nervoso, inclusive do sistema autônomo com seus importantíssimos plexos. Está representada, esquematicamente, na gravura 2, por círculos concêntricos de linhas cheias em volta do inconsciente, o centro de atração.



Gravura 2

Demonstração Esquemática dos Raios Vibratórios Partindo do Inconsciente e Chegando aos Centros Nervosos, Situados Em Sua Maioria No Consciente.

O superconsciente, de difícil localização, parece ocupar zonas periféricas do encéfalo e quase totalmente o lobo frontal do cérebro (Gravura 1). Parece-nos justa a localização dos campos de manifestações do superconsciente, preferentemente nos lobos frontais, pelas revelações da traumatologia e cirurgia nervosa. Sabemos perfeitamente que o isolamento dos lobos frontais determina, em linhas gerais, no homem, modificações da inteligência e conduta no sentido de regressão a um estado infantil. Embora com variações individuais, observou-se que o isolamento dos lobos frontais poderiam determinar: falta de controle, confusão, diminuição de atenção, enfraquecimento da renúncia, esmaecimento das emoções, que seriam tanto mais acentuados quanto mais radical fosse o isolamento. A perda de pequenas porções anteriores dos lobos frontais, quase nada representa de modificações na conduta e nas emoções mais costumeiras; entretanto, a qualidade perceptiva de conjunto, a sutileza das emoções, a síntese dos pensamentos mais aperfeiçoados desaparecem, como se não existissem — estado semelhantes aos dos homens rústicos e analfabetos, de estados intelectuais ainda reduzidos.

Baseados nestes fatos, é que o isolamento dos lobos frontais (lobectomia pré-frontal) já foi indicado no tratamento de certos casos de exaltações das emoções nos psicóticos.

Se levarmos em consideração a evolução do sistema nervoso a partir dos vertebrados até o homem, traduziremos, perfeitamente, o lobo frontal como última das expansões e aquisições do encéfalo e, com a comprovação dos experimentos fisio-patológicos de nossos dias, não teremos outra resposta senão de afirmarmos que o sentido de síntese, próprio dos indivíduos mais avançados na evolução, como também os vagidos da intuição, serão produzidos e manifestados nas regiões desconhecidas dos lobos frontais.

O superconsciente está representado na gravura 2, de modo esquemático, por círculos concêntricos mais afastados, de linhas pontilhadas, com poucos centros nervosos em relação àqueles da zona consciente. O superconsciente foi assim denominado, por ser um consciente mais potente e que somente agora está desabrochando para a humanidade terrestre;

expressa-se com exuberância nos indivíduos mais evoluídos, isto é nos gênios, artistas, sábios e justos — os verdadeiros guias das civilizações, as quais por este mecanismo necessitam ser arrastadas para destinos mais altos.

O inconsciente, zona desconhecida até bem pouco, é de difícil compreensão e pesquisa complexa, por ser elemento puramente energético. Embora tenha seu ponto ótimo de manifestação na glândula pineal, não se pode equipará-lo as demais zonas; enquanto o consciente e superconsciente necessitam de superfície (espaço) para seus trabalhos, o inconsciente atuando por intermédio de energias apropriadas, não ocupa espaço, podendo desenvolver-se de modo ilimitado.

O termo «inconsciente» já consagrado pela psicologia será, também por nós adotado embora reconheçamos devido ao seu valor e imensa importância, que seria mais justo a utilização do termo «metaconsciente», pois traduz melhor as possibilidades de uma zona psíquica superior às demais. Foi representando, no esquema da gravura 2, como zona central, foco vital, núcleo de distribuição energética, influenciando as zonas mais periféricas — consciente e superconsciente.

As sete zonas funcionais do consciente podem ser enquadradas no seguinte esquema:

a) — zona de orientação e movimento;

b) — zona das sensações;

c) — zona das emoções;

d) — zona das percepções;

e) — zona das afetividades;

f) — zona das faculdades intelectivas;

g) — zona da harmonia das artes.

O leitor avisado compreenderá que cada zona assim por nós classificada, o foi com intenção de atingir o conjunto de

todas as funções que se enfeixam com o termo «personalidade», isto é as funções que constituem e catalogam os fenômenos psicológicos desenvolvidos na zona consciente.

Sente-se, perfeitamente, que as funções psíquicas da área consciente hoje se expressam em seu ponto máximo pela zona que atingiu sua plenitude de trabalho nas manifestações e consubstanciações das energias motoras, tela projetora do esforço e da vontade. Isto porque a zona medular foi o ponto inicial da manifestação psíquica, sendo hoje de reflexos e automatismos, enquanto os lobos frontais representam zonas novas e em desenvolvimento, albergando material de ordem superior e desconhecida. Desse modo, temos, na zona mediana do encéfalo manifestações psíquicas dos dias de hoje, e nos lobos frontais, as potencialidades futuras de um consciente evoluído ou seja o superconsciente. Assim, nesta ordem de conceitos, nas zonas silenciosas dos lobos frontais onde ainda não foram encontrados centros sensoriais inferiores e tampouco aqueles das funções motoras, acreditamos sejam regiões destinadas às manifestações psíquicas de alto teor e importância e em fase evolutiva no preenchimento de finalidades futuras da psique.

O superconsciente possui, como o consciente, sete zonas semelhantes, porém mais evoluídas funcionalmente. Estas zonas do superconsciente corresponderiam àquelas do consciente, revelando porém trabalho mais complexo; daí a necessidade de inter-relações e comunicações bastante estreitas entre os diversos departamentos funcionais, conforme traduz o esquema da gravura 2 com as linhas interrompidas.

Os centros nervosos existentes no superconsciente, aliás em menor número do que os do consciente, embora possuam possibilidades de trabalho mais aperfeiçoado, são muito pouco solicitados pelo homem mediano, isto é, pelo tipo comum que compõe a maioria, e que faz por isso uso assíduo do consciente onde as percepções se fazem através dos sentidos comuns. O mesmo não acontece com os mais evoluídos, que lançam mão desses centros e zonas que lhes dão melhores percepções, sensações avantajadas, horizontes mais largos que os do consciente.

Assim como as zonas do consciente estão encarregadas das imagens do trabalho da razão analítica, as zonas do superconsciente estariam encarregadas das imagens do trabalho de síntese, de intuição, normal do homem de futuro. O consciente tem sentido mais preciso, em face de nosso atual desenvolvimento mental, enquanto o superconsciente, mais sutil e mais evoluído se manifesta na cadeia emocional, cujas apresentações dependem de devido afinamento.

O superconsciente possui a propriedade não de analisar os fenômenos, para depois colocá-los nos devidos lugares e sim de senti-los diretamente numa total e definitiva percepção. De modo que podemos considerar suas respectivas zonas interligadas a tal ponto, que o resultado final, a conclusão de um trabalho, só se dará após participação de todos os elementos componentes.

É às expensas do superconsciente que os evoluídos, isto é, os gênios, cientistas notáveis, artistas de toda natureza e santos, conseguem apreender das correntes psíquicas superiores, nos grandes arremessos de pensamento, o material necessário na composição de seus notáveis trabalhos, que lhes vem sob a forma de inspiração. Por este processo é que sentimos Dante a criar as páginas eternas da Divina Comédia; Pasteur a desbravar o campo científico, dando-lhe nova orientação; Beethoven a compôr no mundo da música a incomparável «Sonata ao Luar» e Castro Alves sitiado num turbilhão de rimas e inéditos pensamentos.

Na psique humana existe uma região, ou zona, absolutamente energética, cuja manifestação em dimensão superior está aquém das possibilidades de percepção pelos nossos sentidos comuns, próprios da zona consciencial. Essa zona energética, de imensas condições de trabalho psíquico, é a zona do inconsciente, (zona espiritual) onde podemos distinguir três camadas distintas: o inconsciente puro, o inconsciente passado e o inconsciente atual.

INCONSCIENTE ATUAL — O inconsciente atual ou presente, circunscreve integralmente a zona consciencial com a qual mantém íntimos contatos; por isso Freud denominou esta área de pré-consciência. Nós lhe demos aquela denomi-

nação por traduzir o laço fisiológico bem próximo, no tempo, que mantém com a zona consciencial.

É no inconsciente atual que se forma a maioria dos conflitos e complexos, vindos do exterior (consciente), e que, posteriormente, poderão ser devolvidos ou não sob a forma de neuroses e doenças psicossomáticas, por terem sido energias reprimidas, por desagradáveis, do umbral da consciência. Contudo, as energias construtivas e benéficas do consciente são absorvidas por esta zona do inconsciente e levadas, em sua totalidade, para departamentos mais profundos da psique.

Nesta área inconsciente, são lançados os resultados dos trabalhos psíquicos conscienciais que transbordaram de sua própria zona; posteriormente podem ser restituídos à tela perceptiva do consciente sob condições hígidas. A devolução energética ao consciente só apresentará desarmonia, quando os impulsos exteriores forem também desarmônicos; está claro que as manifestações do inconsciente atual, na tela consciencial sob forma de doenças psicossomáticas e neuroses diversas, são uma tentativa de equilíbrio energético. Tanto isto é verdade que, quando por intermédio da hipnose ou de outros métodos, conseguimos exteriorizar as razões do desequilíbrio, tudo se restabelecerá, porque se esgotaram os focos energéticos desarmônicos dessa região.

No inconsciente atual, possuindo em grau elevado todas as características funcionais do superconsciente, teríamos uma zona de proteção, não só para as camadas do consciente e superconsciente, mas ainda, para as zonas mais profundas do inconsciente. Seria também uma área reguladora das trocas entre dois mundos — exterior e interior — refletindo, naturalmente, tudo o que existe de normal e são, como também se tornaria, em casos de desarmonia energética, uma barreira penumbrosa com exteriorização de graves neuroses.

INCONSCIENTE PASSADO — A segunda zona do inconsciente, isto é, o inconsciente passado ou arcaico, abraça integralmente as zonas já descritas, suplantando-as funcionalmente. É nesta zona que se encontra o arquivo das qualidades adquiridas através das etapas palingenéticas da

Individualidade. Todas as experiências que o indivíduo adquiriu e se concretizaram sob a forma de focos energéticos, têm a sua sede psíquica nesta zona. Aos focos energéticos, constituindo vórtices, denominaremos de núcleos em potencialização.

Os núcleos em potenciação, depositários de todas as qualidades que a espécie pode adquirir, encontram-se em vários estágios evolutivos. Quando os núcleos atingiram o máximo de aperfeiçoamento, em face do estado evolutivo de nosso universo, incorporam-se ao inconsciente puro que seria o verdadeiro Centro Espiritual.

Jung denominou essa zona do inconsciente, de inconsciente coletivo, definindo-a «como uma poderosa massa psíquica herdada da evolução da humanidade, renascida em cada estrutura individual». Para nós representa parte do EU, conquistada através das diversas etapas palingenéticas que somos compelidos a percorrer, absorvendo suas múltiplas experiências; daí, preferirmos a denominação de inconsciente passado ou arcaico.

Desta zona, partem as energias dos núcleos em potenciação que, atravessando o inconsciente atual, atingem a zona consciencial. Estas energias podem vir de núcleos evoluídos, adiantados e daí a possibilidade de criarem no consciente imagens sadias e belas; no entanto, se são de núcleos ainda defeituosos, portanto involuídos, refletirão no consciente imagens deficientes. Os núcleos que absorveram, nas experiências de vidas pregressas, defeitos, vícios, más qualidades morais, etc., não podem deixar de extravasar suas vibrações, que formarão no consciente desequilíbrio da mais variada espécie, exteriorizando-se na condição de doenças, principalmente nervosas, pelo caráter energético com que se expressam.

Os núcleos em potenciação cresceriam á custa do material que o consciente iria fornecendo ao inconsciente e, nessa região, sob orientação das camadas profundas, camadas puras orientadoras do inconsciente puro, nasceriam os vórtices energéticos, manifestação inicial dos núcleos em potenciação, unidades-base da vida eterna. No encontro das forças internas

e externas, o cabedal espiritual iria crescendo, agigantando-se, em busca da perfeição.

Um núcleo em potenciação que já se encontra desenvolvido, às custas das múltiplas experiências, terá uma vibração mais sutil, própria do mais evoluído, e, por isso, impressionará de modo brando e delicado a placa nervosa consciencial; equivale a dizer que, apesar de seu trabalho, não despertará maior atenção na zona física, por ser um núcleo de qualidades evoluídas do espírito, não necessitando portanto, de novas experiências, cedendo lugar às sugestões dos núcleos ainda pobres de evolução. Entretanto, se existe um núcleo de potenciação carregado de erros, de más qualidades, que ainda não foram neutralizadas pelo trabalho positivo ou pela dor, ele vibrará de modo mais rude, insistentemente, impressionando vivamente a matéria pela possibilidade de maior afinidade vibratória, como a chamar a atenção para a necessidade de trabalho construtivo nesse setor. Daí a importância da educação dos indivíduos, visando a exaltar os campos da vontade, da atenção, dos sentimentos, do sofrimento, etc., no sentido de enriquecimento da personalidade, tornando-os mais aptos para a neutralização de energias ainda rudes, favorecendo, dest'arte, a própria evolução pelo que possam adquirir para a individualidade.

É por meio desse processo que o espírito avisa à matéria sobre suas necessidades para equilíbrio futuros. Com um fenômeno dessa natureza é que podemos explicar as tendências congênitas, que apesar do habitat e da educação, jamais conseguem modificar certas diretrizes da vida. Por isso é comum ouvir-se a frase; «Fulano nasceu para fazer esta coisa», ou «Sicrano jamais conseguiu fugir ao seu destino». Dizia Whitehead que os pensamentos dormem durante idades inteiras e, de improviso, despontam para a humanidade de modo arrebatador, verdadeira concretização da intuição.

As exteriorizações energéticas dos núcleos em potenciação são tão difíceis de conhecimento imediato, são tão misteriosas, que a tela consciente humana se torna um instrumento defeituoso, pequeno, impróprio, inadequado, para definir e expressar os símbolos que são a forma mais comum de exterio-

rização. Por tudo isso é que os verdadeiros alquimistas deixaram um rastro nebuloso e indecifrável, que os puros iogues são raros e quase desconhecidos nos seus inatingíveis mosteiros, e que os psicoespiritualistas modernos ainda se encontram na obscuridade, à procura das vias luminosas que a psicologia de nossos dias começou a oferecer.

INCONSCIENTE PURO — O inconsciente puro, zona mais desenvolvida do inconsciente, abraçando funcionalmente a totalidade da psique, é uma zona inatingível ao nosso conhecimento, e ponto de partida de todas as energias puras do psiquismo. É desse centro que nascem energias desconhecidas, dirigindo-se para toda área psíquica. À medida que os seus raios atravessam as diversas zonas, vão se adaptando às características funcionais das mesmas, conservando, no entanto, as qualidades diretivas de sua essência, única maneira de anunciar sua presença em zonas inferiores. Assim, o inconsciente puro sugeriria, a miúdo, nos departamentos da psique, o desenvolvimento do bem, uma moral sã, como iniciativa de evolução. Desse modo, o vórtice central do EU, de maneira harmoniosa, conduz sua poderosa dinâmica a todos os departamentos da psique. Este Centro-Vontade seria o fator que iluminaria os departamentos do instinto, afastando o ser humano da animalidade, comandando e solvendo os problemas que traduzem óbices para a evolução. Na rede dinâmica da VONTADE, a Inteligência se alarga e se projeta nas sendas do bem, o Desejo se equilibra, a Memória registra com harmonia, e a Imaginação cria com pureza os mais excelsos matizes e as mais belas construções.

O inconsciente puro assemelha-se ao que Platão entendia por «Idéia». O inconsciente puro seria uma verdadeira energia de excelsa pureza, imagem e semelhança da Energia Universal, do Logos, como queria Heráclito e do Ultra-Ser como entendia Plotino. Seria uma presença cósmica no EU, abrigando os impulsos divinos da Evolução como se tudo lá já existisse dum incontável pretérito a buscar realizações futuras, sempre mais expressivas. «Cada ser contém também o que será, a forma a que deverá chegar; contém em gérmen o es-

quema de todo o universo; não o ocupa, não é o todo, mas nele se converte sucessivamente». (P. UBALDI).

Ao inconsciente puro recolhem-se todos os potenciais energéticos que atingiram um máximo de perfeição na zona do inconsciente passado, após incontáveis labutas milenares. Desta zona partem as verdadeiras energias (construtivas) do EU, nutrindo e incentivando todos os elementos da psique menos desenvolvidos, que estão sob a sua inteligente orientação.

Podemos também admitir, entre as respectivas zonas do inconsciente, diferenças de potencialidade, zonas de transição que, encaradas desse modo, podem representar, praticamente, zonas autônomas. Assim, a energética inconsciente (região espiritual) seria constituída das três zonas conhecidas (inconsciente puro, passado e atual) e mais três zonas de transição, correspondendo: 1) à zona entre inconsciente puro e inconsciente passado; 2) à zona entre inconsciente passado e inconsciente atual; 3) à zona mais periférica do inconsciente atual, zona de comunicação com a zona consciencial.

Desta maneira, o inconsciente passa a ter seis zonas energéticas distintas sob a égide de um foco central situado no inconsciente puro. A estas regiões energéticas, ajuntando-se o corpo físico (energia condensada) o todo humano responderá por um septenário perfeitamente definido.

As camadas energéticas se vão superpondo ao foco central do EU, centro do inconsciente puro, envolvendo-o e, à maneira de verdadeiros envelopes, vão circunscrevendo, fechando, como que isolando as irradiações energéticas das zonas profundas, que são as mais puras. Assim, a energética mais sutil, pura, com origem no inconsciente puro, alcançará a periferia, na zona mais externa do inconsciente atual, após filtragem nas diversas paredes energéticas que, embora sem modificar as possibilidades vitais do centro emissor, lhe dão, no entanto, cor local apropriada. A razão de tudo se estriba no fato de que os centros nervosos de toda a zona consciente, tendo necessidade de amparo e orientação, nos seus respectivos trabalhos, pela zona inconsciente, recebem a energética do

EU com a vibração que a matéria suporte e com qual se ache mais afim; isso só se conseguirá se as vibrações puras do centro vital no inconsciente puro sofram adaptações, verdadeiras condensações, antes de alcançarem as telas de suas manifestações no consciente.

PSICOSSOMA

Com este quadro, podemos agora compreender que o inconsciente, o Espírito, com as expansões energéticas de suas variadas zonas até a periferia do corpo, se apresenta constituído de capas vibratórias, cujas qualidades e matizes variam de acordo com o maior ou menor grau evolutivo da zona donde provêm. As capas vibratórias não são mais do que camadas de densidades energéticas variáveis que, partindo do Centro Espiritual (zona de vibrações puras, quintessenciadas) vão sofrendo um adensamento cada vez maior, à medida que se aproximam do corpo físico, da matéria. Todas essas capas vibratórias, embora independentes, interpenetram-se, sem mesclagem, por motivos de sustentação e equilíbrio mútuos. Desse modo, as capas vibratórias se acham unidas por contingüidade, dando o aspecto de uma única capa, uma única veste espiritual, não excedendo aos limites corpóreos, bem valendo a denominação de psicossoma (perispírito).

As diversas capas vibratórias do psicossoma aqui e ali, demonstram ser a tela ideal de projeção de qualidades espirituais originárias no centro do EU. Entendamos bem: determinada camada do psicossoma não é detentora nem sede de funções psíquicas, pois já sabemos que a localização do arquivo da psique está no inconsciente passado. Assim o vórtice desse psiquismo interno, vórtice de alguma qualidade espiritual, teria numa dessas camadas possibilidades expansio-

nais bem mais ajustadas e caracterizadas que outra camada do todo psicossômico. Desse modo, intuição, vontade, memória e inteligência, por exemplo sendo vórtices do EU ou Individualidade, com sede no inconsciente passado, pode ter em determinada capa vibratória do psicossoma, pela harmonia de vibração desta zona com o próprio vórtice, o ponto ideal de manifestações e redistribuição para as telas mais densas situadas na periferia, na zona consciencial.

O psicossoma, resultado das expansões energéticas das zonas do inconsciente, verdadeiras capas vibratórias unidas contiguamente, é uma porção intermediária, com todos os graus de vibração, que une, dum lado, a zona energética espiritual e, do outro, a condensação máxima de energia de caráter barôntico, característica da nossa matéria. Ao lado disso, devemos considerar a proporcional mudança de dimensões, à medida que vamos percorrendo, do corpo físico até o centro do EU ou zona pura do espírito. Dest'arte, é por intermédio do psicossoma que o espírito dirige a matéria, sugerindo o grande trabalho deste complexo e ainda, para nós, inatingível laboratório, e retirando do quimismo celular da totalidade orgânica toda experiência para a Individualidade, para os arquivos do espírito. Nessas condições, podemos avaliar que fenômenos devam passar-se no psicossoma, que espécie de metabolismo deve aí instalar-se e que variedades de reações devam expressar-se nessas capas vibratórias, muito mais complexas e acentuadas que as que se esboçam e realizam no organismo material. É bem possível que o psicossoma possua zonas especializadíssimas que funcionem à maneira de órgãos, mais evoluídos do que aqueles nossos conhecidos da esfera física, em condições dimensionais que não permitem avaliação pela nossa percepção comum.

O psicossoma jamais deve ser considerado como reflexo ou efeito de corpo físico: este sim, é que se constrói com as sugestões daquele. Dessa forma, o psicossoma, esse arcabouço vibratório, representa um «esqueleto» onde o organismo se forma, ao qual se adapta e a cujas sugestões obedece.

A constituição do psicossoma abrange condições que escapam inteiramente aos nossos hodiernos métodos de pesquisa,

mas que podemos avaliar como sendo uma organização atômica e molecular, de modo especial, diferente daquela na qual se expressa a matéria. É bem provável, numa organização dessa natureza, que as unidades atômicas apresentem os prótons e seus elétrons orbitários com afastamentos maiores ou, mesmo, exista uma vida energética particular dessa dimensão. Ainda mais, dentro do todo psicossômico deverá haver tantas variações estruturais quantas foram as variedades dimensionais de sua energética; é claro que as expansões energéticas da zona do inconsciente puro terão apresentação estrutural diversa daquela do inconsciente atual.

O aspecto estrutural de conjunto, à primeira vista, deve ser bastante variável, de acordo com a evolução do ser, onde são balanceados os pontos concernentes à nutrição e os fenômenos de ordem genésica. A constituição do psicossoma está bem caracterizada nas palavras de André Luiz: «... formação sutil, urdida em recursos dinâmicos, extremamente porosa e plástica, em cuja tessitura, as células, noutra faixa vibratória, à face do sistema de permuta visceralmente renovado, se distribuem mais ou menos à feição de partículas colóides, com a respectiva carga elétrica, comportando-se no espaço segundo a sua condição específica, e apresentando estados morfológicos conforme o campo mental a que se ajusta».

As camadas mais periféricas do psicossoma que se acham ligadas diretamente à matéria, não deixam passar a energia vital, que vem do centro espiritual, sem controle nem equilíbrio. Para isso é que existe nas diversas capas vibratórias, uma série de estações energéticas, pontos vorticosos, elementos achatados, semelhantes a discos, que denominaremos discos energéticos, cujo papel seria a dosagem da energia vital a ser distribuída pelas diversas zonas, finalizando na matéria.

Os discos energéticos têm disposição especial e característica pelas funções que desempenham. Seriam discos bicôncavos, isto é, de maior espessura na porção central, adelgaçando-se para a periferia. O tamanho varia de acordo, não só com o estado funcional, mas também, de conformidade com a localização. Sofrendo habituais contrações e relaxamentos,

que permitiriam ter a forma arredondada nos graus de maior contração, dando a impressão de um limão; e de disco, nos de maior relaxamento, atingindo o tamanho de um pires comum. Na sua constituição podemos distinguir zonas energéticas, com aspecto onduloso, que se abrem umas nas outras, verdadeiras zonas concrescentes, onde as correntes de um metabolismo mais elevado se expressam.

Os discos energéticos devem apresentar nuanças energéticas de todas as camadas do psicossoma; por isso, embora pareçam situadas na capa vibratória mais externa, zona de expressão dos mesmos, estão em todas as zonas e dimensões, porquanto sua constituição isso permitiria. Assim, os discos, do centro para a periferia, com suas camadas dimensionais variáveis, acompanhando as respectivas dimensões das diversas capas, fazem parte de todo o psicossoma — o que vale dizer que, verdadeiramente, cada camada psicossômica possui seus próprios discos energéticos em sintonia com os afins de outras camadas.

A zona mais externa do psicossoma, onde se expressam os discos energéticos, é a mais rica de vibrações e colorido, variando de um para outro disco, na dependência da importância fisiológica de que estão investidos. São muitos; mas os principais e dignos de citação são em número de sete, e, pela localização, podemos classificá-los em:

a) epifisário — no centro do crânio;

b) frontal — ao nível do lobo frontal;

c) laríngeo — na região cervical (pescoço);

d) cardíaco — na região precordial (coração);

e) solar — na região epigástrica (correspondendo ao fígado);

f) esplênico — na região esplênica (correspondendo ao baço);

g) hipogástrico ou genéstico — na região hipogástrica (correspondendo à bexiga).

Esses discos ocupam exatamente as zonas onde se encontram, de uma parte, os centros encefálicos (no crânio) e, da outra, os plexos nervosos do sistema simpático-parassimpático (distribuídos pelo organismoo) que sofreriam sua direta influência.

O disco frontal, de influência marcante sobre os restantes, seria o orientador dos fenômenos que se instalam na córtex cerebral, zelando pelas atividades nervosas, dando o máximo de coordenação ao trabalho do neurônio e das glândulas de secreção interna.

O disco laríngeo exerceria suas atividades no mecanismo da respiração e fonação, e, mais ainda, zelaria pelo setor endócrino timus — tireóide — paratireóide.

O disco cardíaco responderia pelas energias que se desenvolvem em todo o aparelho circulatório, dando orientação aos fenômenos da zona de «vitalização».

O disco solar tomaria sob sua custódia a absorção dos alimentos, resultado do trabalho químico do aparelho digestivo.

O disco esplênico regularia o jogo do sistema hemático com todas as suas nuanças da relação meio e volume que levam e trazem energias múltiplas de todos os escaninhos orgânicos.

O disco genésico, responsável pelo amparo do setor sexual, não só na modelagem de novos corpos, como também nos estímulos das realizações e criações entre os seres.

O cipoal vibratório do psicossoma detém-se nos limites do corpo, deixando passar além deste as suas irradiações difusas, que lhe dão uma fisionomia característica; por isso mesmo, foram chamadas essas irradiações difusas de *auras*, cuja apresentação variará com o grau de evolução de cada ser. Se o espírito é evoluído, sua aura é atraente, luminosa e penetrante; se involuído, possuidor de capa vibratória mais pesada, fatalmente só poderá esparzir elementos densos, nebulosos, de luminosidade quase apagada. Donde se conclui que o psicossoma sofre intensas variações, ligadas e modificadas pelas correntes de pensamento que, por sua vez, traduzem de modo real e ajustado a situação evolutiva em que se encontra cada ser.

Capítulo — III

MECANISMO PERCEPTIVO

Nas diversas zonas da psique, das áreas de funções limitadas para as mais complexas, isto é, do consciente ao inconsciente puro, distinguem-se possibilidades de percepção cada vez mais apuradas e por processos sempre mais evoluídos. Vimos que a zona consciente trabalha de modo analítico-intelectivo. No superconsciente o trabalho se amplia, porquanto sua função é sintético-intuitiva. A zona inconsciente mais próxima da consciência, a zona do inconsciente atual, mantém um trabalho sintético-intuitivo muito mais avantajado do que aquele do superconsciente, por ser uma zona funcionalmente mais evoluída. Certas percepções serão ainda mais avançadas, mais sutis, quando conseguimos, por condições do EU, perceber determinadas influências energéticas, próprias das zonas superiores do inconsciente ou espírito.

O consciente por ser o elemento comum de nossas percepções é o elemento mais festejado. A maioria dos indivíduos só tomam conhecimento das coisas que se expressam no campo reduzidíssimo do consciente. À medida que vamos ganhando percepções diretas de outras zonas mais profundas das psique, quais sejam as do inconsciente, vamos observando coisas incomuns, de difícil explicação, apresentando, entretanto, maior realismo. Referimo-nos, naturalmente, à síntese dos elementos que nos cercam, como um mundo de rara beleza. É o verdadeiro sentir da essência das coisas, o pulsar da vida no centro dos fenômenos. Essas percepções passam a ter um sentido profundo de verdade e representam verdadeiro processo, no qual os mais evoluídos se socorrem na realização de suas obras.

Também devemos considerar que as zonas do inconsciente podem produzir percepções desajustadas, devido a vórtices dinâmicos ainda involuídos, que dominam inteiramente o cenário fisiológico. Assim como as visões, neste setor, podem ser belas e paradisíacas, muitas vezes, pelas razões acima expostas, podem ser purgatoriais e infernais. Os doentes mentais, os psicóticos e psico-neuróticos, têm comumente ambivalência perceptiva, sem controle, sem limites e, em sua irreverente patologia, exibem confusões perceptivas que dificultam a apreciação cuidadosa pelos especialistas; a percepção nestes casos, é geralmente taxada de alucinação. Assim, existe um tipo de alucinação que é a percepção desorganizada de algo existente — é a realidade insuportável por falta de pureza. Desse modo, quem entra nas raias do patológico encontrará sempre um ambiente conspirativo, todos os atos orgânicos tornam-se aguçadamente percebidos e parecem particular dum plano sinistro.

As percepções, à medida que avançam em profundidade, isto é, da zona consciente ao imo do inconsciente, se vão tornando mais sintéticas, mais expressivas, de modo a não permitirem uma descrição do que foi observado e sentido. A sensação, a comunhão do espírito com o fenômeno, é algo que não pode ser reduzido às descrições comuns; Goethe, em sua maturidade, escreveu: «... falamos demais; quem puder penetrar o significado das coisas, deverá por de lado tanto a palavra escrita quanto a falada». Este é um depoimento de valor, do gênio que teve a visão sintética e a inspiração para produzir, no Fausto, uma das maiores criações humanas.

Os indivíduos capacitados às percepções diretamente ligadas ao superconsciente e inconsciente, além de sua condição de evoluídos, necessitam de preparo, trabalho e boa-vontade; nos exercícios de mentalização, meditação e outros afins, levados a efeito pelos capacitados, isto é, pelos reconhecidamente competentes, a penetração perceptiva em dimensões superiores é relativamente acessível e facilitada pelo ritual que observam. As prolongadas suspensões respiratórias e determinadas exaltações religiosas pelos cantos litúrgicos, favorecem o acúmulo de gás carbônico nos pulmões e na corrente circulatória, determinando pequeno bloqueio de áreas cerebrais,

com ligeiro apagamento da zona consciente e abertura de outros planos perceptivos superiores. Entretanto, se não houver condições pessoais para o trabalho, na esfera do superconsciente e inconsciente, o indivíduo estaciona na primeira fase, sem criação de qualquer natureza, tendo no máximo algumas visões, exclusivamente da zona consciencial, pela sugestão reiterada e contínua dos exercícios, verdadeiros animismos, interpretados pelos incapazes como manifestação de outros planos.

Do exposto, podemos concluir que existem percepções acima do nível comum da consciência e que, poucos são os indivíduos que conseguem essas barreiras, às quais estamos obrigatoriamente subordinados.

Comumente, as influências psíquicas atingem o centro espiritual através da zona consciencial e posteriormente do inconsciente; contudo, essa mesma energética pode ser captada diretamente pelos centros nervosos do superconsciente (visão de síntese) ou de forma ainda mais complexa, pelo inconsciente atual, cujas visões intuitivas são mais ampliadas e panorâmicas. Essas imagens intuitivas, captadas por essas duas áreas (superconsciente e inconsciente atual) podem ser transferidas ao consciente; sendo este porém uma zona de possibilidades funcionais reduzidas em face daquel'outras, não consegue traduzir lealmente as sensações percebidas em grau mais alto que o seu.

As energias externas podem ser captadas, também, diretamente pela zona do inconsciente passado, cujas percepções atingem graus muito mais altos do que as anteriores e de interpretação mais difícil pela zona consciente. Desse modo, desde o superconsciente até o inconsciente passado, as percepções se dariam de acordo com o grau evolutivo da zona da psique atingida. Naturalmente, é lógico que cada zona da psique sintonize, de acordo com suas possibilidades, as energias que cercam o nosso universo. Quanto mais nos aproximamos do centro do inconsciente, tanto mais evoluídas serão as energias percebidas, até que teremos na percepção do inconsciente puro a grande visão da Realidade Suprema. Não estaria nesta zona

a visão-sensação dos verdadeiros místicos e o êxtase dos santos?

Sócrates referia-se à grandiosidade dessas percepções indefinidas e à sua importância para o conhecimento. Platão, um dos grandes vexilários da intuição como processo de pesquisa, conhecia sobremodo essas percepções de ordem superior, às quais denominava «percepção interior». Dizia categoricamente que o panorama deste mundo íntimo «é uma visão para espectadores bem-aventurados, porquanto, ver as coisas tais como eles são em si mesmas é uma bênção suprema e inexprimível». Estas visões interiores são de uma precisão e perfeição tais, que excedem a tudo o que de melhor conhecemos por intermédio do consciente, são coisas jamais vistas e anotadas pelos sentidos humanos. Quantas vezes nos ajustamos em pensamento a determinados objetos, de tal forma que chegamos a desligar-nos da percepção consciente, comum analítica. Em lugar solitário, o encanto da natureza nos fala bem alto à alma; extasia-nos ter diante dos olhos a grande verdade. O consciente torna-se fraco e apagado, sente-se como que humilhado de não poder perceber além das cores comuns e vai cedendo lugar às primeiras zonas da percepção sintética; e esta começa a sentir como o universo foi criado. A flor, expressão de beleza de uma planta, comunica sua esplendorosa vida, sem véus, como dádiva, àquele que conseguiu apreciá-la; e, por um momento, que não conseguimos marcar em tempo comum, o mundo inteiro nos é revelado em sua resplendorosa glória. Vem a dissipação, a volta integral ao consciente, deixando na alma gravado algo que jamais esquecemos e que não podemos definir, lembrando-nos, constantemente, a harmonia e doçura dos elementos que nos cercam.

* * *

Qual o processo que poderia explicar o mecanismo da formação das imagens das variadas percepções na zona consciencial? É claro que se torna impossível, com os meios que possuímos atualmente, definir conceitos desse jaez. Poderia-

mos emitir a hipótese de que os estímulos periféricos penetram os neurônios especializados (células cerebelosas, do córtex e dos núcleos cinzentos cerebrais) dos centros nervosos, mais precisamente nos campos vorticosos dos elétrons que fazem parte dos corpúsculos de Nissl; o impacto vibratório de penetração impressionaria a órbita eletrônica, sem modificá-la na estrutura, comunicando tais manifestações, à semelhança de células fotoelétricas sensibilizadas, a outros grupos de neurônios, tipo ampliadores, que dariam corpo às energias em vibração e que, por sua vez, seriam transmitidas e recebidas pelos grupos neuroniais, tipo analisadores, responsáveis pela projeção das imagens e percepções, praticamente concluídas, em campos energéticos de dimensões superiores. Nesses campos de vibrações apropriadas, as imagens e percepções seriam decalcadas nos grupos celulares nervosos mais capacitados a traduzirem o desencadeamento das respostas que os estímulos alcançariam. É lógico que num jogo desta ordem, da mais alta importância fisiológica, por mais simples que seja a percepção, inúmeras áreas nervosas devem participar num trabalho de conjunto, com fronteiras mais dilatadas do que se possa admitir.

A existência de neurônios receptores dos estímulos, de neurônios ampliadores, neurônios analisadores e principalmente neurônios tradutores das percepções e imagens, formam inúmeros grupos especializados numa mesma zona cerebral, apresentando variações, para mais ou para menos quanto às respectivas percepções. Desse modo, conforme o plano celular atingido, haveria variações de intensidade nas percepções, considerando o mesmo grupo celular de trabalho de uma mesma zona ou região cerebral.

Salientamos, igualmente, o valor do balanço bioquímico que controla o mecanismo sináptico ao nível das membranas, influenciando nas reações que capacitam a continuidade e descontinuidade dos circuitos nervosos, como também, as variações de intensidade das correntes que nos miríades de filamentos nervosos transitam oferecendo infinitas e inconfundíveis nuanças.

É necessário que se reforce a idéia de que a percepção não é um mecanismo nervoso, e sim psíquico; porquanto, a interpretação de determinada percepção é variável, por não ser a sensação igual nos indivíduos, apesar de possuírem, todos eles, 14 bilhões de neurônios aproximadamente. Por outro lado temos que considerar a conservação ou armazenamento das imagens-recordação nas diversas zonas de percepção sem constituir carga ou ocupação de espaço para o neurônio; por isso mesmo é que a absorção das experiências e percepções para o centro do EU, em correntes centrípetas, deve ser feita na medida de potencialidade das mesmas, isto é, do material energético especializado do que são constituídas.

As células nervosas condicionam-se para que a energética nervosa se manifeste; esta o faz sempre em dimensão superior. As imagens reais, objetivas do mundo exterior, formadas na retina ocular, são transmitidas pelas fibras do nervo óptico a determinada zona cerebral, onde o processo de percepção se desencadeia (imagem psíquica, imaterial), não havendo meios de comprovação. Daí, pensarmos em dimensão superior em relação à dimensão onde a percepção se efetiva, e seja como que decalcada, de modo especial, em neurônios adaptados para tal finalidade, que informam na zona consciente de que fazem parte, a compreensão e interpretação mental do objeto percebido, necessitando para isso de ínfimas variações de tempo. Experiências bem comprovadas confirmaram a necessidade dos atos psíquicos mais elementares necessitarem de 0,09 de segundo para serem cumpridos.

A transitoriedade química e transmutação constante de substâncias nas células nervosas não permitem incrustações que fossem responsáveis pelas recordações de imagens — só a energética de uma dimensão superior poderia decalcar nos neurônios, tela especializada, as imagens e percepções já produzidas.

É bem verdade que somente o trabalho consciente pode ser analisado e estudado pelas condições de apresentação do mesmo; quanto ao trabalho perceptivo superconsciente e inconsciente estão ligados a fatores individuais de evolução espiritual e de difícil tradução pela zona consciente. Esta

zona, quando impressionada pelas percepções inconscientes ou percepções ampliadas de ordem superior, traduz sempre as vivências a seu próprio modo, dentro de sua própria potencialidade; por isso, é comum o consciente expressar símbolos e fantasias que divergem da vivência real dum degrau superior, por ser uma zona insuficiente em comparação aquelas do inconsciente.

Lembramos que as zonas nervosas que fornecem as sensações perceptivas conscientes, estariam, preferentemente, na córtex. Na subcórtex ou base cerebral, zona talâmica (figura 1), confluência dos trajetos sensitivos e motores, existiriam as grandes estações de transição, onde as influências energéticas da zona inconsciente poderiam sofrer filtragens e adaptações para a região consciente. Nesta zona subcortical, base do cérebro, seriam marcantes as influências cerebelosas, do sistema ativador reticular e, principalmente, da ainda desconhecida usina pineal.

As percepções podem dar-se conforme a descrição esquemática obedecendo às respectivas regiões; entretanto, é lógico que se darão percepções nas diversas zonas, de modo direto, sem interferências nem filtragens das demais, como sói acontecer nas percepções superconscientes sem interferência do consciente. Existem os casos de percepções mais avançadas (zona inconsciente), cujos mecanismos receptores dos estímulos podem dar-se diretamente no psicossoma, em qualquer de suas camadas e departamentos, nestas condições, o consciente sendo um campo reduzido se afasta, na impossibilidade de traduzir tais sensações, verdadeiros êxtases, de definição analítico-intelectual difícil de ser expressada.

Todas as zonas da psique onde há formação com percepção das imagens, em face dos estímulos exteriores, têm a qualidade de gravar e mesmo arquivar, em seu grau de potencialidade adequado, todos os mecanismos perceptivos com suas apropriadas variações; isto explica os maiores ou menores graus, de apagamento ou clareamento dos estímulos que foram incorporados, quer se trate das paisagens que o meio oferece, dos estímulos que os aspectos comuns da vida forneceram, dos sons nas maravilhosas combinações que a mú-

sica nos presenteia, quer se trate de todo cabedal de estudo, experimento e pesquisa.

ENERGIAS ESPIRITUAIS

O inconsciente, como vimos, representa uma potência energética de ordem superior em relação às energias que transitam comumente por nosso orbe. Em bloco energético, fazendo parte integrante do EU, tem a faculdade de se espraiar em todas as direções. Sua emissão energética atinge todo o organismo do qual faz parte, incentivando pontos, convidando-os ao trabalho, como também, atravessando as suas barreiras em busca de tarefas especiais.

Desse modo, o inconsciente, por intermédio de suas fontes vibratórias, pode limitar-se ao próprio organismo, em trocas energéticas especiais, fazendo parte das correntes centrífugas e centrípetas de um ciclo energético, ou lançar suas potentes forças ao exterior, constituindo as correntes psíquicas emissoras externas. Como centro emissor que é, pode também receber, de outras estações vibratórias semelhantes, as suas respectivas energias, que passam a ser, logicamente, as correntes receptoras externas.

Com este esquema podemos agora entender a existência de um dinamismo entre a periferia (zona consciente) e a parte central do EU representando o inconsciente puro, em constantes ligações e entrosagens.

Assim, o psiquismo mantém entre as suas diversas camadas e regiões, apesar da divergência de trabalho de cada uma delas, uma unidade vibratória percorrida por energias afins, em virtude de pertencerem ao mesmo arcabouço psicológico.

Nas diversas camadas do psiquismo, apesar das semelhanças, haverá ligeira divergência, cuja união vibratória de

uma com a outra, a que antecede e a que se sucede, no todo, encadeia um ciclo que irá da periferia ou zona consciente ao centro, no inconsciente puro.

Logo, tudo que absorvemos pela zona consciente será levado às camadas profundas do inconsciente ou Espírito. E das camadas profundas terão origem energias que chegarão à periferia do corpo, da matéria, isto é, à zona consciente e se difundirão nos tecidos e órgãos, ou poderão mesmo ser lançados no exterior.

Estabelecido o conceito de um ciclo energético na organização psicológica ou EU, podemos defini-lo como constituído de energias que partem do centro para a periferia — correntes centrífugas, e as que se deslocam da periferia para o centro — correntes centrípetas. Dessa forma, a união das correntes completa aquilo que definimos como ciclo energético que, no caso em apreço, seria o ciclo das correntes internas; isto é, limitados ao próprio organismo. Dum lado a zona espiritual, do outro, a zona do corpo físico; dum lado os vórtices energéticos do espírito, do outro, a difusão dessas energias no corpo físico, mais propriamente na corrente circulatória.

As emissões de energias psíquicas externas serão representadas pelas energias de todos os departamentos do inconsciente, do superconsciente e do consciente, associadas ou não. Daí as energias variarem de acordo com o ponto de origem; quanto mais predominarem as camadas profundas do inconsciente, as energias serão mais puras e delicadas, observando-se o inverso, isto é, as energias serão tanto mais densas e pesadas, quanto maior for a predominância da zona consciencial. É claro que as energias psíquicas de uma mesma fonte orgânica estão quase sempre associadas, formando um único bloco, estando as variações na dependência do ser que emite os pensamentos, de acordo com o grau evolutivo e do momento emocional em que se encontra.

Nessa energética psíquica, por sua vez, em sua intimidade, giram unidades energéticas, ou psicótons, denominação por nós utilizada em analogia com os fótons, dando assim

a idéia de elementos viventes em vórtices, possuindo ponderabilidade e propriedades electromagnéticas específicas.

As recepções de energias psíquicas (externas) aportam ao indivíduo, e, quando percebidas, o foram pela utilização dos sentidos comuns, que transmitiram aos centros nervosos do consciente e superconsciente as suas impressões pelas conhecidas vias orgânicas. Entretanto, a energia psíquica externa pode alcançar o centro Espiritual de um determinado ser por outras vias que não as comuns.

Os raios psíquicos externos podem penetrar através da caixa craniana, sem auxílio dos sentidos, em várias inicidências, convergindo para a parte central; a recepção energética, por esta maneira, naturalmente, varia de intensidade e percepção de acordo com o aparelho receptor. Nas pessoas mais adaptáveis, mais sintonizáveis, mais sensíveis, enfim mais evoluídas espiritualmente, a intensidade receptiva é sempre mais evidente; é claro que os graus de receptividade são imensos ao lado de inúmeras nuanças, conforme a zona em que as emissões psíquicas aportarem no inconsciente, ou melhor, no campo magnético-energético de cada ser. Anote-se a possibilidade de percepção mesclada, onde a zona consciencial e a do inconsciente participam ao mesmo tempo do impacto da corrente psíquica.

As ondas de energia psíquica chegadas aos jorros no inconsciente, mais precisamente nos discos energéticos do psicossoma, sofrem grandes elaborações que se completam no disco energético epifisário e, com suas próprias irradiações, jogam nas placas dos centros nervosos as idéias que aí aportam. O disco energético epifisário passaria a ser a ponte de conjunção da vida psíquica interna com a forma física em que ela mesma se projeta. Conforme o tipo de idéia recebida pelo inconsciente, este poderá dar conhecimento através do consciente que trabalha em face da razão analítica, ou do superconsciente que funciona em face da síntese intuitiva; e ainda mais, poderá não dar conhecimento algum, arquivá-lo ou fazê-lo em data posterior.

Tanto as energias emissoras quanto as receptoras podem oscilar de região, isto é, de local onde o mecanismo se processa. Quando se dá na zona consciente ou superconsciente, portanto zona consciencial, a fenomenologia obedecerá às condições da usina pineal, em nosso entender reduto mais categorizado do organismo físico; quando for a zona inconsciente a sede do fenômeno, as variações deverão ser enormes, sendo que o mais comum seria o desenvolvimento do processo no psicossoma, nos locais dos discos energéticos.

As correntes psíquicas receptoras podem partir de Individualidades, encarnadas ou desencarnadas, com as finalidades mais variáveis. As energias psíquicas que aportam a determinado aparelho receptivo, vindas de uma entidade espiritual, por isso de correntes psíquicas individualizadas, poderão ser mais ou menos percebidas conforme a evolução e possibilidade do aparelho receptivo.

As correntes receptoras, praticamente onde vivemos mergulhados, penetram à organização psicológica pelos sentidos comuns da zona consciente, ou pelas vias denominadas de extra-sensoriais, atingindo os diversos departamentos no cumprimento de suas finalidades.

Logo, as energias que penetram e alcançam os sentidos comuns vão pelos canais habituais em busca das telas nervosas, onde serão percebidas e devidamente avaliadas. As que penetram e situam-se nos canais extra-sensoriais vão, quase sempre, diretamente à profundidade do Inconsciente ou Espírito.

O local de chegada das energias pelas vias extra-sensoriais poderá ser:

a) — diretamente nos condutos nervosos, que conduzirão as impressões até os centros nervosos;

b) — nas diversas e variadas estruturas do sistema neurovegetativo;

c) — nos centros nervosos do sistema cérebro-espinhal;

d) — na zona energética (zona inconsciente ou espiritual) do psiquismo, em qualquer de suas camadas ou expansões.

Com isso, entendemos que as percepções terão nuanças e possibilidades variadas pelo modo de suas respectivas manifestações. Se a energética externa chega a atingir a zona consciencial (a zona física consciente), mesmo de modo suave, a percepção é muito mais comum e perfeitamente entendida por aquele que é alvo da fenomenologia. Porém, à medida que essas vibrações vão alcançando as camadas profundas do psiquismo, o sentido perceptivo consciente — o único por nós considerado como existente — vai apagando-se, expressando-se sob formas diversas, até mesmo sendo traduzida como simples inspiração, por falta de definição exata da fenomenologia que não conseguiu gravar-se no setor consciente.

Essas energias externas receptoras são variáveis e pertencentes a outras dimensões, e que participamos, principalmente, pelos seus efeitos. Podem ser apreciadas, qualitativamente, sob a forma de energias cósmicas em geral e energias emitidas por unidades psicológicas, quer de encarnados quer de desencarnados.

As energias de encarnados, de uma pessoa para outra, nessas contingências dimensionais que alcançam exclusivamente as zonas profundas do psiquismo pelas vias extra-sensoriais, podem ser observadas na telepatia, na desenvoltura de fenômenos hipnóticos e tantos outros afins.

Entretanto, mais comum são as energias de desencarnados, com seu respectivo ambiente dimensional, que chegarão até nós através da fenomenologia mediúnica em imensas tonalidades, no aspecto receptivo consciente, semiconsciente e inconsciente.

Capítulo — IV

FENÔMENOS PARAPSICOLÓGICOS

No entendimento da fenomenologia parapsicológica focalizamos, mais uma vez, que o psicossoma, constituído de múltiplas camadas, nas suas expansões vibracionais que não devem ser confundidas com a aura, poderá alcançar, fora do espaço e do tempo, fatos, objetos e vivências diversas, participando de fenômenos que darão conhecimento à zona consciencial (dentro das possibilidades desta zona) sem a utilização dos sentidos comuns. Logo, existem processos perceptivos pelo psiquismo humano, muito além daqueles desenvolvidos comumente pela zona consciente, fazendo parte de outros mecanismos. São verdadeiras emissões de ondas energéticas especiais, em dimensões apropriadas, cujo grau de conhecimento perceptivo pelo consciente dependerá da *sensibilidade* do indivíduo.

Qual o vínculo que une o percipiente (sujeito) ao percebido (objeto)? As opiniões dividiram-se em dois grupos principais nas páginas parapsicológicas oficiais:

a) a percepção paranormal e de ordem psicológica imaterial;

b) a percepção é material-energética, portanto fisiológica.

Perguntamos: Onde começa e termina matéria e energia? Até onde se encontram fenômenos psicológicos exclusivamen-

te fisiológicos? Que tipos de energias se encontram em jogo nesta fenomenologia? A existência de um Inconsciente, potente em funções, não estaria desenvolvendo energias paranormais em face dos fenômenos da zona consciencial que lhe é subordinada? Onde começa a percepção, a absorção de experiências e a respectiva manifestação na zona consciencial quando existe?

Por tudo isso, está se multiplicando nas razões intelectivas a explicação do mecanismo paranormal; este deve estar investido de uma multiplicidade fenomênica que não pode ser contida em análises intelectivas, onde sua reduzida energética impossibilita a visão mais larga do que pretendemos.

Desse modo, a Parapsicologia navegando no tumultuoso mar de nossos dias, apresenta inúmeras explicações para sua fenomenologia das quais tentaremos ajuntar algumas propostas sob forma de teorias.

Teoria de JUNG — Os fenômenos de percepção extrasensorial são transcendentes ao tempo e espaço e ligados a um princípio de sincronicidade, que estaria acima do princípio de causalidade. Este princípio de sincronicidade não sofre as causas e efeitos de uma lógica intelectualista, porquanto sua energética está além de nossa interpretação a respeito das energias conhecidas.

O princípio de sincronicidade representa correspondência ou expressiva coincidência entre acontecimentos de ordem física e psíquica, sem relacionamento causal entre eles. Certas e determinadas imagens internas de sonhos, vidências e fenômenos de precognição, possuem coincidência de relacionamento com realidades exteriores. São fenômenos ocorridos em lugares diversos e afastados um do outro, sem explicação das manifestações causais de suas respectivas imagens coincidentes. As duas imagens, a exterior e a interior, estariam relacionadas a processo específico do inconsciente.

Fala Jung: «Minha preocupação, com relação à psicologia dos processos inconscientes, obrigou-me, há muito tempo, a procurar — além da causalidade — outro princípio de

explicação, uma vez que o princípio de causalidade me parecia impróprio para explicar certos fenômenos surpreendentes da psicologia do inconsciente. Encontrei, assim, fenômenos psicológicos paralelos, que não podiam ser ligados entre si casualmente; deviam ser ligados de outra forma, por outro desenrolar de acontecimentos. Esta conexão de acontecimentos parecia-me ser essencialmente dada, por sua relativa simultaneidade, de onde o termo «sincronismo». Parece, com efeito, que o tempo, longe de ser uma abstração, é um *continuum* concreto; ele inclui certas qualidades ou condições fundamentais que se manifestam, simultaneamente, em lugares diferentes, com um paralelismo que não pode ser explicado pela casualidade. É o caso, por exemplo, de símbolos, idéias ou estados psíquicos que aparecem simultaneamente.»

Essa teoria continua sendo muito combatida porque não pode ser «medida nem pesada»; representa pensamento filosófico de alto teor, fundado nas «correspondências universais».

Hipótese energética — Aceita por grande número de experimentadores e, por isso, vista por muitos ângulos assim resumidos: a) hipótese do rádio e TV mental; b) da criptestesia ou sexto sentido; c) da criptestesia telepática.

a) Na hipótese do rádio e TV mental, há como que um fracasso que não resiste a qualquer análise simples, pois pretenderam equacionar as emissões e recepções do psiquismo, como um simples aparelho de rádio e televisão. A energética psíquica tem que atuar numa dimensão bastante superior e evoluída onde as energias de nosso mundo se obscurecem pela pobreza de suas manifestações.

b) Na hipótese da criptestesia (termo criado por RICHET) haveria a percepção paranormal como conseqüência de uma verdadeira percepção sensorial, às expensas de um sentido apropriado e diverso daquel'outros conhecidos, e adaptado à recepção de influências diferentes.

Uma hipótese energética vem desde DEMÓCRITO, passando por DESCARTES e praticamente mantendo-se como fluido vital com MESMER. Com RICHET, as idéias ficam mais próximas da ciência ou pelo menos tomam uma contingência mais moderna. São suas estas palavras: «Estamos rodeados de vibrações por meio das quais o mundo exterior afeta nossa inteligência. Além das vibrações que impressionam nossos sentidos, outras há não percebidas por eles, mas cujas existências nos é revelada pelos nossos aparelhos de física: o magnetismo, os raios ultravioletas e infra-vermelhos e sobretudo essas surpreendentes ondas hertzianas que ressoam em redor de nós, sem que possamos percebê-las se não tivermos aparelho receptor. Pois bem; parece-me evidente que não esgotamos a lista das vibrações ambientes; cada dia a ciência descobre e descobrirá outras mais. Por que não admitir que a inteligência dos sensitivos é afetada por alguma dessas vibrações misteriosas ainda desconhecidas?»

A teoria energética sofreu imensos ataques de certos parapsicólogos, inclusive de CARINGTON, determinando modificações a ponto de ressurgir como teoria da criptestesia telepática.

c) A criptestesia telepática, hipótese de R. KHÉRUMIAN, vicejou após a interpretação da existência de dispositivos especiais nas vísceras que teriam funções perceptivas muito aprimoradas — interoceptores. Estes despertados em sua sensibilidade, transmitiriam às zonas especiais no cérebro, mesmo através de mecanismo sangüíneo, onde se desenvolveriam as percepções paranormais.

Parece, realmente, que o organismo possui pontos sensíveis a uma energética especial. Não seriam pontos ligados ao sistema neurovegetativo? Sistema este comprometido com as emergências orgânicas e funções importantes ainda não definidas. Não estaria o sistema neurovegetativo ligado, de modo muito especial, às percepções paranormais?

Enfim, a teoria energética está aguardando da ciência eletrônica, com seus delicados campos de registros cada vez

mais aperfeiçoados, a possibilidade da evidenciação de um mecanismo bio-energético.

Hipótese idealista — Esta hipótese relaciona aos fenômenos PSI uma concepção «idealista» da psique, existindo em jogo um princípio vital não subordinado ao espaço e tempo. A fenomenologia estaria diretamente relacionada ao Inconsciente, o que possibilita um melhor entendimento entre a comunicação sem a participação dos sentidos comuns. A maior parte dos estudiosos e interessados em Parapsicologia estão enquadrados nessas idéias, embora interpretando a energética do Inconsciente sem bases lógicas.

* * *

Nessas teorias estão englobados muitos pensamentos que em tempos outros, constituíam hipóteses separadas tais como: hipótese dos movimentos musculares inconscientes (CHEVREUL), hipótese telérgica (MYERS), hipótese teleplástica (SCHRENCH-NOTZING), hipótese da prosopopese (SUDRE) e tantas outras.

Em visão de conjunto, todas essas teorias explicam muito pouco e não se ajustam em métodos científicos ou hipóteses lógicas. Talvez que as manifestações paranormais realmente sejam privativas de outras dimensões não mensuráveis com as nossas medidas e, por isso, quase sempre negadas. Aliás, os inúmeros e variados fenômenos mediúnicos bem observados nos fazem pensar na existência de zonas energéticas entre o fulcro central do Inconsciente ou Espírito até a periferia corpórea. Estas camadas intermediárias, verdadeiras emissões do próprio inconsciente, enquadradas nesta pequena exposição como «psicossoma», iriam sofrendo densificação até perderem-se na própria matéria corpórea que, por sua vez, seria a zona ou camada de grau máximo de concentração dessa energia psicossômica.

Dessa maneira, o psicossoma, com todos os matizes vibratórios que carrega consigo, poderá estender suas energias

como verdadeiras projeções, participando de campos magnéticos em entrelaçamentos e envolvimentos, permitindo registros especiais, cujas variações perceptivas dependerão das regiões atingidas e de como a zona consciencial poderá traduzi-los.

Se as percepções são registradas pelas camadas superficiais do psicossoma (as de maior número), portanto mais próximas da zona consciencial, serão mais bem entendidas e analisadas pelo cérebro do homem atual. Caso contrário quanto mais profunda for a camada atingida pela percepção, conseqüentemente mais próxima das zonas profundas do inconsciente ou espírito, as sensações serão pouco definidas pelo consciente, porém mais sutis e com melhor sentido de precisão.

* * *

Devemos considerar que, à medida que a humanidade vai evoluindo, à medida que o homem vai adquirindo evolução no trabalho fabuloso dos milênios, e conquistando o domínio de dimensões superiores, os fenômenos parapsicológicos, considerados como tais nos dias de hoje, farão parte da Psicologia desse mesmo homem de futuro e evoluído, como corriqueiros, costumeiros, verdadeiros e normais. Nessa época futura, o homem terá a psique aberta para outras sensibilidades extra-sensoriais, conduzindo-o a novos horizontes parapsicológicos de que, no momento, nem de leve teremos notícias. Esse mecanismo da psique, em busca constante de novos horizontes, poderá explicar a razão da evolução infinita do espírito, onde a palingênese lhe dá um sentido de ordem, harmonia e equilíbrio.

* * *

Todas essas sensações ou percepções extra-sensoriais são mais bem observadas nos *sensíveis ou médiuns;* de modo excepcional, em indivíduos, cujas portas perceptivas dessas

zonas energéticas do inconsciente foram abertas por substâncias químicas (ácido lisérgico, mescalina, etc.), ou métodos psicológicos em que a hipnose ocupa lugar de destaque. O *sensível ou médium* adquire o desenvolvimento perceptivo e melhora suas inatas qualidades, no trabalho e no constante exercício, em que a observância dos fatores de sadia moral são condições de máxima importância. No caso do uso dos tóxicos (mescalina, ácido lisérgico, etc.) a fenomenologia extra-sensorial será sempre doentia e deformada.

A literatura hodierna está repleta de experiências hipnóticas no setor parapsicológico, como também dos provadores da mescalina e ácido lisérgico, onde o registro dos fenômenos e vivências em dimensões outras se fazem através de nosso psiquismo de profundidade. Nestas condições, não poderemos deixar de alertar que, muita vez, ao lado do fenômeno parapsicológico real, poderá haver mesclagem de fenômenos alucinatórios, desencadeados pela própria zona do consciente (reação das células nervosas cerebrais), perturbando a análise da vivência e mesmo deixando dúvidas ao observador desatento ou de pouca experiência.

Assim, é de se pensar que em dias futuros possamos integrar-nos com a fenomenologia parapsicológica de hoje, dominando e utilizando as ações com as finalidades-construtivas que fazem parte do bem comum e da própria evolução psicológica.

* * *

Os fenômenos parapsicológicos, poderão, esquematicamente, ser enquadrados em dois grandes grupos:

a) Fenômenos parapsicológicos com participação de uma única mente — unidade psíquica humana — em face de objetos ou do meio ambiente.

b) Fenômenos parapsicológicos com participação de mais de uma unidade psíquica entre encarnados e desencarnados,

indistintamente, com escassa participação de objetos e meio ambiente.

Com este esquema e de posse de um esboço sobre o psiquismo humano, podemos encarar os diversos ângulos da fenomenologia parapsicológica. Por outro lado, procuraremos abordar o mecanismo do fenômeno, abandonando, sempre que possível, os casos, as citações de fatos e acontecimentos, facilmente encontrados nos livros merecedores de acatamento.(*)

O desenvolvimento do mecanismo parapsicológico para alcançar um grau de positividade necessária, quase sempre está na dependência de ambiente apropriado, onde exista concentração (mecanismo liberativo das naturais inibições, neutralização de hábitos mentais do raciocínio, afastamento dos pensamentos que acompanham os labores diários da vida e coisas semelhantes), ao lado das qualidades morais dos «sensíveis» ou «médiuns». Também é importante salientar que os fenômenos parapsicológicos de qualquer natureza, acham-se entrosados, mesclados e quase nunca devem ser analisados numa vestidura própria e perfeitamente límpidos como entidades características, pois, todos eles estão na dependência de energias que se desenvolvem em dimensão apropriada, com aspectos multifaces porém semelhantes. Isto constitui fator de continuados enganos quando apreciados por diferentes pesquisadores e, mais do que tudo pelos «sensíveis» ou «médiuns» que exteriorizam a maioria desses fenômenos com a tonalidade própria do arcabouço psicológico de cada um.

A vivência desses fenômenos só poderá dar-se nas regiões energéticas do Inconsciente (espírito) ou mesmo em suas

---

* Nos livros do Prof. Carlos IMBASSAHY — «A Farsa Escura da Mente», Edicel, S. Paulo, e «Enigmas da Parapsicologia», Edição Calvário, S. Paulo — o leitor encontrará respostas de questões parapsicológicas, ao lado de discussões sadias e bem equacionadas. Esses livros, pela apresentação correta de experiências e fatos bem comprovados, representam esclarecimentos aos interessados na fenomenologiga paranormal que a todo momento esbarram com explicações complicadas e esdrúxulas, defendendo quase sempre posições sectaristas.

expansões, convergindo para a zona consciencial, porém fora dos canais utilizados pelos sentidos comuns. Não há local predeterminado no cérebro — eles despontam e notificam sua presença, são absorvidos numa dimensão e exteriorizados e retratados em outra — também não é necessária determinada posição do corpo, é claro que a posição corpórea onde os músculos estejam descontraídos, facilita o mecanismo de concentração que é harmonia, justeza, equilíbrio, simplicidade, serenidade e sensibilidade. Mais ainda o conceito de distância, próprio à nossa dimensão, desaparece. A fenomenologia parapsicológica não necessita do fator espaço, a não ser em diminutos casos de fenômenos anímicos. É bem possível que o fator tempo, dimensão-tempo, tenha expressões mais nítidas, embora de análise difícil por nossa mente analítica. Não teria sido este o pensamento do psicólogo ERNEST MACH, quando em 1890 abraçou a idéia filosófica-espiritualista, rompendo com os materialistas de então com suas visões de superfície, onde a fenomenologia percebida pelos sentidos comuns não poderia traduzir as últimas conseqüências da natureza?

Com esses necessários e, por isso, repetidos esclarecimentos, tentemos analisar os fenômenos parapsicológicos, dissociando-os ao máximo para que haja possibilidade descritiva e entendimento analítico, único possível a nossa linguagem escrita.

O leitor interessado compreenderá perfeitamente que, na descrição desses fenômenos, não poderemos analisar suas respectivas nuanças, variáveis a graus inimagináveis, pois os fenômenos de uma mesma classe jamais se repetem com identidade vibratória, sentido, tonalidade, timbre e colorido. Se isto acontece com o mesmo «sensível», o que não deve observar-se em indivíduos diferentes, onde as variações emocionais são bem mais diversas?

Os fenômenos parapsicológicos do primeiro grupo podem ser esquematizados do seguinte modo:

1 — Leitura de cartas e objetos (telestesia)

2 — Precognição e retrocognição, com ou sem clarividência
3 — Ação psicocinética
4 — Alguns sonâmbulos
5 — Fenômenos anímicos. Nestes destacamos:

a) sensações cinestésicas especiais, êxtases.
b) hiperestesia e hipoestesia
c) exteriorização de vórtices do inconsciente, criando imagens e símbolos
d) vivências do inconsciente passado.

1 — LEITURA DE CARTAS E OBJETOS

Neste grupo está considerada toda leitura de determinadas cartas, estando as mesmas ocultas, ou bem próximas do «sensível». É lógico que as cartas são em bom número e estarão de costas; os desenhos e símbolos são conhecidos do «sensível» apesar de ocultos e embaralhados.

O grande pesquisador, neste setor, foi RHINE, da Universidade de DUKE. As cartas, com as quais manejava as experiências, compunham-se de cinco figuras diferentes, repetidas em cinco cartas cada uma; desse modo, o baralho era de vinte e cinco cartas ao todo.

RHINE iniciou as experiências neste baralho de vinte e cinco cartas, com finalidade de selecionar «sensíveis» que pudessem atender a sessões mais complexas, em futuros trabalhos, e respondessem à base de dados estatísticos, a fim de que os experimentos possuíssem valor científico. Com isso, chegou à conclusão de que as médias de acertos, em inúmeras leituras, passavam daquilo que poderíamos considerar casualidade. Nas leituras não se observavam as cartas que iam saindo, e sim, posteriormente, eram controladas pela ordem de colocação, para que o orientador não pudesse, emitir vi-

brações mentais, conhecendo os símbolos com antecedência, modificando os resultados reais.

RHINE deu maior importância aos trabalhos quando descobriu nos estudantes LINZMAYER e RUBERT PEARCE, devido a maior sensibilidade, a existência daquilo que considerou como percepção extra-sensorial (ESP na língua inglesa). Com o elastecimento dessas experiências sob condições apropriadas, foi registrado que os excessos no trabalho prolongado determinavam diminuição da capacidade de sensibilidade parapsicológica, logo registrada após conveniente repouso mental. Aliás, isto pode ser extensivo a toda fenomenologia registrada pelo psiquismo.

A percepção extra-sensorial, pesquisada por RHINE, foi observada mais facilmente no jovem, do que na criança e no adulto; entretanto, existem casos esparsos de crianças e velhos que forneceram dados bastantes elucidativos, tanto na leitura de cartas como nos fenômenos telepáticos.

Foram anotados, também, resultados expressivos com determinados cegos, havendo mesmo, em alguns, certas exaltações de um sentido oculto — fenômenos de criptestesia como queria RICHET.

Causa-nos certa estranheza, ter-se o próprio RHINE afastado das pesquisas mediúnicas, pois teve significativos contactos com médiuns (Sra. GARRETT e outros) onde obteve índices interessantes do fenômeno telepático. Parece-nos que desejou dar um «sentido científico exclusivo» e, com isso, isolou os fenômenos, limitando-os ao registro analítico de nossa mente atual de superfície — perdeu-se no infinito fenomênico da intelectualidade medida pelos sentidos comuns. Entretanto, cabe-lhe o mérito de ter introduzido a Parapsicologia no ambiente universitário e lutado pela sua relativa aceitação.

O trabalho de RHINE foi bastante extenso e ainda continua, embora, lamentavelmente, não tenha tido alcance filosófico: milhares de experimentos baseados nos cálculos de probabilidade, comunicando à pesquisa uma frieza sem finalidade real. Aliás, no mesmo sentido trabalharam SOAL, TYRRELL e outros observadores na própria América, com

pequenas modificações em alguns setores, obtendo resultados semelhantes e bem aproximados uns dos outros.

Pela extensão numérica da pesquisa de RHINE alguns entusiasmados, sem visão de profundidade, encontraram uma Parapsicologia por esta única faceta que, como veremos pelo esquema apresentado neste exórdio, é pequeníssimo e mirrado capítulo da Metapsíquica. Porém, lendo-se com atenção os relatos de RHINE, percebe-se em seus pensamentos a existência de um mundo extra-físico, de energias aprimoradas, de que a percepção extra-sensorial atingiu apenas estreita passagem.

Os fenômenos de percepção extra-sensorial, no caso das leituras das cartas, foram denominados pelo próprio RHINE de clarividência, embora reconhecesse que o termo *telestesia* (isto é, «percepção à distância») criado por FREDERIC MYERS, definiria melhor seus experimentos.

Não podemos deixar de alertar a existência de certas leituras de cartas variádas nas bases do trabalho de RHINE, de leituras de trechos contidos em livros fechados, acertos de frases escritas e colocadas em envlopes lacrados, decifração de mensagens retidas em gavetas, cofres e lugares ocultos, realizados e comprovados com auxílio do fenômeno mediúnico, onde o espírito (entidade encarnada) foi a fonte real da informação. Neste caso, o «sensível» teve a ajuda de outra mente ou unidade psíquica.

Isto não quer dizer que o «sensível» por si só não alcance a percepção de objetos com seu próprio aparelho psíquico: sabemos que isto é possível e realizável: porém existem possibilidade e casos comprovados do auxílio perceptivo por intermédio de entidades desencarnadas. Até onde o fenômeno se realiza na dependência de uma única unidade psíquica ou com auxílio de um desencarnado ou espírito, escapa-nos inteiramente o detalhe de análise; mas existem as duas condições citadas — os fatos são numerosíssimos.

Fazendo parte deste capítulo, estariam as percepções de objetos ocultos, distantes ou não da mente registradora. Ainda mais, poderíamos lembrar os casos de «sensíveis» que per-

cebem a presença de certos e determinados minerais ocultos nas camadas mais superficiais da crosta terrestre, como também, de veios d'água. Quanto a estes últimos, houve muitas referências e apreciações de casos que se tornaram conhecidos através dos estudos do abade PARANELLE. JOHN MULLINS e GATAKER no século passado. Famoso o caso do soldado SAPPER KELLY, na primeira guerra mundial, descobrindo veios d'água em pequena localidade na baía Suvla, grandemente útil para a tropa lá sediada, que estava na iminência de retirada por falta d'água.

A descoberta de veios d'água, de certos minerais, de objetos ocultos, a leitura de cartas, de trechos de livros fechados, etc., estariam na dependência de uma percepção extrasensorial (casos de sensibilidade psíquica diante de objetos), onde o campo magnético do «sensível» pode entrar em comunicação e conseqüente sintonia com os objetos que, por sua vez, emitem suas próprias vibrações ainda não registráveis pelos nossos aparelhos mais sensíveis. O registro pelo «sensível» só poderia dar-se através das camadas do inconsciente e suas expansões — o psicossoma; de lá despontariam nos canais da zona consciente por um processo de redução e passagem dimensional, e traduzidos de acordo com o arcabouço psicológico de cada «sensível». Haveria, portanto, uma percepção e não uma «criação inconsciente», termo bastante utilizado por parapsicólogos improvisados na explicação de toda a fenomenologia parapsicológica.

Desse modo, a percepção se daria mais propriamente pelo psicossoma ou perispírito, sofreria processo elaborativo na dimensão que lhe é própria, dando conhecimento à zona consciente do «sensível», que perceberia o fenômeno como um despertar interno dentro do próprio ser. Houve como que uma emissão vibratória do «sensível» e a respectiva sintonia com registro do objeto, obedecendo a mecanismo desconhecido, pois, somente quando as impressões se decalcam na zona consciencial é que temos o sentido da existência dos mesmos. Pode acontecer o caso, aliás mais comum do que se pensa, em que a percepção ligada ao perispírito ou psicossoma se

dê no local do objeto, porque houve projeção energética do «sensível ou médium». Neste caso, seu corpo fluídico, astral, perispírito ou psicossoma, saiu do corpo físico, projetando-se vibratoriamente em busca do objeto de seu interesse para a devida percepção. Alguns denominam este corpo energético de *duplo-etérico* ou simplesmente *duplo* — tudo vem a ser a mesma coisa.

Logo, as percepções podem dar-se com exteriorização ou não das energias perispirituais. Por isso é difícil ao homem comum, embora intelectualizado, participar de uma pesquisa cujas medidas não obedecem aos métodos corriqueiros e que não se passam, habitualmente, com a maioria. Diante desses fatos, é muito mais fácil negar, e este é o argumento dos que têm reduzidas percepções do significado da vida; vicejam na periferia das causas e, com pouca visão, se satisfazem com o mínimo que atravessa os próprios sentidos.

2 — PRECOGNIÇÃO E RETROCOGNIÇÃO, COM OU SEM CLARIVIDÊNCIA

A precognição, como o nome está a indicar, é a percepção, como visão detalhada ou não, de fatos que estão por acontecer.

Existe avultado número de situações bem comprovadas sobre narrações que antecederam reais acontecimentos, como também fatos que estavam se desenrolando em locais distantes e descritos pelos «sensíveis» com certa riqueza de detalhes. Haja vista a conhecida descrição de SWEDENBORG das cenas de um incêndio, distante muitos quilômetros, numa época em que o correio mais veloz se fazia em estrada de ferro com máquinas movidas a lenha; não existiam outros meios informativos e de comunicação.

São bastante comuns, mais do que se possa avaliar, os avisos que determinados indivíduos, encarnados ou não, dão a outros, por via extra-sensória, até mesmo durante o sono, cuja comprovação não deixa margem de dúvidas. Esses avisos

são os mais variados possíveis, embora todos eles tenham um ponto comum: a vontade e necessidade de informar a alguém sobre algo que se considera de importância. Com isso, há um desencadear emocional bastante alto, que deve provocar uma emissão vibratória especial, diversa do pensamento comum, mesmo que a fonte produtora não tenha conhecimento exato do que se passa.

Estamos a ver que os casos desta natureza pertenceriam ao segundo grupo (duas unidades psíquicas em jogo); porém, para evitarmos excesso de análise, enquadramos, em pequena citação, neste capítulo. Mais uma vez, alertamos que o fenômeno parapsicológico é sempre muito complexo e, bem analisado, não deixa dúvida de que sempre se encontra associado a outros mecanismos, que por sua vez sofrem as nuanças do registro pelo «sensível».

A retrocognição vem a ser a percepção, com ou sem clarividência, de fenômenos já passados e realizados. É bem verdade que esse mecanismo, aos menos avisados, deixa margem de interpretação duvidosa quanto à sua realidade; entretanto, aqueles que militam, e conhecem os mecanismos mediúnicos, registram a todo momento a associação de fenômenos de retrocognição, provocados ou não, ligados aos encarnados ou mesmos desencarnados, como uma necessidade de conhecimento de cenas passadas em favor de um ajuste e harmonia psíquicas no desenrolar de determinados tratamentos.

Fenômenos de tal quilate, ligados a uma percepção fora dos sentidos comuns, percepção extra-sensorial, são comumente descritos pelos «sensíveis» como despertados dentro do crânio, às vezes como uma visão, outras como escuta; mas, mesmo assim, não é a visão dos olhos nem a escuta dos ouvidos: vê-se e ouve-se *dentro da cabeça*.

No momento cabe muito bem a interpretação que demos aos fenômenos que antecederam a estes, quando determinada zona expansional do inconsciente, portanto o psicossoma, em apropriada situação perceptiva, registra os acontecimentos em seu campo magnético-vibratório de alta freqüência e os comunica à zona consciencial, embora com redução dimensional

e só percebida pelos «sensíveis». Esta redução dimensional, muitas vezes, não pode apresentar a realidade da desenvoltura fenomênica e, com isso, traduz muitos dos acontecimentos sob uma forma que a zona consciencial possa comportar. Isso explicaria as variações perceptivas de muitos «sensíveis» em face dos acontecimentos. Logo, é muito natural a variabilidade de observações dos casos abordados neste capítulo. A tela consciencial recebe o registro conforme sua própria condição; e tanto isto é verdade que muitos «sensíveis» têm algumas vezes, dificuldade em traduzir aquilo que poderíamos denominar «as emoções do acontecimento». Dizem eles: «estou sentindo muito bem, em detalhes, mas não tenha as palavras exatas para traduzi-lo».

Desse modo, o psicossoma pode perceber a fenomenologia em apreço com ou sem projeção (duplo fora do corpo); mas tudo se registra no campo vibracional de alta freqüência que deve ser constituído pelas expansões do Espírito ou Zona Inconsciente, que é a zona intermediária, isto é, o próprio psicossoma ou perispírito.

Todos esses fatos podem ser acompanhados ou não de clarividência — percepção com a visão espiritual do fenômeno já desenvolvido ou passado.

Cabe aqui uma explicação quanto aos fenômenos de precognição. Como o psicossoma apanha as vibrações antes dos acontecimentos? Terá o «sensível» a possibilidade de concatenar os dados que estão por acontecer? Acreditamos que nestes casos há, bem amiúde, participação de entidades desencarnadas, fornecendo os esquemas mentais ao «sensível» ou «médium» daquilo que percebem melhor por se encontrarem em dimensão mais categorizada. Mesmo assim, é de difícil entendimento o que realmente se passa e como se processa a fenomenologia precognitiva.

A precognição é o fenômeno paranormal de mais difícil explicação com os recursos que possuímos no momento, embora os fatos sejam confundentes e indiscutíveis. Será que o «sensível» percebe o quadro mental de algo que deve fatalmente acontecer, parcialmente ou em sua totalidade (prede-

terminismo)? É bem possível que os fenômenos da vida caminhem em veredas dimensionais variadas, onde seu futuro aspecto esteja relacionado com o impulso dos pequenos vórtices dinâmicos atuais; e, por isto, percebido pelo psiquismo de profundidade do «sensível», mesmo antes do acontecimento.

Haveria participação de entidades desencarnadas na fenomenologia em questão, ao menos em alguns aspectos, no auxílio dos quadros mentais que teriam inevitável comprovação?

A verdade é que temos conhecimentos e provas inabaláveis da existência dos fenômenos precognitivos. Tudo nos dizendo da existência de vida, aquém e além de nossas conhecidas dimensões. Num estágio dimensional mais evoluído será possível perceber, por sensibilidade especial, a fenomenologia ainda em desenvolvimento em nossa própria dimensão, como que avançando no tempo? Seja qual for o processo, cremos que a percepção precognitiva deve dar-se pelas zonas energéticas do psicossoma e transferidas, a seguir, à zona consciencial do «sensível», porém obedecendo a mecanismos ainda desconhecidos.

3 — AÇÃO PSICOCINÉTICA

Neste grupo de fenômenos devemos considerar aqueles em que a força mental ou psíquica do indivíduo seja capaz de movimentar objetos sem interferência das forças físicas.

Estes casos existem, porém são mais raros. Determinados indivíduos afeitos a exercícios especiais, difundidos outrora entre algumas seitas no Oriente, seriam capazes de influenciar objetos com o próprio pensamento. É claro que a possibilidade existe, a movimentação do objeto pode dar-se nas referidas condições. As correntes de alta freqüência do psiquismo, exteriorizadas pelas expansões do psicossoma, podem influenciar no sentido de deslocamento dos objetos em várias direções, devendo mesmo influir no campo gravitacional a que se acham submetidos. Até onde será possível essa influência?

Que condições determinados indivíduos apresentam para que essa fenomenologia se expresse? Cremos que só a evolução do indivíduo poderá permitir, sob certas condições, interferências em outros campos vibracionais.

RHINE, NICOL e CARINGTON, THOULESS, FISK, MITCHEL e MC CONNELLE fizeram experiências de psicocinese com dados de fabricação comum. As experiências para alguns foram muito significativas e para a maioria foram experimentos destituídos de valor, pois consideram os dados, por melhor fabricados, com defeitos, determinando desvios nas conclusões. Desse modo, muitos parapsicólogos, apesar da apreciação de um único ângulo experimental, negaram a ação psicocinética.

Consideramos as experiências de CHEVALIER e HARDY revestidas de valor quanto ao mecanismo psicocinético — Determinados indivíduos conseguiam, pelo pensamento bem dirigido às gotas d'água, dentro de redoma e protegidas de possíveis influências externas e que caíam exatamente no fio aguçado de uma navalha dividindo-as, desviar a posição da queda aquém ou além do ponto anterior.

São expressivas as ações do pensamento na germinação de sementes e aparecimento das primeiras folhas em tempo mais reduzido que o comum. Esses casos foram bem catalogados por VASSE e LOEB.

Pelos trabalhos de GURWITCH e NIGEL RICHEMOND são reconhecidas as ações do pensamento sobre os organismos vivos. Essas ações psicocinéticas representam experimentos para os quais por não bem equacionados pelos pesquisadores, não foram encontradas explicações ajustadas.

As referências imensas, muito comuns nos livros de Parapsicologia, sobre as ações psicocinéticas, são, em sua grande maioria, autênticos fenômenos mediúnicos, onde entidades espirituais participam do mecanismo às custas do fornecimento de energias especiais do «médium». Trataremos dessa casuística no segundo grupo, a respeito da mediunidade de efeitos físicos, cuja literatura é imensa. Não entendemos por que um grupo de parapsicólogos, não podendo fugir à evidência

dos fenômenos psicocinéticos, o explicam como *força mental exclusivamente* quando a mediunidade de efeitos físicos poderá explicar os tão «misteriosos» problemas, que são perfeitamente comprovados pela interferência espiritual dos desencarnados.

Não há necessidade de criar teorias complexas, incluindo o inconsciente (sempre o inconsciente) como o criador, às vezes irresponsável, de todos os fenômenos paranormais existentes. O inconsciente participa dos fenômenos, como responsável, por ser o Espírito; não devemos considerar o inconsciente como uma secreção da zona consciencial, aliás conceito vindo da escola freudiana e ainda abraçado por muitos. Ele, o Inconsciente, é o *Élan* Vital, o Espírito, as energias da alma, vicejando em plano dimensional mais evoluído; daí suas possibilidades serem mais avantajadas.

Querer explicar a fenomenologia paranormal à custa de um inconsciente sem qualidades, por ser um subterrâneo repleto das inconseqüências e anormalidades do psiquismo humano, é agir puerilmente. Os fenômenos parapsicológicos são comprovados como supranormais, e não anormais; são fenômenos condicionados a dimensões vibracionais mais evoluídas. Cremos que muitos indivíduos se engasgam nos tabus religiosos, quando a fenomenologia parapsicológica pertence à ciência; não é privativa de religião alguma.

Entretanto existem religiões que, devido à maior lógica de seus ensinamentos, têm possibilidade de abraçar todas as conquistas da ciência e de caminhar dentro de um universalismo sadio, e não sentem dificuldade em aceitar o lógico e o normal pois a verdade, mais cedo ou mais tarde será incorporada à vida da humanidade.

4 — ALGUNS SONÂMBULOS

Enquadramos, neste capítulo, indivíduos que se levantam durante o sono e com os olhos fechados percorrem dependências variadas. Muitas vezes saltam janelas, andam em passagens estreitas e altas, telhados e lugares que oferecem

perigo; tudo isso, sem consciência de suas atitudes. A verdade é que, sem utilizarem a visão normal, guiam-se perfeitamente diante dos obstáculos e não esbarram em qualquer um deles, e muito menos se deixam cair de locais altos e perigosos. Há como que uma desconhecida proteção.

Chamamos a atenção sobre o seguinte: quando foram estudados os fenômenos mediúnicos, no século passado e início deste, a grande maioria deles apresentava-se como fenômenos mediúnicos inconscientes; isto é, aqueles em que o «médium» era incorporado e não tinha consciência do que se passava — *mediunidade inconsciente.* Essa situação assemelhava-se, em atitude, aos sonâmbulos do sono normal ou hipnótico; com isso, os «médiuns» eram chamados comumente de «sonâmbulos», termo que alguns ainda adotam. Aqui, entretanto, empregamos o termo sem esse sentido de sinonímia com mediunidade; consideramos como estados diferentes; no máximo, em determinadas situações, seria uma das variedades mediúnicas.

A nós, que já conhecemos algumas explicações sobre fenômenos parapsicológicos, não nos causará surpresa que esses sonâmbulos se utilizem de outros sentidos independentes de sua vontade, mais seguros por serem mais evoluídos, situados nas zonas energéticas do psicossoma, cuja emissão vibratória e respectiva resposta em face dos objetos e meio ambiente, à maneira de um radar, fornecerão as condições necessárias à sua orientação.

De modo que existe uma percepção extra-sensória, absolutamente comprovada pelos fatos, que não se comunica com a zona consciente; esta fica completamente eliminada diante dos acontecimentos. O sonâmbulo não participa conscientemente dos fatos, ele os sabe por intermédio dos outros, quando lhos contam.

Neste grupo de sonâmbulos, enquadramos tão-somente aqueles em que a fenomenologia parapsicológica de que são portadores, se dá às expensas do próprio indivíduo, isto é, a sua zona inconsciente, por intermédio das expansões psicossômicas ou perispirituais, comanda o desenvolvimento do me-

canismo extra-sensório ao tempo em que neutraliza a zona consciente. Isto porque existe outro grupo de sonâmbulos, cuja fenomenologia é quase idêntica à dos acima referidos, às vezes mais rica em pormenores, desenvolvida pelas incorporações mediúnicas, que serão referidas no segundo grupo.

O sonâmbulo independe da sua vontade consciente; o fenômeno se desenvolve e deve ser dirigido pelas expansões energéticas do inconsciente do próprio indivíduo ou, nos casos das incorporações mediúnicas, pelo espírito desencarnado que está por sintonia comandando temporariamente essas expansões inconscientes, correspondendo ao denominado perispírito ou psicossoma.

5 — FENÔMENOS ANÍMICOS

a)

Entendemos como fenômenos anímicos, os fenômenos parapsicológicos que se desenvolvem às expensas das energias do próprio EU — os vórtices internos da alma. É uma criação interna, não dependente de outras fontes vibratórias externas, e transmitida à zona consciente onde as influências são decalcadas e os registros apresentam as tonalidades que lhes são próprias; não há participação do órgão dos sentidos comuns.

Esses fenômenos, muito mais que os outros fenômenos parapsicológicos até agora apresentados, utilizam o sistema nervoso neurovegetativo de modo mais eletivo às suas manifestações. O sistema neurovegetativo seria a zona em que as energias profundas do inconsciente encontram os canais ideais na natural e necessária exteriorização desse psiquismo mais apurado por motivos de equilíbrio.

Muitas vezes, a fenomenologia anímica não se define como uma unidade; dissocia-se e, como tal, apresenta-se retalhada sob forma de sintomas de difícil apreciação, alguns com sensações de bem-estar e outros com o cortejo da angústia e sensação de mal-estar-geral — são sensações cenes-

tésicas incorporadas, muitas vezes ao grupo das distonias neurovegetativas. Até o momento é muito difícil diferenciar o que deve pertencer ao fenômeno parapsicológico dissipado, daquilo que podemos denominar de válvulas de escape do psiquismo profundo, que constitui a verdadeira distonia neurovegetativa.

Algumas vezes, essas energias profundas exteriorizam-se com sensação de bem-estar como já vimos, porém firmando-se como fenômeno integral; neste caso a fenomenologia caminha para uma variedade de êxtase quando o indivíduo possui, além das razões evolutivas, as condições de treinamento que lhe faz aproveitar a ocorrência, e mergulha na dimensão da vivência que tenta uma exteriorização pela zona consciencial. É como se o indivíduo aproveitasse a eclosão do fenômeno e procurasse sua integração na vivência do mesmo — mergulhar em êxtase. É claro que as vivências variarão de acordo com a fonte do inconsciente que desencadeou o fenômeno, ao lado do grau evolutivo do indivíduo.

b)

Ainda, como fenômenos parapsicológicos pertencentes a esta classe, temos os de *hiperestesia* e *hipoestesia*. Esses fenômenos dependem grandemente das oscilações vibratórias do psicossoma ou perispírito, que deixam nas regiões periféricas da zona consciencial as condições de um grau de sensibilidade variável. Desse modo, o «sensível» poderá apresentar hipersensibilidade, onde chegará a perceber a presença de pessoas e certos objetos com nitidez, sem utilizar os órgãos visuais; há como que uma necessidade de estar bem próximo do objeto, sem tocá-lo, para «senti-lo» e defini-lo.

Não devemos confundir esse fenômeno com a percepção extra-sensorial (leitura de cartas, de frases contidas em livros, localização de objetos, etc.) onde o fator distância nada influi nem intervém. No caso em particular há necessidade de uma aproximação bem grande, precisando o «sensível», quase sempre colocar as mãos a alguns centímetros do objeto

a ser definido; é lógico que esses fenômenos de sensibilidade exagerada poderão obedecer a graus variáveis de hiperestesia, como também no sentido de redução da mesma, constituindo as hipoestesias que podem alcançar até o grau de anestesia. Nesta última situação o perispírito, na zona anestesiada, sofre uma retração ou neutralização de energias vitais nutridoras daquela região tissular.

Chamamos a atenção de que esses fenômenos, com variações de graus de sensibilidade, podem ser também observados nas práticas de hipnose e nas incorporações mediúnicas. Tudo isso, como bem podemos compreender, tem deixado possibilidades de discussões infindáveis, principalmente por quem, não alcançando as diversas nuanças de origem desses fenômenos, traduzem exclusivamente o que entendem, e mormente como sentem. Quem nunca analisou nem estudou o fenômeno mediúnico, e não tendo experiência própria, na maioria das vezes o nega — acabou-se..., isto de mediunidade é simplesmente «criação patológica do inconsciente»; aliás o inconsciente, nos dias de hoje, ainda é comumente visto como: porão de calamidades, complexos, instintos negativos, etc., e, como tal, é o responsável pelas coisas que não se entendem no psiquismo humano.

c)

Outros tipos de fenômenos parapsicológicos pertencentes à classe dos anímicos, são as exteriorizações de certos vórtices internos que, em esbarrando na periferia consciencial, se expressam sob forma de símbolos e imagens.

Os símbolos são a forma de entendimento que o consciente apresenta das sugestões internas, do EU, da Individualmente. É claro que o que se passa nas zonas energéticas do inconsciente não pode ter fiel tradução pelo consciente; este sente e percebe de acordo com suas possibilidades.

Foi na percepção desses símbolos que as escolas de psicologia profunda do início do século encontraram o campo de pesquisas que pareciam atender às necessidades da ciência.

Com isso criaram realmente métodos, denominados de «psicanálise», cuja finalidade seria a de, em traduzindo os símbolos e canalizando certas energias mentais, resolver determinados estados patológicos.

É preciso esclarecer, segundo nosso entender, que as energias dos núcleos em potenciação das zonas profundas do inconsciente, chamam a atenção de sua presença à superfície consciencial para, em despertando certos setores sob forma de tendência e necessidades emocionais (voz interior), construir potencialidades positivas, como as experiências e trabalhos que serão absorvidos pelo próprio EU, engrandecendo suas fontes, afirmando a evolução.

Essas potências despertam como que misteriosamente na zona consciente, sem utilização dos sentidos. É um nascer dentro de si mesmo de algo que entrou em maturação e necessita de drenagem, geralmente vestido de simbolismo, razão por que a humanidade criou e tem criado as suas filosofias, seitas e religiões, como conseqüência das sugestões internas adquiridas nas vivências pregressas, e de acordo com o grau evolutivo em que se encontram. Com a construção dessas potências internas absorvidas sob forma de experiências, trabalhos diversos e mesmo dores, as energias se vão exteriorizando como símbolo e imagens sempre mais evoluídos, por se encontrarem mais avançados e mais bem construídos. A criação que o homem credencia à sociedade onde milita é o resultado de um esforço evolutivo, lento e seguro, só explicado e entendido à custa de etapas palingenéticas. Também não quer isto dizer que o homem terráqueo não tenha outros meios de apresentar criações quais sejam as de ordem inspirativa, dependentes de penetração e sintonia em correntes psíquicas superiores (noúres); de lá, por motivos que analisaremos em outra oportunidade, retiram o que podem para informação ou complementação de suas inquietudes intelectuais, quando possuem adequadas qualidades evolutivas para isso.

As comunicações mediúnicas, muito mais raras nesse sentido informativo, seriam outro meio de conhecimento que o

homem pode haurir; mas, para isso, necessita desenvolver grandemente um padrão moral ajustado, que lhe abra mais ainda as comportas da alma em face das grandes leis da vida.

d)

Em sua exteriorização, esses vórtices internos podem ser bastante complexos, a ponto de criar a apresentação de verdadeiras personalidades, bem diversas daquelas por onde se manifestam. É uma criação do inconsciente; é um fenômeno anímico, que não deve ser confundido com a verdadeira manifestação mediúnica. Dizem, os que desejam combater o mediunismo, aliás pensando errôneamente, que a manifestação mediúnica é um privilégio do espiritismo, que tudo é desordem do inconsciente, porque o inconsciente é a «desordem organizada». Os que assim pensam, ainda influenciados pelos primórdios da obra freudiana sem terem percebido os pontos da mesma que merecem acatamento, demonstram, se o seu raciocínio não é sectarista, a mais alta falta de lógica.

É bem verdade, e foi devidamente comprovado, que este último fenômeno anímico, — isto é, a apresentação de uma personalidade definida, — poderá ser a exteriorização de uma vivência pregressa do próprio indivíduo. É claro que o registro nunca é puro, perfeito e complexo; as análises demonstram que eles vêm mesclados, misturados e mesmo influenciados pela zona consciente, onde os decalques e condicionamentos recentes, com as nuanças das emoções, pesam grandemente neste mecanismo.

Entretanto, consideremos que as vivências pregressas se exteriorizam melhor com métodos especiais, onde a hipnose ocupa lugar de destaque, pela possibilidade de purificação do fenômeno.

As exteriorizações espontâneas existem; porém, além de raríssimas, comumente se perdem por falta de um investigador que conheça o mecanismo em apreço, e venha em auxílio na avaliação dessa catarse psíquica.

Os fenômenos psicológicos do segundo grupo podem ser expressos da seguinte maneira:

1 — *Telepatia*. Neste divisamos:

a) transmissão à distância de fotografias

b) transmissão de pensamentos, em pequenas ou grandes distâncias.

2 — *Hipnose*

3 — *Fenômenos mediúnicos: serão estudados em capítulo próprio.*

1 — TELEPATIA

Foi F. MEYERS, em 1882, quem sugeriu o termo telepatia, isto é, «sentindo de longe», a fim de atender à realidade deste mecanismo de percepção estabelecida e definida pelos pesquisadores.

Os fenômenos telepáticos estão relacionados, neste capítulo, como desenvolvidos entre duas unidades psíquicas ou mentes encarnadas. Isto porque existem fenômenos telepáticos entre desencarnados e encarnados, devidamente incluídos nos capítulos da mediunidade.

Nesta divisão, podemos considerar a transmissão, entre as mentes humanas, de objetos, principalmente fotografias, onde a distância pouca influência tem, quando realmente se trata de dois indivíduos «sensíveis» à transmissão e percepção, respectivamente.

Atualmente não podemos deixar de atender, como lógico e possível, à sintonia entre duas mentes por via extrasensorial, por ser fato observado e comprovado. UPTON SINCLAIR, novelista americano, obteve casos de transmissão de desenhos, nas condições acima referidas, até com cinqüenta quilômetros de distância; as percepções foram quase

integrais, havendo uma mensagem de deficiência perceptiva que oscilava em dez por cento. WARCOLLIER, do Instituto Metapsíquico de Paris, consegue, em quinze casos bem selecionados, correta transmissão de imagens entre Paris e Nova Iorque.

Muito mais interessantes são as transmissões de pensamentos e idéias, onde os pesquisadores têm catalogado numerosos casos de absoluto interesse científico. Nos dias de hoje, sabemos perfeitamente que inúmeras pessoas, sem utilização dos sentidos comuns, percebem e têm certeza de determinados pensamentos que outros emitem, sem a palavra falada. Esse mecanismo telepático pode ser engrandecido, ampliar-se e melhorar as condições de recepção, se houver exaltação de emoções-sentimentos.

VASILIEV refere-se ao recebimento de uma mensagem telepática entre Sebastopol e Leningrado, com os cuidados necessários que a pesquisa exige. Os resultados foram tão promissores e interessantes que chegou a publicar o livro «Sugestões a distância». Do mesmo modo, parece revestir-se de cunho de verdade uma mensagem telepática captada dum determinado ponto da Terra, originária de um submarino em pleno oceano, onde condições foram adrede preparadas para tal evento.

Muitas vezes as comunicações telepáticas se fazem exclusivamente através de vórtices emocionais e vemos, entre músicos, poetas, pintores, possibilidades de entendimentos perceptivos das emoções artísticas, sem utilização dos sentidos. HEINE quando ouvia PAGANINI, percebia o encadeamento musical com tanta riqueza de cores e combinações de imagens, que as palavras seriam incapazes de relatar o desenvolvimento do mecanismo.

Existem um sem número de mensagens telepáticas, de avisos sobre acontecimentos diversos, inclusive mortes, que se acham mesclados ao fenômenos de cognição através dos sonhos. Tudo isso vem mostrar as possibilidades da psique humana neste pequeno capítulo da fenomenologia paranormal.

Seguindo-se o nosso esquema sobre o psiquismo humano, podemos avaliar que para serem emitidos, os pensamentos que englobam objetos ou idéias devem ser transmitidas em ondas energéticas de alta freqüência, partindo, naturalmente, da zona consciencial e aproveitando as naturais expansões que o psicossoma possui. A transmissão será tanto mais potente e precisa, quanto maior for o desenvolvimento emocional do emissor; acontecendo o mesmo para o lado receptor. É bem possível que a glândula pineal, em conjunto com o sistema neurovegetativo, possa responder e responsabilizar-se grandemente pelo desenvolvimento do mecanismo telepático.

Devemos compreender que, na grande maioria das transmissões telepáticas, aparecem em seu conteúdo os símbolos o que vem confirmar a influência das expansões vibratórias do inconsciente no mecanismo de transmissão, até mesmo sem exato conhecimento da zona consciencial do emissor.

2 — HIPNOSE

Causará estranheza, à primeira vista, catalogarmos o hipnotismo como pertencente aos fenômenos parapsicológicos, já que o mecanismo hipnótico se nos revela, a *priori*, como sendo o conhecido fenômeno da inibição de certas regiões corticais, limitando-se, portanto, à zona consciente.

Não pretendemos negar que a hipnose determina, realmente, inibição de centros nervosos, zonas e mesmo regiões; porém esclarecer que isso é uma conseqüência natural do desenvolvimento de mecanismo hipnótico.

Quando o «sujet» se submete ao processo hipnótico, as energias que o hipnotizador emite, através da palavra, representam muito pouco em relação às outras que se situam em faixa dimensional mais aperfeiçoada. Para aqueles que sentem exclusivamente os fenômenos que ferem os sentidos comuns, o mecanismo hipnótico é interpretado como desenvolvido exclusivamente através do sentido da audição, pela pa-

lavra «monótona» e cadenciada, que o processo geralmente exige.

É claro e lógico que a palavra através do órgão do »sujet» auxilia, em parte o desenvolver fenomênico, mas não representa a *essência* desse mesmo fenômeno. Em nosso modo de entender, estribado em inúmeras observações com indivíduos sãos e doentes, como também entre desencarnados nas sessões mediúnicas, as energias que mais influem na hipnose são as que, partindo das emanações psicossômicas do hipnotizador, congregadas após «tensão emocional» da zona consciencial, alcançam a zona do inconsciente atual ou presente do «sujet», tomando para si o controle da quase totalidade das energias que vem do centro do EU. Com isso, irradiam para a zona consciente do «sujet», injetando as idéias e vibrações nas correntes energéticas centrífugas da alma (energias que vêm do centro do EU à periferia corpórea) e que fatalmente terminarão nos centros nervosos e zonas específicas, desencadeando os conhecidos fenômenos de inibição.

Essa inibição seria a neutralização do campo consciencial do «sujet», para que as comportas da zona inconsciente se preparassem melhor, sem interferências de julgamentos nem outros mecanismos do psiquismo periférico, na recepção das energias-diretrizes do hipnotizador. Quanto mais harmonizante, equilibrada, construtiva, orientada e instrutiva for a corrente do hipnotizador para o «sujet», mais os seus mecanismos de Censura se afrouxam e dão passagem, para o fundo da alma, das imagens construtivas, pois sabe muito bem receber, embora inconscientemente, o que é ajustado e puro. Tanto isto é verdade que, se pretendermos dar ao «sujet» ordens e injetar pensamentos que a moral repudie, imediatamente as comportas da Censura se fecham, não dando passagem a qualquer vibração hipnótica que, neste caso, fica limitada à periferia, superficial, atuando exclusivamente em grupos celulares da zona consciente com resultados quase sempre apagados e negativos. Os mecanismos de defesa entram em ação; isto é muito comum nos espetáculos popula-

res de hipnotismo, onde o hipnotizador jamais consegue atravessar as barreiras da energética espiritual, boiando na superficialidade do fenômeno, porque sua intenção não traduz finalidade maior.

Com estas explicações, podemos compreender que a hipnose está, realmente, a depender do desenvolvimento fenomênico extra-sensorial, razão por que o incluímos na fenomenologia parapsicológica.

O fenômeno de hipnose neutralizando, por inibição, áreas conscienciais, evitando as comuns interferências dos mecanismos psíquicos periféricos, abrirão portas e mesmo comportas, ampliando a sensibilidade perceptiva, como se fora verdadeira exaltação das percepções comuns e das extra-sensórias. Tudo isto, porque as vibrações psicossômicas encontram, na periferia da psique, campos livres para suas projeções, onde as percepções quase sempre orientadas e canalizadas num único sentido pelo hipnotizador, poderão apresentar um grau de ampliação perceptiva tão grande, que o fenômeno se torna puro e livre — a zona consciencial perceberá também melhor a outra dimensão, pelo alargamento das vibrações da alma.

Nestas condições, numerosas experiências foram realizadas e a literatura a respeito é vastíssima. A hipnose amplia a percepção comum, como também a extra-sensorial. CHARLES RICHET conseguiu, com a paciente LÉONIE, a leitura de cartas e trechos de livros em envelopes fechados. O próprio RHINE, no início de suas pesquisas, com ZÊNER, lançou mão do hipnotismo na avaliação das capacidades do psiquismo em face da percepção extra-sensorial, obtendo, como não poderia deixar de ser, resultados interessantes e quase sempre precisos nas leituras.

O que se está fazendo nos campos do mediunismo e regressão de memória com conhecimento e segurança no método de aplicação, credencia o processo hipnótico como uma das maiores possibilidades futuras para a Psicologia e a Medicina. É pena que numerosos hipnólogos, como também determinadas correntes psicológicas e parapsicológicas, se ate-

nham exclusivamente à evidência das inibições corticais e das sugestões de superfície; onde podem, embora superficialmente, por sugestão, criar imagens, que são exclusivamente criações sugestivas; e com isso desejam explicar uma série de fenômenos parapsicológicos, senão a maioria deles, com conseqüência sugestiva, visando, principalmente, em suas determinações, à fenomenologia mediúnica.

Existe um grupo de transes, estudados por Castro Monteiro, ligados à fenomenologia hipnótica — transes estáticos e cinéticos —, originários no aparelho otolítico, criando, pela indução auditiva, o foco inibitório na córtex. Neste estudo generalisou o conceito de transe, pelo seu aspecto e apresentação, com os de caráter mediúnico, concluindo como sendo fenômenos análogos e normais pela semelhança com que se externavam. O transe mediúnico, quando autêntico e sem mesclagem, não oferece condições à dúvida. No máximo, podemos dizer que determinados condicionamentos permitem a abertura das comportas mediúnicas, entretanto, se não houver a presença espiritual o transe não se dará. Claro que estamos a nos referir ao fenômeno mediúnico correto, sem componentes anímicos ou influências externas que alguns médiuns desorientados podem apresentar.

Capítulo — V

CONSIDERAÇÕES SOBRE TRANSE

Apresentar um mecanismo que atenda a todas as nuanças dos aspectos mediúnicos seria um contra-senso, pois os fenômenos dessa ordem são inúmeros e variados.

Antes de abordarmos os fatos particularizados, é bem oportuno lembrar que o fenômeno mediúnico arrasta consigo sintonia, condicionamentos e, de modo mais avidente, sensibilidade. Com isso, percebemos que a realização de um fato mediúnico engloba diversos fatores, cuja expressão dos mesmos poderá ser sintetizada naquilo que denominamos de transe.

Para que um determinado fato mediúnico se expresse haverá sempre a condição de transe. Este poderá englobar características bem diversas, como também, aspectos divergentes.

Na apreciação processual do transe teríamos que observá-lo em vários de seus aspectos, distinguindo diversas posições. Assim o transe, quanto a sua fase, poderia ser superficial ou profundo; quanto a duração, fugaz ou prolongado; e quanto a extensão, parcial ou total.

Além do mais, consideremos também, duas formas do transe — provocado e espontâneo — onde as palavras bem definem as respectivas significações.

No transe provocado teríamos os casos determinados pelos desvios metabólicos, onde anotaríamos a diminuição de oxigênio no sangue (anóxia), a diminuição da taxa de açúcar sanguíneo (hipoglicemia), como também, modificações das se-

creções orgânicas ligadas à glândula suprarrenal. Ainda no transe provocado, observaríamos os de origem farmacogênica determinados pelo álcool, anestésicos em geral, mescalina, pilocibina, LSD 25; algumas dessas últimas substâncias já eram utilizadas pelos incas (Iagé), pelos hindus (Soma), no Congo (Iboga) e pelos mexicanos (Mescal), acompanhando liturgias religiosas por abrirem certos campos da mente na percepção parapsicológica. Devemos considerar no capítulo sobre transe provocado, o transe hipnótico, da mais alta utilidade quando aquilatado de modo judicioso e mais bem aplicado.

Quanto ao transe espontâneo, poderíamos observá-lo em aspecto patológico, mormente nos histéricos e epiléticos ou no aspecto hígido fazendo parte da mediunidade.

No primeiro caso, teríamos um fabuloso manancial de fatos patológicos, em seus múltiplos e incontáveis ângulos, onde existe uma imensa confusão de apreciação, quando não mesclagem com os fenômenos mediúnicos reais; portanto, haveria uma falta de avaliação mais categorizada e precisa nestas observações do psiquismo humano, coisa que ocorre mais amiúde do que se pensa — dum lado, a intransigência materialista afirmando sem observação e experiência, e do outro, o pensamento sectarista do fanático.

O transe mediúnico com a variedade de seus aspectos e expressão fenomênica, no momento, ainda não pode oferecer uma bem estruturada demonstração biopsicológica como é exigida pela ciência, embora exista a explicação fornecida pela existência do fato em si.

A respeito do transe mediúnico dizia Geley, que o médium é um ser onde os elementos participantes de sua condição mental são suscetíveis de descentralização momentânea. Acreditamos que o autor em questão estava referindo-se a necessidade da não interferência de pensamentos diferentes no desenrolar do processo mediúnico que, realmente, criam uma barreira de defesa impedindo a realização ou deturpando o processo.

Muitos autores apresentam, em suas explicações, como condição de aparecimento do transe e, como tal, o traço marcante da mediunidade, a capacidade de dissociação do psiquismo. Entendemos de modo diverso. O transe não é dissociação e sim ampliação de energias num firme e ajustado sentido; seria concentração mental numa direção apropriada, ou forma duma preciosa associação energética para que possa haver agrupamento dinâmico e nunca dissipação.

Aliás essa idéia de dissociação dá impressão de dispersão de energias, de abandono e apagamento de trabalho celular ativo, para que um outro estado se expresse. Tudo isso, possivelmente inspirados nos processos de inibição e excitação da córtex, mecanismos antagônicos, estudados em neurofisiologia pela escola pavloviana. Esta escola fez um estudo bem interessante e comprovou a existência de muitos fatos à respeito do comportamento de zonas nervosas, mas não poderá explicar com seus esquemas, como desejam alguns autores espiritualistas, a desenvoltura da fenomenologia mediúnica. Esses mesmos autores chegam ao ponto de classificar a mediunidade, em suas respectivas variedades e efeitos, de acordo com os estudos pavlovianos da córtex e subcórtex, no sistema nervoso. Com isso, incluem nos efeitos mediúnicos sensíveis como desenvolvidos no primeiro sistema de sinais (córtex cerebral em geral), ficando os efeitos mediúnicos de «caráter intelectual» na dependência do segundo sistema de sinais (especificadamente no lobo frontal). Nessa contingência de pensamentos e orientação, esses efeitos mediúnicos (sensíveis e de caráter intelectual) estariam na dependência da PES (percepção extra-sensorial) ou capacidade psigama; ficando os fenômenos mediúnicos de efeitos físicos, ligados às expressões subcorticais (base cerebral: tálamo e hipotálamo), a depender do PK ou capacidade psikapa. Esses últimos, especialmente, devendo alcançar uma totalidade fenomênica, não poderiam estar limitados a um pequeno setor cerebral, como soe acontecer com os fenômenos anteriores, corticais, da capacidade psigama (PES).

É bem possível que os estudos experimentais de Valgiesi sobre a fisiologia cerebral — afirmando que as sugestões encontravam na subcórtex zonas especiais de formação de reflexos, dando, de modo especial, ao fenômeno hipnótico seu grande alicerce quando provocava uma «descerebração reversível» — desse a necessária inspiração, nas conclusões, de que a mediunidade poderia ser explicada às expensas dos estudos pavlovianos. Ainda é cedo para pensamentos desse jaez. É claro que a zona nervosa é a tela de manifestação da maioria dos fenômenos mediúnicos, porém devendo obedecer a mecanismos bastante complexos e exigindo um trabalho psíquico de conjunto.

O transe mediúnico não poderá jamais ser explicado sem a participação direta das camadas energéticas do espírito, ou seja do perispírito ou psicossoma, que refleteriam, naturalmente, a sua complexa energética na zona consciencial, ponte de manifestações das nossas percepções tidas como as únicas de real valia.

A córtex apresenta uma estrutura de extrema complexidade enriquecida por imensa variedade de atividades funcionais da célula nervosa. Basta lembrar que a córtex está preparada para suportar os estímulos externos e internos, passando por análises perfeitas e corretas, apresentando reflexos de toda ordem, quer positivos quer negativos, desenvolvendo ou frenando as suas atividades.

A córtex apresenta um trabalho de conjunto, embora existindo, é claro, os departamentos especializados onde funções especiais se desenvolvem com perfeição e precisão. Imaginemos o que se não deve passar na execução de uma peça musical por um pianista, onde expansões emocionais sensitivas de todo quilate juntam-se a uma infinidade de movimentos musculares correlatos? Os trabalhos da escola pavloviana concorreram para esclarecer muitos pontos, inclusive poder asseverar que a córtex não é um mosaico funcional fixo, estando em perene mudança sob influências externas e internas. Estas últimas deverão ter grande significação, devido a possibilidade de explicar a existência de um «dina-

mismo interno» como que dirigindo e influenciando diretamente a cibernética cerebral — está, logicamente, seria a conseqüência natural da influência energética daquela. Em outros termos: as expansões do espírito, isto é, o perispírito ou psicossoma, carregando através de sua tessitura o dinamismo espiritual, seria o condutor ideal onde as correntes espirituais encontrassem, no material cerebral, o ponto de suas expressões dimensionais.

Por tudo isso, as células cerebrais devem funcionar com recursos muito superiores àqueles conhecidos como de melhor na eletrônica. Haveriam funções mais avançadas do que os circuitos de transistores e os da aparelhagem, emissora e receptora, da radiotelefonia e televisão. O espírito encontra no cérebro, nervos e glândulas endócrinas os dispositivos mais adequados de suas expressões, em tela receptora e emissora, na nossa conhecida dinâmica dimensional. A aparelhagem das usinas microscópicas celulares do sistema nervoso, movimentadas pelo espírito, emitiriam material especial, corpúsculos mentais — «psicótons» — formando correntes que oscilariam com os divergentes graus das emoções, da vontade, da concentração e da qualidade dos pensamentos; assim, haveria grande queda de corrente mental como respostas de pensamentos negativos e desarmonizantes, e vibrações da mais alta categoria quando os pensamentos emitidos fossem qualitativamente equilibrados e positivos.

Anote-se que os corpúsculos mentais (psicótons) no seu deslocamento iriam, também, criando pulsações, formando seus campos de manifestações. Nos seres vivos inferiores, a corrente mental daria apenas para a sustentação dos impulsos orgânicos imprescindíveis a nutrição e reprodução; à medida que a organização mental evoluísse iria influenciando o ambiente e círculos de manifestações, passando a criar dentro da criação, realizando verdadeiras plasmagens.

Logo, as emissões mentais dependerão e variarão com a evolução de cada ser, onde a vontade lapidando experiências milenares iria expressando-se com a dilatação do livre àrbítrio. Assim, a emissão mental será tanto mais restrita

quanto menos evoluído o ser. Na espécie humana, a ampliação energética espiritual encontraria eco e alargamento com o fato-dor e a vontade dilatada na experiência que, aos poucos, como mecanismos propulsores, conseguirão estilhaçar os envoltórios magnéticos daqueles que tentam persistir no erro e na ignorância, impondo-lhes a evolução e o caminho positivo.

Como as correntes de energia que nos cercam são forças corpusculares, a energia do pensamento não escaparia a esse esquema, embora sob ondas especiais e mais evoluídas, funcionando em sintonia (emissão e recepção) entre mentes afins. Existindo, ao lado disso, pela projeção com a respectiva emissão as *formas-pensamento* e se expressarem na atmosfera espiritual envolvente.

Desenvolvendo essas idéias poderíamos pensar que, à semelhança da dimensão da matéria, os átomos mentais emitiriam seus corpúsculos, variando do mais simples (onda longa) ao mais complexo (onda ultra-curta), traduzindo emissões de diversos graus, onde as mais expressivas e as maiores dores, poderiam induzir no campo espiritual os arpejos mais significativos.

Na variedade da emissão de energia mental haveria adequada resposta nas *formas-pensamento* — as de baixo teor ou de mais alto padrão — constituindo o próprio ambiente, o respiro cósmico onde cada ser, de acordo com a evolução em que se encontra, poderá se expressar. É nessa atmosfera espiritual apropriada e criada pelas potencialidades em atração, que existiria *aglutinação dinâmica* do ser ou da espécie; no caso particular dos animais, a algum grupo que lhe dita o destino. No homem, seu conjunto energético espiritual de individualidade marcante, seria um verdadeiro dínamo coordenando as energias que lhes são próprias e subordinadas, com faculdades emissoras e receptoras, a esparzir na fenomenologia mediúnica as suas mais expressivas qualidades.

MECANISMO MEDIÚNICO

Com as informações do capítulo anterior, procuraremos apresentar o mecanismo mediúnico, em traços gerais, naquilo que poderíamos denominar de transe mediúnico (com ou sem incorporação), isto é, sintonia da entidade espiritual com o sensível ou médium. Os casos especiais que mereçam outras referências mais particularizadas, serão tratados, embora em síntese, na descrição dos fenômenos mediúnicos.

A indução ao transe mediúnico exige a condição inata do sensível ou médium aprimorado pelos exercícios psíquicos, denominados de desenvolvimento mediúnico, cuja atividade do dia a dia preparará o exercitado na sua real finalidade.

Em médiuns experientes o fenômeno do transe obedece, em linhas gerais, um esquema, cujos detalhes e nuanças variarão de médium à médium e, no mesmo médium, de acordo com a sua constante afinação. Consideremos, também, os naturais estados emocionais dos médiuns, como forte carga influenciadora, o que nos fornece a assertiva dos sensíveis terem necessidade de «preparo espiritual» nos seus trabalhos.

O início do transe mediúnico estaria na concentração (estado de passividade física), nunca neutralidade. Este estado de passividade seria o afastamento do tumulto emocional, muito comum na zona consciente ou física no preparo de um campo psíquico harmônico. Isto explica, perfeitamente, porque inúmeros pesquisadores, desconhecendo esta necessidade imperiosa de «formação ambiental», ficaram perdidos e aturdidos na avaliação fenomênica quando influenciada pelos distúrbios emocionais que o médium carrega consigo, ou absorve do ambiente, nessas ocasiões. Com isso, deduz-se e percebe-se que os métodos analíticos utilizados pela mente humana na medida desses fenômenos, necessitam de ser substituídos por outras avaliações psicológicas.

O estado de passividade emocional permitirá alta concentração dinâmica na esfera perceptiva da organização mental, oferecendo os campos que facilitem a sintonia psíquica.

A comunhão entre as mentes, em sintonia, seria feita por «remoinhos mensuráveis de força mental», à semelhança dos «remoinhos eletrônicos» observados em aparelhagem apropriada, na sua exteriorização sob forma de voz ou imagem, como soe acontecer no rádio e, de modo mais característico, na televisão.

Nos estudos comuns de eltricidade, como existe um circuito elétrico pela diferença de potencial, para o lado da mediunidade a corrente mental se observaria entre emissor e receptor, cujo potencial seria desenvolvido pela «vontade-apelo» e «vontade-resposta». Este mecanismo iria ampliando-se por intermédio de vórtices menores nos diversos departamentos do psiquismo e coordenados pelo Espírito observando a cadeia: «idéia-ação-seleção-autocrítica-expressão», alicerçado na vontade de aceitação por parte do médium. Em outras palavras: haveria um campo de atenção, perfeitamente desenvolvido dentro desse especial circuito, garantindo o processo de sintonia. Nesta, não existirá inibições ou desatenções do médium para evitar descontinuidade das correntes; enfim, haverá o propósito evangélico de cumprimento da missão.

Formado o ambiente apropriado ou ambientação e a concentração do médium pelo acúmulo dinâmico da energética psíquica, haveria o desencaedamento dos elos de ligação com o espírito comunicante, inicialmente na zona inconsciente ou espiritual do sensível, seguindo-se natural transferência para a zona consciencial ou física. A zona ideal para o contacto inicial do médium com o espírito manifestante, seria nas correntes centrífugas do seu perispírito (vede capítulo III), como mecanismo mais comum. Consideremos, entretanto, que a chegada da «onda espiritual» que tenta a sintonia, poderá dar-se em qualquer das zonas do psiquismo do médium (vede capítulo II), desde as camadas internas puramente energéticas até à zona física em várias de suas regiões nervosas, até mesmo num trajeto de nervo, a fim de que a «ideação em comunicação» se expresse.

Encarando o processamento em conjunto, poderíamos dizer que o espírito em comunicação entraria em sintonia com

as correntes centrífugas em plena zona perispiritual do médium (vede capítulo III), fazendo com que esta corrente energética fique, praticamente, sob seu comando. Daí, poderia influenciar os centros nervosos e os elementos neuroniais responsáveis pelos diversos departamentos cerebrais do médium.

A corrente espiritual do comunicante, assim encaixada na zona perispiritual do médium e comandando os influxos internos, atingiria a base cerebral da organização talâmica, na subcórtex, promovendo e movimentando a arquitetura nervosa do sensível. Nesta posição, o cerebelo entraria com sua função corretora de equilíbrio «vibratório-elétrico» e a glândula pineal como aferidora real da energética em apreço. Que mecanismos seriam realmente desenvolvidos na base cerebral? Que multiplicidade de circuitos seriam criados, despertados e solicitados? Que espécie de toque ou vibração energética se produziria na intimidade dessas células nobres na base cerebral? Somente após o conhecimento da fisiologia celular, em seus detalhes, e as forças influenciadoras de seu quimismo, é que estaremos na posição de penetrar, com segurança, no mundo dinâmico das energias psíquicas e apreciar melhor a estrutura fisiológica da mediunidade. Com isso, chegaremos a alcançar os porquês mais íntimos que a mediunidade poderá oferecer.

Desencadeada a fenomenologia mediúnica, na subcórtex, a própria zona da base cerebral impulsionaria as comunicações, em circuitos, na córtex, através das fibras nervosas que partem do soalho talâmico sob vigilância e influência do sistema ativador reticular (gravura 1). Nesta região do sistema ativador reticular devem existir grupos celulares especializados funcionando à maneira de verdadeiras chaves seletoras que, sob efeito de substância especial (aminoácido?), favoreceriam, em graus variáveis, os tráfegos vibratórios dos campos mediúnicos. Conforme a carga vibratória que as fibras talâmicas carregam para impressionar as células da córtex, haveria uma maior ou menor «conscientização» do fenômeno. Este grau de influência cortical poderia ser mínimo, a ponto de não ser registrado pela consciência do médium (mediunidade inconsciente); ser parcialmente afetado (mediunidade

semiconsciente); ou totalmente carimbado na córtex (mediunidade consciente).

Na córtex, os centros nervosos, isolados ou em grupos, seriam despertados pelos fenômenos mediúnicos. No caso da vidência, os centros visuais; da audiência, os centros da audição; da psicofonia, os centros do aparelho fonador; etc.

Pelo exposto, a conjuntura da incorporação do espírito comunicante no médium é, à princípio, um fenômeno *emocional,* passando a *intelectivo* pelo trabalho nos centros encefálicos e, posteriormente, *sensitivo* quando se expressa num setor ou grupo especializado de células corticais que respondem pelos sentidos comuns.

É bem conhecida a enorme variedade de incorporações mediúnicas, a depender, naturalmente, da carga vibratória-emocional que cada espírito consigo carrega. Alguns espíritos, em suas comunicações, são suaves e serenos ao se engajarem na organização do médium; outros são como que bruscos e turbulentos, deixando bem visível sua passagem pelo médium. Com isso, existem espíritos que deixam bem-estar, no médium, outros, mal-estar e intranqüilidade; tudo, mostrando, naturalmente, o valor vibratório com que o incorporante se expressa, a traduzir com fidelidade sua posição evolutiva.

Ao lado disso, existem «preferências» de determinados espíritos quanto a maneira de penetração no médium, cujas nuanças são imensas e que nos escapam, em sua maioria, apesar das análises ao nosso alcance. Como exemplo, citemos, o tipo de incorporação em que o médium como que «cumprimenta», fazendo um rápido deslocamento do corpo para frente indicando que o espírito o atingiu pelo plexo solar, através de seu correspondente chacra situado na zona perispiritual.

A incorporação mediúnica poderá refletir integralmente a personalidade do espírito incorporado; algumas vezes, apesar da influência externa, traduz mais as possibilidades do receptor ou exterioriza idéias, mescladas com diversos matizes, oriundas das duas fontes: emissora e receptora.

É preciso que se saliente a importância de toda a organização do sistema neurovegetativo do médium no encaixe da incorporação mediúnica, de qualquer natureza, cujos processamentos íntimos são desconhecidos. Entretanto, verificamos pelos diversos sintomas apresentados pelos médiuns, do trabalho expressivo que o sistema neurovegetativo desenvolve nessas ocasiões. É como se fosse alertado todo o sistema de emergência do organismo do médium, despertando os componentes glandulares, sintonizando e unificando essas usinas onde têm origem as grandes sínteses bioquímicas e que são fartamente solicitadas nos processamentos mais qualificados da vida.

Lembramos que na zona inconsciente, precisamente no inconsciente atual (capítulo II), tem origem uma fenomenologia bastante semelhante a mediúnica, representada pelos fenômenos anímicos — fenômenos do próprio sensível, do próprio EU —, cujas revelações, na tela consciencial do participante, tem fornecido vasto campo de discussões pelas interpretações mal conduzidas dos pesquisadores inexperientes, neste sombrio e tulmutuoso terreno. Incluímos, nestes fenômenos anímicos, certas percepções denominadas de parapsicológicas. (Capítulo IV) Fenômenos desta ordem, logicamente, são proporcionais às «capacidades sensíveis» do próprio indivíduo, sem interferência espiritual externa de qualquer natureza.

FENÔMENOS MEDIÚNICOS

Os fenômenos mediúnicos com suas imensas variedades e riqueza energética bem pouco conhecida, constituem quase a totalidade da fenomenologia parapsicógica, além de forne-

cer os alicerces mais seguros e subsídios mais promissores no entendimento da psicologia.

Os fenômenos parapsicológicos, encerrando em seu bojo todo o mecanismo perceptivo que transpõe a barreira consciencial — a mais bem entendida por se desenvolver em nossa dimensão (fenômenos psicológicos comuns), podem se completados, em determinado ângulo de apreciação, pelos fenômenos telepáticos, hipnóticos, algumas ações psicocinéticas, etc., conforme descrição em capítulo anterior.

Dessa forma, fica entendido que a fenomenologia mediúnica deve ser considerada como pertencente a parapsicologia, não sendo privilégio da doutrina espírita como pensam erradamente alguns — é fenômeno normal e natural com desenvoltura no psiquismo humano. A parapsicologia, como ciência que é, tem o seu lugar dentro da doutrina espírita, cuja razões universalistas açambarcam, também, as conseqüências morais e filosóficas de todo o conhecimento humano.

Os fenômenos mediúnicos, tão antigos quanto a humanidade, foram apreciados com os matizes das civilizações pregressas e, por isso, pertencendo ora a filosofia, ora as diversas seitas e doutrinas religiosas. Entretanto, de um século para cá, com estudos e novos métodos científicos, não poderemos mais relegar ao hipotético e fantasioso tamanha messe de fatos objetivados. A ciência dos nossos dias, deslocando-se com afinco para o mundo das energias, encontra nos fenômenos parapsicológicos uma nova e promissora trilha, onde os fatos mediúnicos, ao lado das razões de seus mecanismos e finalidades, virão consubstanciar um grande número de porquês e afirmar os alicerces da própria ciência psicológica.

Para avaliarmos os fenômenos mediúnicos necessitamos de um esquema que, embora represente redução pela análise, possibilita certo isolamento de fatos e melhor compreensão dos mecanismos que eles encerram. Isto porque, os fenômenos do psiquismo vivem associados em sua maioria, e apresentam naturais e compreensíveis dificuldades ao estudo quando desejamos englobar a sua manifesta energética nos esquemas reduzidos do nosso intelecto.

Uma classificação dos fenômenos mediúnicos para atender aos fatos observados e experimentados, poderia ser exposta do seguinte modo:

1) Mediunidade captativa

2) Mediunidade receptiva

   2a) Vidência
   2b) Audiência
   2c) Psicografia
   2d) Psicofonia
   2e) Sonambulismo
   2f) Modificações da sensibilidade

3) Psicometria

4) Efeitos físicos — materializações e desmaterializações.

   4a) Fenômenos luminosos
   4b) Ruídos, batidas, tiptologia.
   4c) Levitações e transportes
   4d) Voz direta
   4e) Moldagens e materializações de espíritos
   4f) Transfigurações
   4g) Formas pensamentos.

1) MEDIUNIDADE CAPTATIVA — A mediunidade captativa, como o nome está a dizer, é a fenomenologia psíquica na qual o sensível ou médium, nas suas projeções de ondas mentais, consegue atingir campos espirituais mais desenvolvidos do que o seu e, de lá, retirar idéias-imagens, símbolos ou mesmo grupo de pensamentos. Tudo isso por uma questão de sintonia, que poderá canalizar-se até o médium pelas suas próprias correntes emissoras de pensamento, inserindo-se, mais comumente, na zona inconsciente. Pelas correntes internas de pensamento, esse material captado de re-

giões espirituais seria oferecido à zona consciente, de modo «perceptivo especial», dando impressão ao sensível de um acontecimento inspirativo. É claro que essas correntes só poderiam ser motivadas as custas de exercícios mentais numa direção (muito comum em pesquisas científicas), verdadeiras concentrações mentais, onde os mecanismos ideativos estariam sempre presentes. É o caso dum músico ou pintor na trilha de sua respectiva criação, vivendo amiudamente a idéia-elaborante com toda riqueza emocional, só conseguindo atenuar a vibratibilidade mental após a realização concluída, a criação vivida e transportada para a dimensão consciencial.

Muitos desses «sensíveis», homens evoluídos, habituados aos exercícios mentais pela prática da meditação, são festejados com idéias inspirativas retiradas dessas dimensões, onde a vida cósmica possui maior expressão. O que é interessante é que muitos desses médiuns desconhecem o mecanismo em questão pela filtragem e leveza com que se processam, onde os seus próprios pensamentos, penetrando dimensão mais evoluída, conseguem retirar da mesma verdadeiras descobertas, da mais alta significação para as atividades humanas, quer dentro da ciência ou das artes. Não queremos com isto dizer que toda descoberta ou criação humana tenha tido origem numa inspiração «noúrica» (correntes supêriores de pensamentos), porém asseverar que parte das nossas conquistas, nas ciências ou nas artes, despertam misteriosamente dos recônditos do espírito humano, por captação noúrica. Aliás, este é o mecanismo mediúnico mais evoluído da espécie humana, o mecanismo inspirativo ou intuitivo, observado na delicadeza de suas mais características manifestações. Os grandes poemas épicos da humanidade, as excelsas criações literárias da prosa e do verso, as maiores sinfonias, as manifestações mais sublimes da pintura, todos, com raras exceções, devem estar comprometidos nas inspirações noúricas.

Pela característica com que se reveste a variedade mediúnica em apreço é que a denominamos de mediunidade *captativa,* por depender de busca e penetração em dimensões apropriadas, divergindo dos outros tipos que abordaremos a

seguir, de mediunidade *receptiva,* onde não há busca, mas aguarda-se e apanha-se a idéia, a comunicação.

Estamos a perceber qual deve ser o mecanismo dessa variedade de fenômeno mediúnico. O espírito humano (Inconsciente) com suas expansões energéticas, conforme a zona que participar ativamente dessa fenomenologia, penetrará em dimensão mais ou menos evoluída, afim com sua própria expressão energética (razões de sintonia), tendo a percepção característica da zona que desenvolveu o dinamismo fenomênico. O espírito, pelo seu teor energético, poderá penetrar, fora do espaço e tempo, em vivência que a zona consciencial nem de leve percebe; motivo pelo qual nosso cérebro não está em condições de analisar e avaliar as inspirações intuitivas. Por isso, muito indivíduos, mesmo evoluídos, acham que a intuição ou mesmo inspiração, está ligada a um processo interno da zona cerebral. As inspirações despertam na zona consciente, após desenvolvimento energético vivido nos vórtices do inconsciente, em condições dimensionais que nos escapam inteiramente. É bem possível que as novas zonas nervosas do homem, conquistadas pela evolução — o lobo frontal do cérebro —, possua elementos neuroniais mais categorizados com capacidade de melhor perceber as influências de uma energética mais evoluída do que os demais departamentos da córtex.

Essa fenomenologia, independe de um estado de transe, conforme referimo-nos páginas atrás; porém a concentração, estado emocional, vontade e insistência de realização, influenciando o desenvolvimento de percepções mais aprimoradas.

Este tipo de mediunidade captativa, sendo o tipo mais categorizado e mais significativo dos indivíduos evoluídos, ainda em número tão reduzido, será a próxima etapa que o homem comum dos nossos dias alcançará, fazendo jus à sua própria e árdua caminhada na grande trilha da evolução através dos milênios.

2) MEDIUNIDADE RECEPTIVA — O outro grande capítulo da mediunidade é a variedade receptiva que, como o nome está a dizer, depende de idéias que chegam aos mé-

diuns por iniciativa dos espíritos, quando as condições de sintonia se apresentam.

Neste mecanismo mediúnico, toda a psique do médium se põe em atitude receptiva para o espírito-ativo, por entrosagem de campos vibratórios especiais. Dessa forma, uma das camadas da psique do médium poderá oferecer as condições de antenas ou campos perceptivos, por onde as emanações espirituais possam ser canalizadas. Assim, não só a zona inconsciente, por intermédio de uma de suas faixas vibratórias, mas também, a própria zona consciente poderá ser o ponto de impacto da corrente espiritual como vimos na descrição geral sobre o transe.

A zona atingida pelas vibrações espirituais poderá oscilar desde o inconsciente passado até a zona consciencial; esta nos centros nervosos, nervos ou limitadas regiões do corpo físico. Onde se der o impacto das energias espirituais ativas, mesmo que seja nas regiões profundas do inconsciente, elas chegarão sempre ao corpo físico do médium, canalizadas pelas correntes espirituais internas (centrífugas: do centro para a periferia), zona onde concluirão a manifestação mediúnica na dimensão que nos é familiar, na dimensão do nosso entendimento, a dimensão da esfera física.

Pensamos, e temos como lógico, que o perispírito (emanações vibratórias das zonas do inconsciente) por intermédio dos discos energéticos ou chacras, o sistema neurovegetativo (sistema do equilíbrio e emergências do corpo físico) e a glândula pineal (glândula das grandes expressões do psiquismo humano?) constituem a tríade, por excelência, da mais alta expressão no mecanismo mediúnico, selecionando, analisando, transformando e adaptando as energias para que a zona consciencial, tela eletiva e final dessas manifestações, esteja em condições de traduzir a comunicação. As unidades nervosas do cerebelo, com sua energética bem característica, seriam elementos de alta importância no «ajuste e acomodação» do encaixe mediúnico.

O processo mediúnico em foco, englobando vários aspectos, não deve ser tão simples conforme a hipótese apresen-

tada. As vivências energéticas em dimensões superiores, devem apresentar quadros bastante complexos à nossa ainda impossível percepção e análise. Com isso, compreendemos o porquê das comunicações serem, na grande maioria dos casos, acomodadas às possibilidades da aparelhagem mediúnica.

Nessas condições, as comunicações mediúnicas poderão apresentar-se em várias tonalidades:

2a) VIDÊNCIA — A vidência seria a percepção visual dos fatos que se passam na dimensão espiritual *.

É lógico que a vidência será variável e oscilante em face dos fatores de sensibilidade perceptiva do médium. Cada médium, à sua própria maneira e de acordo com o arcabouço psicológico que lhe é peculiar, vislumbrará apenas algumas nuanças da dimensão espiritual, que deve ser muito mais interessante e infinitamente mais complexa que a vivência da nossa própria dimensão.

A vidência, que poderá ter imensos graus de intensidade perceptiva, manifesta-se com dois aspectos bastante característicos. Em seu primeiro aspecto a vidência se dará realmente, por intermédio da visão ocular, atingindo as células mais sensíveis da retina que são as de situação lateral (células mais carregadas de pigmentos — os bastonetes). Por isso, a visão dos médiuns, nestas condições, fica mais elucidativa e precisa quando não fixa o objetivo, pois ele é percebido, lateralmente, pelo grupo celular mais sensível, responsável pela nossa visão noturna.

No seu segundo aspecto, o globo ocular não participa da visão mediúnica, pois, pelos informes e observações, a percepção visual dar-se-á *dentro do cérebro*. Parece-nos que são

---

* Fazemos distinção entre vidência e clarividência, apesar de ambas representarem a visão da dimensão espiritual detalhadamente com os próprios olhos ou com a percepção-visão da alma. A vidência seria quando a visão fosse despertada pela interferência dos espíritos no fenômeno mediúnico real; a clarividência seria a mesma visão-percepção dependente do próprio indivíduo, da sua sensibilidade, sem auxílio dos espíritos.

diretamente afetados pelas vibrações perceptivas os próprios centros nervosos da visão, os trajetos nervosos que desaguam nos centros visuais, ou zonas especiais do psicossoma, que passam as «impressões» aos centros nervosos da zona consciente.

Qualquer que seja o mecanismo, a vidência constitui fenômeno mediúnico do mais alto significado, embora ainda pouco apreciado pela ciência, que quase sempre a traduz como fenômeno patológico, confundindo-a com fenômenos alucinatórios próprios de certas doenças mentais. Não desejamos afirmar que só exista este ângulo perceptivo, nos casos patológicos. A vidência poderá ser de algo realmente existente, de vivência perfeitamente caracterizada de outra escala dimensional; existindo, também, alucinações visuais que participam da patologia em quadros bem definidos e que são perfeitamente equacionáveis.

2b) AUDIÊNCIA — Tudo o que descrevemos a respeito de vidência tem sua aplicação neste capítulo.

Os médiuns notificam que podem ouvir comumente, com os ouvidos, vozes informativas, ou mensagens bem caracterizadas. Algumas vezes, ouvem de modo diferente, isto é, ouve-se *dentro do cérebro,* indicando que as vibrações atingiram os próprios centros nervosos, as fibras que vão ter a esses centros, ou primeiramente alguma zona do psicossoma, que comunicará aos centros nervosos os acontecimentos, a fim de a zona consciencial participar do fenômeno.

A percepção de vozes, nestes casos, não deve ser confundida com alucinações que realmente existem. Nas alucinações as vozes são palavras soltas, algumas vezes ofensivas, sem encadeamento, geralmente ligadas a uma patologia mental bem evidente. Nas informações mediúnicas as características são bem diversas: há o diálogo, o encadeamento, a finalidade construtiva, embora reconheçamos que poderá haver essa condição também no sentido destrutivo e negativo, porém será sempre de modo sistematizado.

A dimensão espiritual viceja e oscila numa gama vibratória bem ampla, onde a espiritualidade poderá expressar-se no belo, construtivo e paradisíaco, como também no desarmônico, no desequilibrante e na maldade. Cabe ao médium amparar-se na sua conduta construtiva, para que o bem e a harmonia o visitem, com mais intensidade, em suas vivências mediúnicas audientes, ou, pelo menos, saiba joeirar as vibrações que mereçam acolhida.

2c) PSICOGRAFIA — Este tipo de mediunidade foi também conhecido com a denominação comum de «escrita automática», porque o médium recebia a mensagem através da escrita.

Alguns pesquisadores vêem na escrita automática, ou psicografia, manifestações do inconsciente do próprio indivíduo responsável pela escrita, ou percepção telepática do ambiente psíquico em que vicejam. Aqueles que conhecem e estão em contacto constante com os mecanismos da psicografia e mesmo analisando o teor das mensagens, não podem de modo algum, em atenção à lógica e à característica desenvoltura do fenômeno mediúnico, deixar de definir a psicografia como manifestação de espíritos desencarnados.

Uma ou outra escrita, sem as devidas condições, deixando dúvidas e mesmo traduzindo manifestações anímicas ou personalísticas, que realmente existem, não servem de base na qualificação daquilo que, por direito, deve ser enquadrado na psicografia.

A psicografia pode ser observada em graus e aspectos variados, pois que ora, o médium escreve aquilo que ouve (audiência); ora, além de ouvir também vê o que se passa (audiência-vidência).

Também pode acontecer o caso de perceber tão somente *dentro do cérebro* — influências dos pensamentos espirituais diretamente nos centros nervosos do encéfalo.

Acresçam-se, a tudo isso, as variações individuais de graus e tonalidades perceptivas que determinam, naturalmen-

te, consciência, semiconsciência ou inconsciência do médium durante a desenvoltura da fenomenologia em apreço.

Todos esses aspectos já podem ser, por nós, perfeitamente compreendidos em face das explicações dadas em páginas anteriores sobre o mecanismo das incorporações mediúnicas.

Não devemos esquecer porém, os casos de psicografia em que as correntes energéticas dos pensamentos espirituais se lançam diretamente na região perispiritual que corresponde ao braço do médium, ocupando os nervos dessa zona física e assumindo seu comando motor, sem interferência do psiquismo do médium. Dessa forma, dizem os «sensíveis ou médiuns» (e observamos essa assertiva): o braço fica como que fora de comando, escrevendo por si só, e as frases vão surgindo sem que tenhamos o mínimo conhecimento da idéia que está sendo grafada.

Pelo exposto, percebemos a variedade de apresentação dos fenômenos psicográficos, a riqueza de que estão revestidos com a possibilidade de pesquisa e análise na necessária ampliação dos capítulos da parapsicologia hodierna e dos futuros temas da psicologia.

2d) PSICOFONIA — XENOGLOSSIA — A psicofonia, como o nome está a indicar, é a expressão falada do sensível ou médium que sofreu o impacto vibracional da «incorporação».

Neste tipo de mecanismo mediúnico, as emanações espirituais se lançam nas correntes psíquicas internas do médium (vede capítulo III) e transferem suas mensagens para toda a zona consciencial do receptor.

A comunicação dos pensamentos espirituais ao médium poderá dar-se em qualquer das camadas ou zonas do psiquismo; estas traduzem e percebem as idéias que são levadas aos centros nervosos da zona consciente e dados a conhecer através da palavra falada.

Conforme a «incorporação», a comunicação se dará palavra por palavra ou na idéia em conjunto. Daí, em muitos

casos de médiuns pouco exercitados e adestrados nos estudos e conhecimentos, haver mesclagem, nas comunicações, com idéias próprias que, analisadas por pesquisadores desatentos, são traduzidas como de origem anímica; com isso, desejam carimbar todas as comunicações mediúnicas como emanações do inconsciente. Não queremos também dizer que não haja manifestações anímicas rotuladas como fenômeno mediúnico autêntico; cabe aos mais atentos e categorizados nas vivências desses fenômenos a análise ajustada dos mesmos.

Como qualquer fenômeno mediúnico dessa ordem, há uma série de graus e modalidades de apresentação, cujo médium poderá se situar no estado consciente, semiconsciente ou inconsciente; neste último caso ele nada sabe do que se passou consigo, apenas diz: «tive aquele sono diferente e dormi»...

Uma das nuanças que a psicofonia oferece é o fenômeno da xenoglossia; aquele em que o médium fala em idioma que desconhece integralmente, a maioria das vezes, em estado inconsciente. Estes casos têm sido bastante explorados por uma suposta Parapsicologia que vê nos mesmos um aprendizado infantil e logo esquecido; ou apreensão pelo inconsciente em ambiente de que o médium não se lembra; e tantas outras teorias e explicações, complicadas e esdrúxulas, sem o menor senso e lógica; não merecem discussão.

Entretanto, existe a possibilidade do próprio EU do médium exteriorizar, através dos vórtices do inconsciente passado, vivências pretéritas, em idioma que lhe foi familiar e que na atual personalidade lhe é estranho. Isso reforça as provas da palingenesia e possibilita melhor análise do fenômeno em busca de enquadramento ajustado.

2e) ALGUNS SONÂMBULOS (com incorporação) — Sonambulismo foi, por algum tempo, sinonímia de incorporação mediúnica. O médium era chamado de sonâmbulo, era aquele que sofria o processo da incorporação.

Neste subcapítulo podemos enquadrar as incorporações totais de espíritos nos médiuns que, absolutamente incons-

cientes, exercem certas atividades. É mais comum que essas incorporações ocorram durante o sono; o médium levanta-se, anda pelas dependências da casa, por vezes saltando janelas, atingindo muitas vezes a via pública, tudo de olhos cerrados e guiado pelas emanações espirituais daquele que se acha incorporado temporariamente. Pode acontecer uma desincorporação em plena atividade sonambúlica, o que causa severo susto no médium; o mais comum é a volta do médium para cama, passando ao sono natural e desconhecendo todos os acontecimentos com ele ocorridos.

Rememorando leitura de páginas anteriores poderemos ver como o espírito poderá exercer certas influências em penetrando o campo magnético-psíquico do aparelho mediúnico, tomando as posições de comando temporário da zona consciencial.

É claro que estes fenômenos sonambúlicos, praticamente, são neutralizados com adequada educação do médium, que deverá ter como norma essencial o desenvolvimento de virtudes com bom senso e sadia moral.

2f) MODIFICAÇÕES DA SENSIBILIDADE (da hiperestesia à anestesia) — As modificações da sensibilidade como a motricidade (escrita mecânica) poderão sofrer variações, em virtude das incorporações espirituais. Estas incorporações podem muito bem determinar modificações na energética do psicossoma do médium, atingindo zonas e regiões da superfície corporal, por um processo de neutralização ou retração. Há possibilidades bem acentuadas de que retrações, diminuições ou neutralizações energéticas no psicossoma, podem determinar variações de graus na sensibilidade das regiões corpóreas, particularmente nas células e tecidos nutridos pela zona psicossômica atingida. Assim, poderemos explicar desde a hipersensibilidade até os graus menores de sensibilidade ou mesmo sua ausência, que responderia por verdadeira anestesia. Não seria este o processo de anestesia utilizado em determinadas operações, perfeitamente comprovadas em sessões de efeitos físicos? Quando conseguimos anes-

tesia de determinados setores do corpo físico, através da hipnose, não seria este o mecanismo em foco?

Existe um número bastante acentuado de fenômenos desse jaez, que se encontram mesclados na fenomenologia mediúnica em geral, apresentando tonalidades extensas e de difícil enquadramento numa classificação.

3) PSICOMETRIA — A psicometria é uma variedade de fenômeno mediúnico bastante controvertida, a ponto mesmo de ser negada.

De modo geral, a psicometria é entendida como sendo a condição que alguns médiuns possuem de traduzirem, e mesmo viverem, cenas pretéritas, ao entrarem em contacto com um ou mais objetos da época. Realmente, existem probabilidades neste sentido. A vivência com os detalhes de determinados fatos, poderá ser despertada diante de quadros, estátuas e outros objetos; porém, o encadeamento das cenas vividas, a energética de toda conjuntura, será organizada e lembrada com a presença dos espíritos que poderão, com suas recordações sob forma-pensamento das vivências em que se encontram, transmitir ao médium o que se passou. Neste caso, à medida que as formas-pensamento se vão esboçando, o médium vai percebendo as seqüências das cenas de um passado, muitas vezes, remoto.

Esclareçamos, entretanto, que no desenvolver das vivências, o médium não será unicamente o elemento perceptivo passivo, mas, o desencadeamento da fenomenologia dependerá, também, de suas potencialidades energéticas. Se assim não fora, o fenômeno seria, simplesmente, vidência ou clarividência.

É claro que a desenvoltura fenomênica em apreço merecerá sempre estudo e análise cuidadosas, pelas dificuldades de que se reveste um mecanismo imensamente complexo como este. Explicá-lo, seria como que congregar alguns fenômenos num só. O leitor que já tem conhecimento sobre a psique humana, ao lado de outras explicações já descritas a respeito do mecanismo mediúnico, estará perfeitamente capacitado a

tirar conclusões sobre a psicometria. Desse modo, levaríamos em consideração, por excelência, as naturais irradiações dos objetos a ferirem a tela receptiva do sensível, como também, as próprias irradiações perispirituais do médium localizando os referidos objetos.

4) EFEITOS FÍSICOS — MATERIALIZAÇÕES E DESMATERIALIZAÇÕES — Os fenômenos mediúnicos de efeitos físicos quando alcançam e adquirem desenvoltura normal, determinam exata percepção na dimensão de nossa vivência habitual, pois serão evidenciados pelos nossos sentidos comuns.

O que podemos enquadrar nos fenômenos de materialização, corresponderia a muitos capítulos de extensas descrições. O nosso escopo é, tão somente, a apresentação esquemática com explicações do mecanismo, dentro de nossas possibilidades, sem discutirmos teorias nem citarmos os fatos, que são numerosos.

O fenômeno mediúnico, nas materializações, possui características tão próprias que o torna completamente diferente das demais apresentações até agora citadas. Isto porque o médium fornecerá os elementos, a substância, da qual os espíritos se utilizarão na realização da materialização. Mas para que isso se dê, para que o médium possa fornecer material, há necessidade, na quase totalidade dos casos, de ambiente apropriado, como também de exercícios característicos dessas tarefas mediúnicas, até alcançar as condições mínimas indispensáveis que o fenômeno por si só exige. Este, a princípio, é geralmente fugaz, escasso, difícil; com o tempo e exercícios mentais na finalidade de harmonização de um grupo, a fenomenologia se vai expandindo, enriquecendo-se em potencialidades e sustentando, por tempo cada vez maior, a pureza fenomênica.

O médium de efeitos físicos é realmente a fonte principal da substância indispensável à realização da materialização porém, o grupo harmônico pertencente a esses trabalhos con-

corre grandemente na suplementação do material, pois todos os indivíduos são mais ou menos médiuns.

Como todo fenômeno, o de materialização, particularmente, reflete as condições mais variadas, sob formas e tonalidades de todos os matizes. Desse modo, as materializações podem ser simples ou complexas, apresentando inúmeros graus intermediários, constituindo o que poderíamos denominar, dentro de determinadas finalidades, de materializações parciais ou totais.

Até o momento, ainda não conhecemos o mecanismo íntimo das materializações. Sabemos, apenas, que os espíritos desenvolvem grandes atividades em face do grupo humano que vai participar do trabalho, como que preparando-o, harmonizando energias, ativando possibilidades e credenciando-o, cada vez mais, no fornecimento do material útil e imprescindível à realização dos fenômenos. Nesses trabalhos, até que se firmem as possibilidades de materializações de espíritos mais categorizados, são os espíritos com vibrações mais afins à matéria que se materializam nas primeiras etapas, e logicamente, sob orientação dos espíritos mais evoluídos. Daí ser comum, nas sessões de materialização, que estão em fase de ajuste, a materialização de espíritos mais barontizados, em virtude das condições vibratórias serem mais propícias, mais afins com a vibração da matéria.

O fenômeno de materialização deve dar-se pela condensação de energias (retiradas dos indivíduos do grupo de trabalho, principalmente os médiuns de efeitos físicos, e de outras substâncias vitais como os vegetais) em torno de um campo psicomagnético, cujas características serão modeladas pelas substâncias utilizadas na materialização — o *ectoplasma*. Desse modo, a materialização seria realizada pela condensação de energias ectoplásmicas nos vórtices de energia do espírito desencarnado, que passaria a ser «manifestado» e visto em nossa habitual dimensão.

Atualmente ainda pouco se conhece sobre o ectoplasma. Substância que imediatamente se transforma em energia, em presença da luz branca, como também pelo contacto humano.

Esta substância quase sempre apresenta certo grau de luminosidade e, por motivos vários, deve possuir grande quantidade de fósforo em sua composição, sustentando-se bem na presença da luz vermelha. Seriam energias retiradas das células nervosas e dos elementos figurados do sangue e que sofressem, a seguir, um processo de condensação, pela transformação da energia em «substância vaporosa» e, posteriormente, em matéria. Devemos pensar no ATP celular (trifosfato de adenosina), a grande fonte de energia, como um dos elementos básicos nas formações ectoplásmicas dos fenômenos de materialização. Tudo, naturalmente, subordinado à energética espiritual orientadora que comanda a fenomenologia.

Nas sessões de materialização, alguns médiuns de efeitos físicos fornecem uma matéria radiante e luminosa, facilmente percebida à vista desarmada e no escuro ou sob luz vermelha, originando-se, na altura do plexo solar, verdadeiras emissões de luminosidade, semelhantes ao relâmpago das descargas atmosféricas, que serão naturalmente manipuladas no campo psicomagnético do espírito a ser materializado. Outras vezes, a substância ectoplásmica desponta através das cavidades naturais do médium, principalmente pela boca e ouvidos, logo procurando orientação e posição onde será devidamente modelada.

Como essa matéria se forma e como é cedida pelo organismo do médium? Quais as condições que permitem e favorecem a doação de substância que foge ao controle do médium? Por que se faz necessário o transe mediúnico (médium em sono e inconsciente) para que o mecanismo se observe? Por que, algumas vezes, vem sob forma luminosa e outras já condensada, semelhante a nuvem bastante densa, chegando mesmo a adquirir muitas das características da matéria? Por que, no caso da conhecida médium E. d'Esperance, não havia necessidade de sono inconsciente, permanecendo ela vígil?

No setor das materializações a ciência terá ainda que definir e estudar seus mecanismos íntimos, emitindo seguros e devidos conceitos calcados em ajustadas premissas.

Tem sido observado nos médiuns, em face das materializações totais, grandes perdas de peso durante o processo, havendo, posteriormente, a devida recuperação, embora não total. Não há dúvida, portanto, de que o médium fornece o material, ou grande parte do mesmo, para que os fenômenos tenham lugar. Às vezes, antes do término dos trabalhos, vemos o material ectoplásmico dissolver-se na atmosfera daquele que forneceu a substância. Isto nos dá a entender que a substância ectoplásmica pertence a determinado campo psicomagnético do indivíduo, e quando por qualquer motivo há deficiência e queda do fenômeno em materialização, a substância é atraída ao campo magnético a que pertence. Tal fato comprova a grande energética que cada indivíduo carrega consigo; o Élan Vital, o Espírito, atraiu a substância que lhe é própria e que está debaixo de suas vibrações e núcleo de atração.

Cada fenômeno de materialização, ligado a numerosos fatores, embora a maioria deles seja desconhecida, apresenta as nuanças dinâmicas do momento em que se expressam, dando-lhes fisionomia própria, embora sem divergir das contingências e leis a que estão subordinados. Apesar disso, podemos esquematizar as suas variedades para facilidade de compreensão, embora reconhecendo que os fenômenos jamais devem ser classificados como unidades independentes, pois encontram-se mesclados em seus mecanismos íntimos.

Os fenômenos de materialização podem apresentar-se sob forma exclusivamente luminosa, notificando-se em determinadas sessões especializadas pequenos globos luminosos ou mesmo pequena faixa de substância que se desloca com velocidade variável no espaço, denotando mecanismo inteligente pelo seu comportamento. É bem verdade que essa fenomenologia pode ficar nessa situação de apresentação, ora desaparecendo, ora se manifestando; limitando-se, portanto, a exclusivos fenômenos luminosos.

É claro que essas apresentações luminosas são mais do que uma fase de trabalho no sentido de alcançar outros degraus de manifestações com maior riqueza de detalhes; entre-

tanto, já são o campo psicomagnético da entidade desencarnada, perfeitamente definido, embora manifestando pequena zona onde a substância ectoplásmica ficou acolada ou mesmo modelada.

Assim, os fenômenos luminosos já representam material ectoplásmico condensado e obedecendo a um campo psicomagnético. A expressão «campo psicomagnético», atende perfeitamente à situação em que a substância ectoplásmica retirada do médium, já não sofrendo influência de sua energética espiritual, só poderá organizar-se debaixo da égide de energia semelhante, que forme um campo especial originado por energias psíquicas, no caso, do espírito desencarnado diretamente responsável pela materialização.

Uma das manifestações mais comuns, resultante da mediunidade de efeitos físicos, são os ruídos e batidas conhecidos como *raps,* toques de *poltergeists,* etc. Para que os ruídos ou batidas diversas sejam observados, necessário se torna a materialização de pequena zona psicomagnético que, projetada sobre alguma superfície, possa, sob influência de espírito desencarnado, causar o ruído.

Por intermédio dessa fenomenologia foi possível determinar a existência de uma causa inteligente, que resultou, naturalmente, nas comunicações tiptológicas, onde determinados sinais, significando letras, acabaram compondo frases e havendo entendimento real entre o mundo dos encarnados e dos desencarnados.

Os fenômenos de efeitos físicos podem alcançar mais evidência em face das levitações e transportes. Nas levitações e transportes, objetos e mesmo pessoas são erguidas e deslocadas sem que nossos sentidos possam perceber diretamente as causas determinantes.

Num mecanismo dessa ordem, a formação e condensação energética determinam, algumas vezes, a aparição de substância, embora não mui bem definida, que eleva o objeto; a a condensação pode apresentar-se sobre forma de verdadeira alavanca, visível pela luminosidade, o que lhe valeu a denominação de «alavanca fluídica». Porém, o mais comum é

nada ser observado, à vista desarmada, que explique o levantamento do objeto ou pessoa. Nesta situação, é bem possível que haja, em campo psicomagnético, disposição de substâncias que nossa visão não alcance e que possam realizar os fenômenos. Não podemos deixar de pensar na possibilidade de energias psíquicas mais evoluídas influenciando nas vibrações de determinada zona energética e modificando, parcialmente, o campo gravitacional situado abaixo do objeto em levitação. Não é outra a explicação para as mesas «girantes e falantes» que marcaram época nos fenômenos mediúnicos.

São bastante conhecidas as levitações do médium Home que se deslocava, às vezes, até o teto da sala onde se estava realizando a sessão, permanecendo em várias posições e absolutamente consciente.

Os fenômenos de transporte não se limitam, comumente, aos locais de realização da sessão. É fato comprovado; objetos (comumente flores) que são trazidos para dentro ou levados para fora da sessão, indistintamente, sem que haja uma passagem de qualquer espécie. Nesses casos, a fenomenologia é bem mais complexa, porque engloba duplo mecanismo: o da materialização acompanhado de desmaterialização.

Fenômenos desse quilate, denotam um grau de inteligência e de maior evolução das entidades desencarnadas que participam do processo através de suas próprias forças mentais. O que deve existir nos fenômenos de desmaterialização, seguindo-se-lhe a materialização, são as influências da energia psíquica determinando a dissociação com posterior agregação da matéria utilizada no transporte. A energia psíquica deve, para nós, representar o que há de mais categorizado e aperfeiçoado na fenomenologia dinâmica e, como tal, as unidades psíquicas mais evoluídas do mundo espiritual, poderiam dirigir e interferir no ritmo de certas e determinadas leis. As grandes leis da vida só se deixam manusear por campos energéticos mais evoluídos.

A condensação do ectoplasma, obedecendo a setores limitados do campo psicomagnético do espírito desencarnado, poderá reproduzir, perfeitamente, um aparelho de fonação, que

não será mais do que a moldagem, com materialização, do que existe energeticamente em sua organização perispiritual. Com isso, poderemos ouvir vozes, frases e mesmo mensagens pelo conhecido fenômeno da *voz direta.*

É bem possível que um aparelho de fonação possa também ser construído pelos espíritos mais categorizados, com material ectoplásmico retirado do médium, às expensas de seus evoluídos e potentes pensamentos; não necessitando, dest'arte, do modelo existente em sua organização perispiritual.

Os fenômenos de voz direta se expressam, a princípio, pelos assovios, determinados sons guturais, até que a voz propriamente dita se faça observar pelas palavras frases, mensagens e conversações duradouras. Quase sempre a voz direta se faz através da trombeta em levitação.

Pode um determinado espírito materializar, parcialmente, o punho e a mão de sua organização energética; a seguir, colocá-los na parafina líquida, e quando os mesmos estiverem moldados pelo resfriamento, por processo de desmaterialização e conseqüente retração do ectoplasma, deixará o exato modelo de sua organização. Esses fenômenos foram bem estudados e analisados, sendo conhecidos com a denominação de *moldagens na parafina.* A evidência desses fatos não deixou dúvidas da presença espiritual. De fato, como poderiam os dedos e palma de uma mão fechada ser retirados pela pequena passagem correspondente ao punho, sem quebrar ou danificar a parafina? e o que é mais interessante, sem sofrer os efeitos da temperatura que a parafina líquida exige?

A materialização em vez de ser parcial, dirigida a pequenas regiões do espírito desencarnado, poderá ser total. Neste caso, o espírito apresenta-se geralmente envolvido em delicado véu, mostrando apenas o rosto, o seu tamanho e aspecto exterior, e quase sempre com luminosidade. A materialização detalhada de toda a «superfície cutânea», necessitaria de imensa quantidade de material ectoplásmico, como também, exigiria perfeita elaboração do mecanismo de materialização o que é coisa bem difícil. Daí, os defeitos, as falhas e as dificuldades

que os fenômenos de materialização habitualmente demonstram.

Em algumas materializações totais, o espírito materializado apresenta grande semelhança com o médium, apesar de o mesmo se encontrar afastado, dormindo e mesmo aprisionado. Isto foi e continua sendo motivo de acirrados combates à mediunidade de efeitos físicos, como fenômenos de mistificação, por supostos conhecedores da fenomenologia em questão. No caso em apreço, o material fornecido pelo médium vem como que acompanhando parte de sua organização perispiritual, trazendo a sua própria apresentação vibratória. Com isso, o ectoplasma não conseguindo modificar-se em sua totalidade, deixa suas marcas características na materialização, dando impressões de se tratar do próprio médium. Desse modo, percebemos que a substância empregada na materialização e pertencente a determinado médium não perdeu totalmente seu aspecto, pois vem fazendo parte da sua organização vibratória e, ao lado do molde ou campo psicomagnético do espírito a ser materializado, deixa as suas impressões, a ponto de se confundirem as duas organizações — campo perispiritual do médium e espírito desencarnado — numa só materialização.

São considerados como fenômenos de efeitos físicos a transfiguração que alguns médiuns mostram. O espírito, encontrando certa maleabilidade em sua organização mediúnica, mormente na mobilização de substância ectoplásmica, consegue modificar as feições, imprimindo, muitas vezes, sua integral aparência fisionômica. Neste caso, o médium muda de fisionomia, de modo parcial ou total, conforme a possibilidade fenomênica do processo em elaboração, cujos fatores em jogo são inúmeros.

Finalmente, há uma possibilidade de materialização de certas e determinadas formas-pensamento, vicejando nas sessões de materializações. É claro que é bastante remota essa possibilidade, mas em sessões cujo controle integral escapa, por motivos diversos, aos espíritos dirigentes e orientadores, certas formas-pensamento de algum dos presentes, por «insis-

tência vibratória na ideação» mesmo sem propósito, pode construir um campo, uma verdadeira unidade-entidade, absorvendo material ectoplásmico existente no ambiente. As materializações decorrentes dessa conjuntura são efêmeras e bastantes fugazes, rápidas, sem equilíbrio nem sustentação, desaparecendo tão rapidamente como vieram e chegaram a expressar-se.

Não podemos deixar de referir as gravações de vozes desconhecidas, nas fitas magnéticas dos gravadores. Aparelhos colocados em lugares silenciosos, com comprovada ausência de vozes humanas nas cercanias, apresentavam mensagens gravadas e interpretadas como sendo de origem espiritual. Esse fenômeno foi descoberto, em 1959, por Friedrich Juergenson e impressionou bastante o mundo científico. K. Raudive fez interessantes pesquisas no gênero, ao lado de equipe especializada em eletrônica, concluindo pela veracidade dos fatos; essas gravações foram denominadas de vozes eletrônicas. Porém, quando as mensagens se seguiram como respostas de perguntas e estabelecimento de diálogos lógicos, não mais houve dúvidas da presença de espíritos desencarnados. Isto levou a M. Barbanell, editor do Psychic News, a dizer: «Com instrumentos aperfeiçoados, poderemos futuramente gravar vibrações ou radiações que emanam do reino espiritual.»

Como estamos a ver, somente às expensas de mecanismos que envolvem substância ectoplásmica poderemos explicar essa fenomenologia, de efeitos físicos, causada pelos espíritos.

* * *

Por tudo isso, sentimentos que o fenômeno mediúnico em suas numerosas variedades e apresentações, oferece pontos comuns de contacto e daí a mesclagem imensa no mecanismo de cada um deles. Com isso, torna-se impossível o estudo particularizado de cada apresentação fenomênica como se fosse uma entidade de características individuais. O grande defeito de nossos dias, em face dos fenômenos paranormais, é

a ausência de percepção daquilo que os unificaria. Tentar examinar cada fenômeno como unidade própria é cair em grande erro e perder-se na infinita horizontalidade da análise intelectualista.

Sabemos e já compreendemos que a fenomenologia mediúnica tem suas razões e finalidades. É neste metabolismo especial do psiquismo que o sensível ou médium encontra o grande caminho de realizações, de melhoramento e de harmonia, no manipular com prudência, equilíbrio e grande dose de bom senso, as energias que se expressam neste capítulo da Parapsicologia. Daí, a necessidade imperiosa de uma moralização constante e positiva, por parte do médium, a fim de não sintonizar com as forças daninhas e negativas, também presentes na fenomenologia mediúnica quando os participantes (espírito e médium) não possuem condições psicológicas sãs ou, pelo menos, aceitáveis. O sensível ou médium estará sempre em contacto com as energias espirituais, porém no teor ou vibração com os quais afine. Os que desenvolvem virtudes e cultivam constantemente pensamentos positivos, entrarão em contacto com energias mais purificadas, construtivas e harmonizantes; aqueles que vicejam nas baixezas animais e desenvolvem potencial negativo em suas atividades psicológicas, terão sintonia com as energias espirituais densas, viciadas e, como não dizer, desequilibrantes. A mente do médium terá sempre possibilidades de sofrer os impactos emocionais, para o bem ou para o mal, de conformidade com a evolução em que se encontra, da missão que desenvolve e do livre arbítrio que carrega consigo.

A mediunidade estaria ao lado dos sentidos comuns, fazendo parte da personalidade. Daí, não existir tipos idênticos em mediunidade, porém graus imensamente variáveis, de matizes tão numerosos quanto são as pessoas. Nesta ordem de fatos, sofreria a influência de fatores próprios de cada ser, inclusive a deturpação nos casos de modificações patológicas dos sentidos. Dessa maneira, a mediunidade, poderá desenvolver-se num terreno hígido, traduzindo idéias cristalinas, apuradas, ordenadas e edificantes ou respondendo por

verdadeiras expressões desequilibradas. Com esse ponto de vista, poderemos julgar e apreciar que a conclusão da manifestação mediúnica é da *instrumentalidade;* logo, a faculdade mediúnica poderá ser utilizada para maldade, fanatismo, superstição e, como tal, não deverá ser responsabilizada pela atitude dos que a utilizam fora das bases educativas e edificantes no esclarecimento dos seres.

Desse modo, estamos a sentir do valor da mediunidade sob o ponto de vista da evolução de um ser que necessita caminhar: ou porque deve às «forças da vida», ou porque maturou sua energética espiritual e necessita alcançar pontos superiores de dimensões mais sutis. É no aproveitamento, mais correto possível, da prática mediúnica que o ser poderá alcançar melhor movimentação, no sentido evolutivo, libertando-se de fardos pretéritos.

Como a mediunidade é fator de libertação e encantamento no sentido de um trabalho positivo, poderá ser, para outros, campo repleto de obsessões — único meio de corrigir aqueles que insistiram, em uma ou várias vidas, no cultivo das atividades negativas. Em nosso entender, não é esta senão a explicação que teríamos para algumas formas histéricas e epilépticas, como resposta do desregramento emocional cultivado em vibrações negativas.

Houve quem dissesse com propriedade: «Dentro desse esquema, as enfermidades psíquicas e nervosas mais diretamente se jugulam ao programa reparador do espírito endividado, que recebe, nas injunções limitadas do aparelho somático, o escoadouro para as dívidas do pretérito a se manifestarem como desequilíbrios necessários, quais paredes-cárcere da justiça indefectível, donde nenhum devedor se evade facilmente. Assim, identificamos na epilepsia o látego de justa corrigenda, reparando arestas morais, pelas aflições e humilhações que oferece ao enfermo. A vibração mental do agente, percorrendo uma freqüência constante, atua nos centros psíquicos do «sujet» e exalta os neurônios que se encarregam de eletrizar todo o sistema nervoso simpático que, por sua

vez, encontra na glândula pineal o dínamo-força como responsável direto de toda a casa elétrica do aparelho somático. A epilepsia, nas suas origens cármicas, não deixa de ser um fenômeno mediúnico em que as células desorganizadas do aparelho psíquico do perispírito facultam o desequilíbrio da mente que se desarmoniza nas «convulsões» que, nas eras heróicas dos místicos abriam a cortina para as comunicações dos desencarnados. Examinemos, assim, a epilepsia como uma obsessão profunda cujas sequelas produzem os danos que se registram nas crises epileptóides!»

«A histeria, em refletindo os desajustes das emoções, traduzindo as desarmonias do espírito pode, funcionalmente, ser considerada como da família epiléptica, tanto quanto a manifestação epileptóide pode ser encontrada, em seus pródromos, nas organizações histeróides.

«Graças a esse intercâmbio, que dificilmente oferece fronteiras para identificar-se onde uma começa e a outra acaba, nascem os fenômenos de dupla ou múltiplas personalidades, ou mesmo personificações parasitárias (inconsciente desagregado). Estas nada mais são do que reflexos das mentes desencarnadas em sintonia perfeita com o histérico — lei de causa e efeito: algoz e vítima identificados nas trilhas da renovação recíproca.

«Como se pode concluir, as telas mentais dos espíritos endividados, na compulsória do resgate espiritual na carne, são constituídas por elementos hipersensíveis, graças aos quais, as excitações transmitidas pelos verdugos do pretérito, encontram franca receptividade, dando origem aos processos obsessivos de difícil remoção, entre os quais podemos situar sem qualquer dúvida, a histeria, a epilepsia e todas as suas sequelas e fenômenos correlatos».

No caso particular da epilepsia há manifestação de cortejo sintomático, não muito comum, a corroborar essas assertivas. Existem fases de crises epilépticas, onde o paciente apresenta estado de êxtase, de tal penetração, que traduziria um real mecanismo criativo. Exemplo bastante significativo foi do conhecido e reverenciado escritor Dostoievsky. Este

autor, em determinada fase de suas crises epilépticas, aguçava a inteligência, penetrava em percepções desconhecidas e possuía vivência extáticas do mais alto teor, embora sofresse de todas as fases desagradáveis da doença. Admite-se mesmo, que a própria doença epiléptica o tenha levado a escrever sob «certa influência»; completamos: varando os limites da normalidade conseguia penetrar a essência dos fenômenos, onde as fronteiras do gênio devem manter coisas em comum. É sabido que Dostoievsky escrevia com incrível velocidade, raramente corrigindo seus escritos.

As crises epilépticas em Dostoievsky, perfeitamente descritas pela sua esposa Ana, não deixaram dúvidas quanto a sua existência. Vez por outra, segundo seu médico Yanovsky, havia também «ataque histérico» matizando seu quadro mental.

A característica mais expressiva das crises em Dostoievsky, era a aura epiléptica que lhe dava penetração incomum, com sensação de prazer e êxtase. Em «Os possuídos», num determinado momento, o personagem Kirillow dizia ter atingido a eterna harmonia onde tudo era presente, onde havia algo de extra-terreno, de difícil mensuração e avaliação. Isto se confirma pelo que o autor escreveu a sua sobrinha: «Vocês, felizes do coração, não têm idéia da felicidade que nós, pobres epilépticos, experimentamos um segundo antes do ataque. Maomé provavelmente viu o Paraíso num ataque epiléptico, porque ele sofria dessas crises exatamente como eu». É claro que nem toda manifestação epiléptica é igual, como tenta generalizar o escritor a sua sobrinha, pois sabemos a raridade da forma extática, como aura, que antecede a crise.

Por tudo isso, vemos as dificuldades com que se defrontam os pesquisadores num terreno tão difícil quanto é o psiquismo humano, onde a fisiologia se confunde com inúmeros fenômenos patológicos. Ficamos mesmo aturdidos sem saber onde começa um fenômeno e termina um outro; onde devemos situar os limites da normalidade — anormalidade e até onde se encontra as fronteiras do negativo e do positivo.

Na mediunidade bem conduzida pelas experimentações honestas, estudos na avaliação do fenômeno e, principalmente, com idéias voltadas para o bem, interpretando a mediunidade como necessidade expansional de ajuda ao próximo e a evolução psíquica do sensível pela natural catarse, teremos o sentido real da dinâmica desse fenômeno psicológico.

A curiosidade, a pesquisa fria sem sentido, a solicitação constante para um proveito imediatista e sem construção positiva, são naturais barreiras de impedimento à evolução do aparelho mediúnico, do médium que tem imperiosa necessidade de dar vasão às energias trafegantes em sua psique.

Há necessidade real de aprimoramento mediúnico, pelo equilíbrio que traz a todo aquele que viceja nas asas do bem. Não dar apoio ao fenômeno mediúnico, nem querer estudar nem comprender as gritantes e costumeiras manifestações que afloram à mente humana, na maioria das vezes sem meios de impedimento, é correr o perigo de desorganizar a aparelhagem receptora que vive em sintonia com as fontes emissoras de outras entidades.

Deixemos que o fenômeno se desenvolva com equilíbrio, conhecimento e engrandecimento, por ser normal e necessário à fisiologia psíquica. Querer fechar as comportas da vultosa energética que se dá pelas manifestações mediúnicas, é caminhar em busca das instalações neuróticas, de variados matizes, quando outros quadros de mente em desalinho não se instalam. Se o fenômeno se dá, se é observado e comprovado, somente obedecendo à regras, harmonizando condutas de vida, organizando programas individuais de trabalho, e estudando, e compreendendo as dificuldades da fenomenologia em apreço, é que se alcançará entendimento e se poderão definir as razões e os porquês dos intercâmbios entre os encarnados e os desencarnados e, mais do que tudo isso, se atingirá em grau de compreensão, onde o destino humano será mais bem apreciado e enquadrado na Evolução.

A cibernética do psiquismo envolve fenômenos que ainda não conseguimos situar, com certa precisão, as suas primeiras expressões. A mediunidade é fenômeno inconteste, desen-

volvido na esfera psíquica, ainda bem pouco compreendida pela ciência hodierna. Quando o homem precisar melhor os valores psíquicos, em futuro próximo, cremos que penetrará com profundidade na fenomenologia mediúnica, avaliando suas razões e finalidades como um dos capítulos mais expressivos da Psicologia.

BIBLIOGRAFIA

A. KARDEC — O livro dos médiuns. Tradução de J. Herculano Pires da 2ª edição francesa. Lake. 1973.

ANDRÉ LUIZ — Psicografia de F. Xavier — Missionários da Luz. FEB. Rio.

ANDRÉ LUIZ — Psicografia de F. Xavier e W. Vieira — Evolução em dois Mundos. FEB. Rio.

ANDRÉ LUIZ — Psicografia de F. Xavier e W. Vieira — Mecanismos da Mediunidade. FEB. Rio.

C.G. JUNG — Memórias, Sonhos, Reflexões. Tradução de Dora F. Da Silva. Editora Nova Fronteira. Rio. 1975.

C.G. JUNG — La interpretacion de la naturaleza y la psique. Tradução de H. Kahnemann. Paidos. B. Aires. 1964.

CASTRO MONTEIRO — Transes estáticos e cinéticos. Rev. Brasileira de Medicina. Janeiro e março de 1973.

FREDRICH MYERS — A personalidade humana. Tradução de S.O. de Freitas. Liv. Esp. Boa Nova. S. Paulo.

J.B. RHINE — Extra-Sensory Perception. Boston. 1934.

J.B. RHINE, G. PRATT — New Frontiers of the Mind. New York. 1937.

PETER BANDER — Os espíritos comunicam-se por gravadores. Coleção científica nº 4. Edicel. S. Paulo. 1974.

PIETRO UBALDI — A Grande Síntese. Tradução de M. Corbioli. 2ª edição. Lake. S. Paulo. 1951.